

ESPOZENDE (PORTUGAL)

REVISTA DO MINHO

EDITOR—MANOEL JOAQUIM DE ALMEIDA

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Director—José da Silva Vieira

COMP. IMPR. E ADMINISTRAÇÃO—J. V. & LIVRARIA ESPOZENDESE, RUA DIREITA—ESPOZENDE

ASSIGNATURA:

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anno, Portugal	600 reis
Estrangeiro	1,500 »

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção da Revista do Minho, — ESPOZENDE.

SUMMARIO:

REIS DAMASO, por Lister Franco
 O SOLAR DA SEMPRE NOIVA, por Gabriel Pereira, 9 a 15
 A PENHA MOURISCA, por Albino Lopo, 15 a 18
 CANTARES ANDALUZES, por Fernandes Costa, 18 a 20
 BEMFICA, 21 a 25
 O ESPIRITO SANTO NOS AÇORES, por José Maria da Costa, 25 a 28
 OS CABAMENTOS NA CORÊA, por X., 28 a 29
 TOPONIMIA DO CONCELHO DE TERRAS DE BOURO, por A. Gomes Pereira, 29 a 33
 AS ANDORINHAS, (lenda), por Theodore Bauville, 33 a 34
 MERCADOS MATRIMONIAES, por A., 34 e 35
 ORIGEM DA PALAVRA CARIATIDES, *, 35
 A PELLE DE CASAMENTO, 36
 CASAMENTOS POR CASTIGO, 36 e 37
 OS ECLIPSES, 38 e 40
 MYTHOLOGIA DOS ESCOCEZES ANTIGOS, 40 e 41
 O CARRO DA NOIVA NA ALEMANHA, 41 a 45
 A BALANÇA DAS FEITICEIRAS, 45 e 46
 CANTIGAS SELECTAS DA NOITE DE S. JOÃO, 46 a 48

NOITE DE SAN JOÃO, por Visconde d Almeida Garret, 48 a 50
 SUPERSTIÇÃO, (Opiniões diversas), 50
 FOLK-LORE: I Rimas populares. II Comparações populares. III Oração a S. Silvestre. IV Fórmula do pedido de casamento nas aldeias da Beira Baixa, 53 e 54 por T. Pires.
 ETHNOLOGIA MARITIMA: I O barco, II rêdes do rio, III do mar, IV ventos, por A. B. Lima, 59 a 62.
 SANTO ANTONIO, (tradição popular), por Candido Augusto Landolt, 62 e 63.
 SANTO ANTONIO: I Oração. II Romance. III Responso, por Antonio Thomaz Pires, 63 e 66.
 CANTIGAS SOLTAS, *Romance*, por Antonio Thomaz Pires, 66 a 71.
 SANTO ANTONIO, (tradição popular), por J. Leite de Vasconcellos, 71 a 76.
 ORAÇÃO A SANTO ANTONIO, I, para fazer chover. II Responso a Santo Antonio. III Santo Antonio (romance), por Antonio Thomaz Pires, 71 a 76.
 CANTIGAS SOLTAS, de *O Dão*, de 1895.

FOTOGRAVURA

REIS DAMASO, pag. 4.

ESPOZENG (PORTUGAL)

RIVISTA DO MINHO

Director José de Silva Wilson

ASSIGNATURA

PACAMENTO ANUAL

15000
800 reis

Annua (Portug.)
Estrangeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Redacção da Revista do Minho - ESPONDE.

CONTABILIDADE

As contas do exercício de 1900 foram apresentadas ao Conselho de Administração da Companhia de Seguros de Fogo do Minho, em 22 de Maio de 1901. O Conselho de Administração, após a leitura e discussão das contas, resolveu aprovar e autorizar a publicação das mesmas no presente Boletim. O Conselho de Administração, em 22 de Maio de 1901, resolveu aprovar e autorizar a publicação das mesmas no presente Boletim.

O Conselho de Administração, em 22 de Maio de 1901, resolveu aprovar e autorizar a publicação das mesmas no presente Boletim.

O Conselho de Administração, em 22 de Maio de 1901, resolveu aprovar e autorizar a publicação das mesmas no presente Boletim.

O Conselho de Administração, em 22 de Maio de 1901, resolveu aprovar e autorizar a publicação das mesmas no presente Boletim.

As contas do exercício de 1900 foram apresentadas ao Conselho de Administração da Companhia de Seguros de Fogo do Minho, em 22 de Maio de 1901. O Conselho de Administração, após a leitura e discussão das contas, resolveu aprovar e autorizar a publicação das mesmas no presente Boletim.

O Conselho de Administração, em 22 de Maio de 1901, resolveu aprovar e autorizar a publicação das mesmas no presente Boletim.

O Conselho de Administração, em 22 de Maio de 1901, resolveu aprovar e autorizar a publicação das mesmas no presente Boletim.

O Conselho de Administração, em 22 de Maio de 1901, resolveu aprovar e autorizar a publicação das mesmas no presente Boletim.

O Conselho de Administração, em 22 de Maio de 1901, resolveu aprovar e autorizar a publicação das mesmas no presente Boletim.

COM. DE ADMIN.

27

REVISTA DO MINHO

REVISTA DO MINHO

DEDICADA AO ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Collaborada por todos os folk-loristas portuguezes e estrangeiros

Director: José da Silva Vieira

XXI ANNO

PUBLICAÇÃO QUINZENAAL

EDITOR—MANOEL BOAVENTURA

Comp. e impressão, Typ. Espozendense—Espozende

Redac. e adm.—Livraria Espozendense



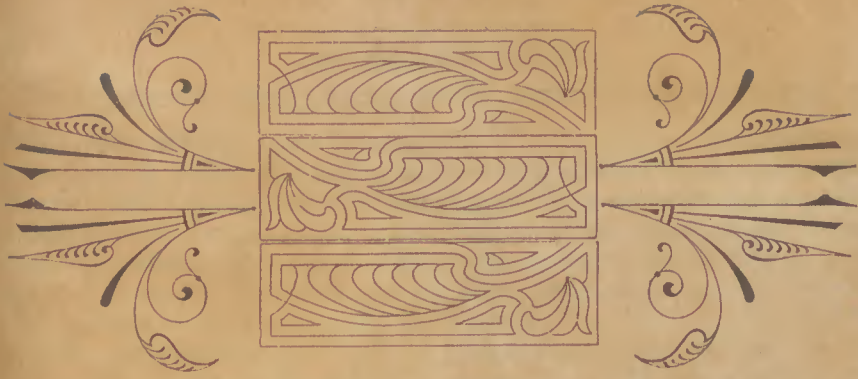
ESPOZENDE

EMPRESA DA "REVISTA DO MINHO,"—EDITORA

1913



REIS DAMASO



REIS DAMASO

Reis Damaso nasceu em Lagôa, vila algarvia, em 11 de dezembro de 1856.

Aos vinte anos era militar; pertencia á arma científica de artilharia e aproveitava as licenças do serviço para estudar no Curso Superior de Letras.

Damaso era então um jornalista boemio, contaminado pelo romantismo. D'esta epoca data a sua primeira novela *O Anjo da Caridade*, (cenas da vida provinciana), que publicou anteriormente na *Revolução de Setembro*.

As influencias recebidas no Curso Superior de Letras e especialmente as lições de Teofilo Braga, abriram depois novos horizontes ao pensamento de Reis Damaso e fizeram-no antever a grande revolução que se operava na literatura europea.

Novas formulas vinha afugen-

tando os fantasmas do idealismo romanico, com a bandeira da arte experimental desfraldada e sustida por braços robustos; um mundo de sombras, que se desvanecia no ar, e outro mundo de criações plasticas, que brotava d'uma terra virgem completora de sabia.

Ante aquelle periodo de transição Reis Damaso não trepidou: a filosofia mostrava-lhe no positivismo um pedaço de sólo firme, a arte naturalista abria novos campos á sua potencia creadora; Reis Damaso filiou-se nas novas escolas.

Ao mesmo tempo que o espirito do autor do *Anjo da Caridade* soffria estas metamorfoses, mudava tambem o meio da sua existencia.

Reis Damaso abandonou a vida militar e contraiu matrimonio, vendo-se obrigado, pouco depois, a procurar um emprego para ganhar

sua subsistência.

É a historia de sempre, a do literato que não encontra na sua vocação o meio desafogado da existência; o talento e a miséria que tem não sei que misteriosas afinidades.

Um dos seus amigos mais intimos, Teixeira Bastos, diz d'este periodo da sua vida, na critica de um livro de contos publicado por Damaso:

Outro qualquer começaria por odiar a pena e desterrar para longe a literatura. Reis Damasc, pelo contrario, aproveita todos os momentos que lhe ficam livres, para ler, para estudar, para indagar os novos processos artisticos e, muitas vezes, na rua, escreve a lapis umas notas rapidas, cheias de observação e verdade, que publica em forma de contos e artigos literarios. Assim nasceu o seu livro *Scenografias*.

Desde muito novo manifestou tendencias contra o existent. Era um revolucionario por temperamento.

Foi por isso que aos desoito annos concluiu uma energica campanha jornalística contra os jesuítas e irmãs de caridade, na sua terra natal, obtendo a demissão do administrador do concelho, que protegia sem rebuço a seita negra.

Foi o seu primeiro triumpho.

Magalhães Lima, no seu famoso livro *A Federação Iberica*, referindo-se aos portuguezes que fizeram a mais ativa propaganda, diz do illustre extinto Reis Damaso:

«É um valente propagandista, de uma rara perseverança e que não perde nem um momento de aproximar os dois paizes da Península, seja pelas suas magnificas cartas acerca da situação portugueza, seja pelas encantadoras biografias dos

homens mais notaveis de Portugal, ou ainda por artigos de critica benevola e inteligente. Reis Damaso era um dos escritores mais fecundos de Portugal. Vivia agarrado á pena e com ela dava a forma a novelas tão bem pensadas e urdidas como o *Anjo da Caridade* e a monografias como *A mulher do Algarve*; a estudos biograficos como os de João de Deus e Teofilo Braga, que revelam ao crítico o bom gosto e copiosa Leitura; a livros de politica como a *Enciclopedia Republicana*; a tradições populares como as *Explorações do Folk-lore dos Algarves*, e a traduções, em fim, tão notaveis como a de *Foana d'Arc*, de Michelet. Escrevia de tudo, prosa e verso e era infatigavel.

Porém, onde o seu trabalho mais se consubstancia é no jornalismo, esse trabalho anonimo, ingrato e rude, que esgota o cerebro e destróça os nervos.

Em quinze annos de vida litteraria foi redactor e colaborador de uma multidão de periodicos e de revistas portuguezas, brazileiras, italianas, francezas e hespanholas.

Ocupou-se sempre com singular atenção dos homens e das coisas da Hespanha e é a ele que se deve o serem apreciados e conhecidos em Portugal, os nomes de Galbós, Perea y Palacio, Valdez, etc. etc.

Em politica figurou sempre nos partidos democraticos mais avançados, ao lado dos eminentes publicistas Teofilo Braga e Teixeira Bastos.

Foi, durante muito tempo, presidente do centro republicano *Montanha*, e ali realizou algumas conferencias sobre a instrução; tambem desempenhou o logar de vice-presi-

dente de outras corporações importantes, e em 1881 alcançou um triunfo relativo nas eleições, sendo o candidato proposto pelo centro republicano federal para o circulo de Belem.

Reis Damaso, morto na plenitude das suas faculdades mentaes, era um critico e romancista vigoroso, segundo a expressão de um escritor francez, e segundo Teixeira Bastos, homem de temperamento nervoso e tipo de acentuadas linhas arabes.

Esteve em Madrid, onde tomou parte no congresso pedagogico.

Era um espirito cultissimo, impulsionado pelos mais sãos principios da justiça e um dos maiores democratas que nasceram no Algarve.

N. de Lyeva.



O SOLAR

DA

«SEMPRE NOIVA»

É um solar muito antigo, que fica entre Évora e Arroyolos; ainda o conheci abandonado, sem telhado, as paredes negras com plantas bravas, as chaminés erguidas cheias de ninhos de corujas: era uma ruina tragica. Agora está rebocado, caiado, com telhados novos, felizmente respeitaram o que era antigo; não se fez completa restauração, mas assim conserva-se o que existia, que era muito. Não é

unico este solar por aquelles sitios; entre Arroyollos e Montemór-o-Novo succedem-se antigas propriedades, cabeças de morgado; o dos Mascarenhas, que é a Amoreira da Torre, a casa de Patalim, e a pouca distancia da Sempre Noiva a Oliveira, da casa de Rio Maior, vasta construção bem conservada com a sua torre, palacio, capella e officinas com ar medieval.

Temos no Alemtejo exemplares bastantes para fazer a historia do Solar. Ha restos de *villas* romanas, casas rusticas opulentas na Morgada perto de Machede, na Fonte Coberta, com seus mosaicos e aqueductos. Torres, casas fortes da alta idade media, como a Torre dos Coelheiros (casa Mousalim) e a da Atalaya (Brotas), importante construção, que ainda hoje canserva a sua linha arrogante, os seus cunhaes de valente silharia, as suas torrinhas e grandes cachorros ou matacões nos prumos primitivos.

Mais tarde os frades construíram alguns conventes isolados, S. Paulo da Serra d'Ossa é bom exemplar, e os jesuitas tiveram tambem residencias do campo com assento de lavoura, o Barrocal, Castello Ventoso, construções tão solidas que que estão ainda hoje completas.

No seculo XVIII havia muitas residencias do Alemtejo; ainda o fidalgo ia passar temporadas no campo. As casas chegaram a nossos dias, mas vazias de proprietarios, que estão nas capitaes. As calamidades do tempo das invasões francezas, as luctas de 1832-34, as guerrilhas, que ainda em 1846-47, foram a devastação dos campos, explicam em parte a aversão ao viver no campo.

Os conventos ermaram-se tam-

bem. As occupações, os habitos mudaram, de modo que hoje a tendencia geral de quem tem alguma coisa é a vida na cidade, na grande cidade ainda melhor, na capital, optimo, e não se pára aqui, Paris o paraizo.

Hoje a vida dos campos em Portugal, está peor que no fim do seculo XVIII.

Na Inglaterra, em França, as primeiras familias cónservam a vida solar, pelo menos durante alguns mezes durante no anno, aqui ha grandes senhores que não conhecem nem estimam a casa de seus avós.

Entremos na Sempre Noiva; passado o portão vemos uma vasta quada, á direita temos casas baixas, moradias de serviçaes, á esquerda o palacio; a escadaria nobre. a varanda, o pavimento alto com as suas elegantes janellas de marmore branco, geminadas, as padieiras em arcos de ferradura á maneira mourisca.

Sobre a escada uma desafogada varanda ou eirado; parte d'esta varanda era coberta, com alpendre sobre columnas, que abrigava a abertura superior da escada na varanda, e a porta de entrada no pavimento nobre. E estamos na primeira sala, espaçosa, de bastante pé direito, com muita luz, alto rodapé de azulejo, o chão ladrilhado; e seguem duas salas mais. uma central e maior. outra que vac á esquina, onde tem uma grande janella de canto, tambem geminada, uma fina columna de marmore na prumada do cunhal tão bem posta que conserva a sua linha apesar dos tempos e do abandono.

Ha chaminés de marmore, n'estas salas, pequenos fogões que seguramente se serviam para aqueci-

mento. Outras casas e alcovas tem este pavimento; a ultima com sua tribuna para a capella.

O azulejo é de xadrez verde e branco.

As altas paredes nuas certamente eram vestidas de tapeçarias. No pavimento terreo estão a cosinha. os depositos, casas de serviçaes domesticos, e estrebaria.

A construcção do pavimento terreo é muito anterior á do andar nobre.

A capella encostada á torre, tem porta para o campo, gente de fóra poderia ir ouvir a sua missa sem entrar no pateo. A parte mais velha é a torre; edificaram depois as grandes casas do pavimento terreo, de robustas paredes e espessas abobadas.

Mais tarde a capella, que é ogival. Dos fins do seculo XV é o pavimento nobre. O edificio conta a sua historia pela justa posição dos seus cunhaes. Houve aqui caso de não modificarem construcções antigas para as transformarem, ou as adaptarem; foram juntando umas a outras, conservando todas a sua integridade. Os telhados primitivos eram muito altos, e empinados; isto via-se bem antes do concerto recente, porque nas chaminés erguidas estavam vestigios da passagem dos telhados.

Exteriormente largãs faixas ou frisos de esgrafitos variados decoravam as paredes. Pareciam rendas velhas. Este genero de decoração exterior dos edificios ainda se pratica hoje em Evora; de esgrafitos dos seculos XVI e XVII existem bons exemplares. Tem resistido ao tempo porque a cal eborense é de rizeja extrema.

As construcções artisticas da

Sempre Noiva devem ser do tempo do bispo de Évora, D. Affonso de Portugal, que entrou na igreja depois de viuvo.

Era homem culto, grande amador de artes e antiguidades, e possuidor de avultada fortuna. Foi elle o tronco da celebre e nobilissima casa dos Vimiosos. Residiu por vezes na sua quinta da Sempre Noiva, e parece que ahi reuniu antiguidades que por aquelles sitios se descobriam; tem apparecido recentemente grandes fragmentos de estatuas romanas e outras velharias. Sua filha D. Beatriz de Portugal instituindo morgado a seu sobrinho, o conde D. Francisco, metteu no vinculo a quinta que herdara de seu pae.

Existe a instituição datada de 1531.

O dr. Augusto Philippe Simões publicou no *Instituto de Coimbra*, vol. de 1872-1873, parte de um interessante e erudito romance historico. sobre o tituto *Sempre Noiva*, que elle applicou a Beatriz de Portugal.

Não continuou o romance porque no decurso do seu trabalho conheceu que a designação localiva era muito anterior á época da novella.

Sempre Noiva é o nome de uma planta rustica, da familia das polygoneas, chamada pelos latinos *continodia*. Um philologo de muita auctoridade diz *sempre noiva* pôde ser corrupção popular d'esse nome latino. Que esta planta tambem conhecida por *sanguinha*, e *sempre verde* e *sempre viva* abunda por aquelles sitios é verdade. E não repugna que do nome da planta viesse o nome ao solar; ali perto estão as casas da Amoreira e da Oli-

veira.

A Sempre Noiva, uma das raras construcções civis do passado, é o monumento da evolução artistica em Portugal, e exemplar interessante do antigo solar alemtejano.

O snr. A. Haupt, no segundo volume da sua obra *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* (a pag. 145 e seg.) trata detidamente da Sempre Noiva, e levou o seu entusiasmo a esboçar um projecto de restauração. Encantou-o a pureza da construcção, a sinceridade com que o edificio manifesta o seu desenvolvimento desde a torre medieval até aos salões do seculo XVI.

Outro solar existe ainda, na propria cidade de Évora, que merece vêr-se; é o chamado palacio do pateo de S. Miguel, vendido ha alguns annos pelo ultimo marquez de Vallada a um particular da cidade. Alem das linhas geraes conserva muito do antigo; salões de abobada pintados a fresco, escada e varanda com sua columnata, e muitas dependencias que mostram bem o que era uma antiga residencia de gente fidalga e opulenta. Tambem existem ahi janellas geminadas com padieiras em arco de ferradura, estylo amouriscado muito em uso no seculo XVI.

Tratando porém de construcções civis não devemos esquecer o paço de Cintra que é uma maravilha, apezar de reconstrucções.

Não conheço publicada planta alguma e muitos dos seus aspectos estão ineditos; bom seria que se vulgarisasse uma monographia minuciosa illustrada com vistas geraes e trechos de maior character, porque no paço de Cintra ha bel-

los exemplares de architectura e de arte decorativa.

GABRIEL PEREIRA.



A PENHA MOURISCA EM BOUSENDE

Tem o nome ao consoante da sua configuração e natureza e dos vestígios das suas antiguidades se formos com o povo, que as attribue aos mouros. Observada de muitissimos, conhecida é de poucos, pois até os de Bousende ignoravam algumas, se não todas as suas particularidades. Eu fui lá em 22 d'outubro e subi ao seu pico mais alto que bem se destaca d'esse enorme massiço de rochas graníticas que formam a *Penha mourisca* que sae da vertente occidental da serra de Nogueira, pouco abaixo da sua linha de cumiada e a uma altitude superior a 1:000 metros, o que faz com que seja um dos pontos mais elevados da montanha.

Difficil e penosa é esta ascensão, e, por perigosa, a julgam temeraria aquelles que estão habituados a fazel-a e a tomar em pequena conta os precipícios naturaes, que de familiarizados os despresam. Um pouco a sudoeste da Penha fica este ponto, e de «castello» o denominam só por ser mais dominante, pois tudo é natural e nada de artificial ha a não ser umas pedras que dispostas foram para permittir a

subida até certa altura. Elle miradouro foi d'esse castro ou fortaleza que os rochedos limitavam em parte e de que n'alguns sitios ainda se distinguem indícios de fôssos e restos de muro de pedra solta, e a que a tradição chama a Villa de Jogadouro:

A' porta do Castello da Villa do Jogadouro
Está um poço de corda coberto d'ouro.

Esta porta voltada fica para sudoeste e para o interior do recinto, e mais não é do que uma abertura formada pelo afastamento e sobreposição de fragas que lhe dão essa configuração. Entrei por ella, e com o auxilio dos tres companheiros e apoiando-me nas saliencias das rochas trepando fui pelo interior d'aquelle estreitissimo buraco onde preciso era ageitar o corpo para passar até chegar ao cimo, de que o recinto é tão limitado que nos obriga á maior cautella e vigilancia para não cahirmos no abysmo.

Direi que o que presenciei e avistei alli me pareceu mais do que grandioso pois por maravilhoso o tenho, e não julgo que haja pincel capaz de o reproduzir nem forma de genio que o descreva, porque creio exceder as concepções as mais sublimes da intelligencia e da imaginação. Indiscriptivel considero este conjuncto de cousas: o illimitado do horisonte, a grandeza do precipicio e o misterioso da historia.

Em breve a minha attenção se prendeu na observação d'uma inscripção gravada na saliencia d'uma rocha e na «pedra do embaladouro» que está ao pé, que, diziam, «tocava» quando a empurravam ou mesmo só por si, ouvindo-se o som na povoação de Bouzende, que fica a 200

metros paro o sul, e ainda a maior distancia, porque no seu balouço batia nos penedos em contacto.

Pela contextura e traçado da inscripção deve ter sido feita por uma intelligencia primitiva e n'uma epocha em que o homem figurava e transmittia por meio de signaes elementares, como a recta e o circulo os seus pensamentos.

Conjecturas varias formei em presenca d'estes achados e as que mais acertadas encontrei foram em ir com aquelles que suppõem que as «pedras balouçantes» tiveram destino religioso entre os primeiros povos, e a de considerar a inscripção pre-historica e relacionada com a «pedra do embaladouro», sendo talvez alguma prece ou ex-voto a ella dedicada. A isto me induz o effeito mysterioso que causariam em intelligencias tão rudimentares as circumstancias excepcionaes que se davam n'esta pedra, e muito principalmente quando, alta noite, n'aquella altura, «tocava», como se fosse a voz da tempestade. que passando, rugia. pelas quebradas da serra. D'ahi a crença de que n'ella havia o quer que fosse de sobre-natural merecendo os respeitos e a adoração dos que escolheram as cavidades da Penha para seus abrigos e moradas levando-os a sua veneração a exprimirem n'esses caracteres os seus sentimentos religiosos, e de que os magnates estão provavelmente enterrados nas antas que dizem haver em Soutello Mourisco a 2 kilometros de distancia para nordeste.

Ainda outra reflexão me appareceu de que menção faço por me paracer da maior importancia nos costumes guerreiros, qual é, se foi o nosso penedo um symbolo religioso, o de encontrarmos já neste

local, em tempos que de remotos desconhecidos são, a origem do facto observado nas epochas historicas de as fortalezas serem collocadas sob a protecção d'uma divindade.

Vá, pois á *Penha mourisca* de Bousende o que quizer ter o prazer de observar um fragmento do viver do povo desconhecido que por alli estacionou ha mais de quatro mil annos!

Albino Lopo



Cantares Andaluzes

Eu lei de ser como a hera,
Pela parede a subir,
Até chegar á janella
Do teu quarto de dormir,

Talvez, chegando,
Meu mal acabe
Em te falando.

Fui aos pés do confessor,
Ordenou-me que te esqueça
Tem, de certo, o padre cura
Desarranjo na cabeça,

Ai! pobresito!
Como se amar
Fosse delicto!

Em tudo que amor promette
Não ha gloria verdadeira;
Quanto n'elle encontrei já
Foi só fumo, foi poeira.

Em tanto damno,
Vejo um remedio
N'um desengano.

Tens todo o meu coração
No teu poder, inteirinho;
Olha, amavel, por elle,
Trata-o com todo o carinho.

Tal como eu
O teu trarara
Se fosse meu.

Uma só cousa desejo,
E tenho razão de esperar:
Que não ha de o teu amor
Esquecer nem acabar.

Mas quando acabes,
Só roga e peço
Que não te gabes.

A' conquista d'uma praça,
Contente me dirigia;
Mas dei de frente com outro
A assestar a bateria.

Foi n'um momento;
Levantei logo
O acampamento.

Tens-me preso sem vontade,
Tiraste-me o entendimento,
Leva também a memoria
Que só me causa tormento.

Pois se me deixas,
Com ella fico,
Só para queixas.

Eu já te fiz uma offensa:
Confesso que me esqueci,
Um momento, um só momento,
Do teu amor e de ti.

Não digas nada;
Deixou-me a culpa
Bem castigada.

Não tornes a ir ao monte,
Volta costas ao caminho;
Porque a pomba a quem amavas
Já fugiu, deixou o ninho.

Ah! não vás lá!
Olha que a pomba
Já lá não está!

Menino d'olhos vendados,
Hontem de tarde encontrei:
In perdido a chorar,
E para cá o guiei.

Mas ao passo que levava
Tão descuidado não via,
Que enquanto elle a casa achava,
Eu o coração perdia

Hontem, na festa dos touros,
Um cavallo baqueou;

Ao exhalar-se-lhe a vida,
Para as mulheres fallou:

«Tendes estrellas nos olhos,
«Tendes flores no cabello,
«E no peito... tendes taças
«De pedra cobertas de gelo»?

*
* * *

Que os corações também choram,
Acredital-o não queria, . .
Pois esta noite acordou-me
O pranto que o meu vertia.

Meu coração chora sangue,
Ninguem tal coisa quizera crêr;
Como ceisa milagaosa
Muita gente corre a ver,

O meu peito estão partindo,
O meu peite partindo estão;
São muitos os assassinos,
E grandes golpes lhe dão.

Fernandes Costa



A PELLE DE CASAMENTO

As mulheres europeias, quando contrahem matrimonio, costumam usar traje branco para a cerimonia, porém, as da Abissinia excedem-se em muito, porque não se limitam a aclamar a côr da sua roupa; chegam mesmo á côr da pelle.

Uma solteira pôde ostentar a sua côr d'ebano; mas uma casada, que se estima tem que possuir uma côr de café com leite.

Para esse effeito, estas damas abexins encerram-se durante tres mezes n'um quarto e, com excepção da cabeça, embrulham-se n'um panno de lã, por baixo do qual ardem a fogo lento ramos verdes e cheirosos.

O fumo, que estes produzem destróe a epiderme, e então apparece uma pelle mais suave e mais clara do que a primeira.

Todo o tempo que dura a operação, a familia occupa-se na alimentação da donzella.

BEMFICA

A lenda singela
Que venho contar,
Nos livros do tempo
A fui encontrar.

Não primo por galas,
Nem sou trovador,
Só quiz esta lenda
Narrar-vos, senhor.

E se por *Bemfica*,
Passardes então,
De Pedro primeiro
Vos lembre esta acção.

Do triste marido
Por alma resae:
A filhos e netos
A lenda contaê.

Que tem a virtude
Os contos assim,
De exemplos servirem
Por seu negro fim.

Nos livros antigos
Mais outros achei.
Em trovas mudados
Um dia os darei.

I

Lá na baixa vaê correndo,
Por ent'arbustos frondosos,
—Onde cantam ledas aves
Seus queixumes maviosos—
Um ribeiro crystalino! . . .
E retrata tão formosos
Os encantos naturaes,
Que são olhos duvidosos
Se, na imagem de taes aguas,
Ha nos fundos enganosos
Nova selva, novo bosquel . . .
Pelos lados areiosos
Se debruçam dos salgueiros
Verdes ramos tão viçosos,
Que se pasma ver assim
Os arbustos portentosos
Cor d'espranga revestidos,
E na esp'rnça porfiosos!
Tenros vimes das giestas
Lá tremulam buliçosos
Ostentando a branca flor! . . .
E recendem tão cheirosos
Os perfumes dos arbustos

Enlaçados e formosos,
Pela encosta enfileirados,
Elevando magestasos
Suas comas para o coo,
E seus braços alterosos
Suspendendo sobre as aguas
Onde se miram vaidosos;
Que de vel-os n'unca pasmam
Quaesquer olhos cubiçosos .

II

Mais ao longe, onde está posta
Uma pedra levantada,
Umás poucas de lavadeiras,
Trazendo a saia enrolada
Mesmo em volta da cintura,
A camisa arregaçada,
E com os pés dentro do rio,
Quasi já que tem lavada
Toda a roupa que traziam
Outra pende na chapada
Do monte, que perto está,
Pelos troncos pendurada;
Onde a pouco e pouco o sol
Dando os raios de prunada
Enxugou todo estendal . . .
Vem a roupa branqueada;
Dar na vista ao caminhante,
Figurando alcantilada
Serrania, toda a neve,
Dando mostras d'invernada! . . .
E não é . . . que vac florida,
De lindas flores toucada,
Esta formosa estação,
De mil cores matizada:
Porque foi na primavera
Que esta lenda vaê contada.

III

Por um nada, que não vale
Para ser altercação;
Entre duas lavadeiras
Se levanta a sem-razão
Com que ambas á profia,
Uma contra á outra vão . . .
Arcam ambas pelo corpo,
E com furias de leão,
Já depois de se arranharem,
Lança uma á outra a mão;
E seguras pelas grenbas
Vão rojar ambas no chão,
Entre as vaias e os apupos
Qu'as companheiras lhes dão . . .
Innda ali, mui bem filadas.
Continua o repellão;
E se pouco foram unhas,

Os dentes, falsos não são . . .
Eil-as outra vez erguidas,
A travar do novo a acção,
Com as linguas aguçadas,
Vão f'rir-se no coração
Com taes nomes, com taes vozes,
Que parecem maldição! . . .
Uma d'elas diz á outra
Pragas mil, sem compaixão,
Mas a outra não se cala,
E nas iras da paixão,
Vil *forçada*, lhe chamando,
Lança tudo em confusão.

IV

Acertou passar ali
Um donoso cavalleiro
Vem garboso, vem gentil,
E' de todos o primeiro.
Logo apoz o vem seguindo,
Lá pelo desfiladeiro,
Tambem outros de cavallo.
Os peões em derradeiro
Vem fechando aquella marcha.
Todos dizem que o monteiro
Vem de volta da caçada.
E parece verdadeiro
Que assim fosse, pois signaes
Ali dava o trombeteiro
De voltar já da traxada
O rei Dom Pedro primeiro,
E d'então appetidado,
Pelo povo—o justiceiro,
Pelos nobres—o cruel! . . .
Escutando tal berreiro,
Descomposta vozearia,
O doesto, todo ineiro,
Nos ouvidos foi soar-lhe.
E buscando o verdadeiro
Fin, que na palavra houvesse,
Para junto do ribeiro
O coreel em que montava;
E com gesto sobranceiro
Chama ali as lavadeiras:
E do caso do soatheiro
Lhe demanda, qual motivo
D'este insulto tão grosseiro!

V

Uma trenze de coufusa,
E não sabe alevantar
Olhos para o senhor rei.
Outra não pode fallar,
Porque treme do castigo
De tão solta baladar . . .
Acercou-se toda a gente
Para o caso ouvir contar;
Mas debalde porque as linguas,

Antes promptas em gritar;
Tão presas agora estão
Que se não querem soltar! . . .
Manda o rei ind'outra vez,
Porque mais não esperar.
Os olhos da doestada
Eis enfim a anuviar;
E seu pranto deslisando
Vac em fio o chão regar.
—«E' verdade, rei senhor,
Que mui antes de casar,
Fui *forçada*; mas depois
Elle mesmo me foi dar,
A conselhos do prior,
Sua fé junto ao altar;
Assim vêdes, meu bom rei,
Que foi prompto a pagar . . .»
—«Sim que foi; mas c'oa justiça
Tem as contas por saldar;
E quem força uma donzella,
Tem na força de penar.
Determina a lei do reino,
Não a posso quebrantar—» . . .
E chamando um homem d'armas
Manda o marido buscar.

VI

Era o rei tão justiceiro,
E da lei tão guardador.
Que os encontros não soffria,
Nem do mais nobre senhor.
E, por isso, dos prelados,
Sempre em guerra com primor
Mil poderes lhe cortou:
E dos nobres, com vigor,
Estreou tanto a ousadia,
Que um castigo de rigor
Deu, a certo lá da corte,
Que por galas de primor
Cortou arcos d'uma pipa,
Ao villão trabalhador
No mester de tanoeiro.
E por ser mantenedor
Da justiça do seu povo,
D'elle tinha o seu amor.

VII

Debullhada em triste pranto
A mulher, pede o perdão:
Mas debalde, porque o rei,
Se lh'o manda o coração,
Não lh'o deixa a lettra impressa
No livro da ordenação . . .
Chega o triste do marido,
Mas expressa confissão;
Era remida do castigo
Julga já tão negra acção.
—«Não assim, lhe diz o rei,

Porque a força da traição
Que fizeste a essa mulher
É por sua condição
Castigada pela lei. . . »
E voltado ao capellão,
Ali manda seja ouvido
O marido em confissão;
Pois o corpo vac penaf,
A duas varas do chão,
Pendurado num dos troncos
Que tão bastos ali são.
Era uso d'este rei,
Para prompta expedição,
Trazer consigo o carrasco,
À guisa de cortesão,
E mais gentes de justiça,
Com que provia a prisão,
À sentença, e ao castigo,
Logo mesmo apoz d'acção

VIII

Segue o rei na cavalgada.
E já tendo um pouco andado,
Os olhos volve p'ra traz;
E nos ares pendurado,
Vê, n'um tronco baloiçando,
O mesquinho condemnado. . .
Dom Pedro disse: «bem fica,»
E Bemfica foi chamado,
Desde então, o logarejo
Onde o caso foi passado.



O ESPIRITO SANTO NOS AÇORES

Ainda se ouvem os ultimos repiques da alleluia, estrugindo no alto dos campanarios, e já começa a sagrada folia do Espirito Santo, no domingo de Paschoa, a que se chama—a primeira dominga. Seguem-se assim *sete domingas* até á Trindade.

Em cada rua das mais ricas ou populares, ha um imperio, um imperador e um mordomo. As insignias d'este imperio espiritual consistem n'uma grande bandeira feita de um largo panno de metro e meio, quadrado, de damasco de seda, vermelho, rodeado de espignilha dourada. No centro do panno, uma pomba de seda branca estofada, com os pésinhos, o bico e as azas gentilmente

te bordadas a ouro. A baste, da altura de dois metros, é de prata ou madeira envernizada, conforme o cofre da fazenda imperial. No tope ha outra pomba branca de madeira ou prata, com as azas abertas, poisada sobre uma multidão de laços de todas as côres do iris, pendendo as pontas compridas e flutuantes á mercê da brisa.

A bandeira é guardada de um para outro anno em casa do mordomo. Além d'esta insignia, ha ainda uma corôa e sceptro de prata lavrada.

O cargo de mordomo é tirado á sorte todos os annos. São igualmente tirados á sorte os nomes de sete individuos para casa dos quaes passa a bandeira simplesmente, de oito em oito dias, dentro do periodo de sete semanas que vae da Paschoa á Trindade. Chama-se a isto, na phrascologia local—uma mudança. A mudança é feita no domingo á noite, com grande aparato procissional, musica e foguetorio. Todos os convidados caminham em duas alas, com tochas accensas, no meio de um silencio religioso, graves e imponentes. No couce do prestito, vem a bandeira erguida a prumo como um pendão, enduzida por uma creança elegantemente vestida e enluvada, ladeada por outras creanças. Todas em cabello. Cada um dos pequerruchos que ladeiam o que leva a bandeira, pega n'uma ponta do panno, de modo a expol-o bem em triangulo, aos olhos da multidão, destacando-se violentamente a côr vermelha e a pomba branca bordada a ouro.

O cidadão da casa de quem sae a mudança, colloca-se por detraz da creança que segura a bandeira, auxiliando-a.

A bandeira demora-se uma semana em casa do individuo que teve a dita de lhe caber uma dominga, e sae no domingo, seguinte, com a mesma pompa para casa d'outro feliz

Na casa onde está presente, n'um thrano todo illuminado e florido, a bandeira do—Divino Senhor Espirito Santo, como elles dizem, ha bailarico rasgado até á madrugada, libações freneticas de vinho d'uva de cheiro, da terra, e mas-

sa cevada.

Não julguem os delicados alfacinhas, que esta massa cevada, é por ahí qual-quer peste. São biscoitos enormes (argolas, lhe chamam) que se enfiam no braço e que teem exactamente a configuração das enormes corôas de perpetuas que se usam nos actos funebres entre nós. Ha biscoito d'aquelles, que tem o tamanho da roda de uma carruagem e a grossura de uma perna. Cada *alqueire* de finissima farinha de trigo, amassada a primor pelos vigorosos braços das cachopas, leva leite quanto a farinha consista, manteiga de vacca aos kilos e ovos ás duzias. Fica o bolo ou argola, ao sair do forno com codea de um louro torrado brilhante, capaz de tentar um eremita, o miolo amarello e favado, que nem os celebres bolos de cannela das confeitarias lisbonenses lhe chegam. E' comer e chorar por mais, meus caros leitores. A massa conserva-se fresca e odorifera que é um regalo, durante semanas.

E' de rigor, cravar na argola algumas rosas ou cravos, quando ella é destinada a ofertas. Estas ofertas, não pensam que são conduzidas por um moço de fretes de esquina. Nada d'isso. Vão á cabeça, em taboleiros com bellas toalhas brancas de rendas indo o biscoito a descoberto. Homens bem vestidos conduzem estas ofertas. Na frente d'elles, tres foliões abrem o prestito. Um numero infinito de garotos acompanha enthu-siasticamente.

Ha foliões pequenos e foliões grandes. Os pequenos são da cidade, os grandes da aldeia. N'outro artigo descreverei os foliões das diversas nuances. Agora direi sómente que, na cidade, é usada a foia pequena. São tres rapazes de quatorze a dezoito annos, vestidos fantásticamente de capa, calção e polainas, tudo de côres vivas, agalado a ouro, no estylo dos principes das operas-buffas de Offenbach. O folião do centro leva uma pequena bandeira vermelha de seda, desfraldada, em tudo semelhante á riquissima bandeira do imperio. Os seus dois collegas, tamgem um, um tambor

pequeno, o outro, pandeireta. E cantam! Ai como elles cantam. Hei de contar isso com mais vagar—n'outro artigo.

JOSÉ MARIA DA COSTA



OS CASAMENTOS NA CORÉA

A cerimonia do casamento na Coréa é digna de ser conhecida pela sua originalidade.

No dia fixado para a cerimonia a noiva deve dirigir-se a casa do seu escolhido. Antes d'abandonar o lar paterno cobre-se com uma ampla tunica branca, em que ha tres orificios, dois dos quaes correspondem aos olhos e o terceiro á bocca.

Feita esta *toilette*, sobe para uma liteira hermeticamente tapada com pannos de diversos cores. Rodeiam a liteira varias raparigas vestidas de branco, levando sobre as cabeças grandes vazos de porcelana e executando, no trajecto, danças originalissimas. O cortejo avança lentamente. Quando chega a casa do noivo, a noiva desce do palanquin e offerece varias golozeimas ás suas companheiras.

Ao transpor os humbraes da casa do seu escolhido, assenta-se em frente d'este e recebe um copo vasio, que lhe offerecem. As pessoas da familia entoam canções monotonas. Findos os descantes, acerca-se da noiva uma mulher, e vasa-lhe na taça uma bebida espirituosa. Ella sorve uns golos, e passa o copo ao noivo, que faz outro tanto. Desde aquelle instante fica effectuado o casamento. Os paes dos jovens esposos despojam-os vestidos, guardando as precisas conveniencias, e conduzem-os á alcova nupcial, onde ficam encerrados pelo espaço de tres dias. Os creados que lhes levam os alimentos só entram no quarto ás horas das refeições.

Ao cabo do terceiro dia a recém-casada abandona o leito conjugal e volta ao lar paterno, onde permanece durante cem dias e cem noites. Quando este prazo expira, regressa a casa do marido considerando-se então como definitivamente contraído o casamento.

Muitas vezes acontece que passados os cem dias do estylo, o esposo cruel tem dado ás de Villa Diogo. Arrependeu-se.

X.



TOPONIMIA

DO

C. DE TERRAS DE BOURO

(AO MBU AM.^o MARTINS HARETO, HEITOR DO LIGU CENTRAL DE BRAGA E NATURAL DE SOUTO).

Da *Corografia Moderna* (vol. II e VII) de J. Maria Batista escolhi somente os nomes que precisam de explicação. Os que aqui não apparecem, toda a gente os explica.

Quanto aos nomes das freguesias era forçoso pô-los todos como n.^{os} de ordem, embora alguns nenhuma explanação possam ter.

No fim, separados dos outros mas com indicação do n.^o da freguesia a que pertencem, vão os que não pude decifrar.

1. BALANÇA (freg.^a).

LAVANDEIRA, o mesmo que *lava-leira*, ou mulher que lava.

BARRAL, logar onde ha barro.

ESPÓSENDE, do gen. *Spanosenji*, do nome germanico *Spanosendus*. (*Dipl. et Ch.* 64, 70, 952).

PENA, o mesmo que *penha*. *Penêdo*, *Penhasco*, *Penela*, *Penouço*, *Penuda* etc. pertencem todos á mesma raiz e figuram como nomes de logar.

QUINTAS, tanto *quinte'a* como *quint7* são derivadas de *quinta*. Esta palavra designava primitivamente uma propriedade rustica em que o arrendatario pagava ao senhorio somente um *quinto* do rendimento (Cf. Dicionarios de *Diez* e *Korting*).

AGUA LEVADA, açude para represar a agua dum rio, de modo que possa regar os campos marginaes.

MOIRE, do gen. *Mauri*, de *Maurus*, o oncem da Mauritania, o mouro.

CARRAZEDO, logar onde ha carrascos, uma especie de carvalhos.

2. BRUFE (freg.^a), do gen. *Berulfi*, do nome proprio germanico *Berulfus*, composto de *ber*, cujo sentido é duvidoso, e *wulfs* «lobo».

CORTINHAS, pequenas leiras lavradas.

3. CAMPO (freg.^a).

VILARINHO, pequeno *vil'ar* ou pequeno povoado.

4. CARVALHEIRA (freg.^a).

ERVIDEIRA, do lat. *arbut-aria*, o medronheiro.

INFESTA, do lat. *infesta* (*us, a, um*), inimiga, adversaria, oposia, parece designar quasi sempre um lugar ingreme ou difficil de subir.

5. CHAMOIM (freg.^a), do gen. *Flamulini*, do nome proprio lat. *Flamulinus* ou antes *Flammulinus*. (*Dipl. et Ch.* n.^o 222). Este deriva de *Flammu'a*, que como nome de mulher é vulgar nos documentos latinos anteriores á fundação da monarchia.

SEQUEIROs, de *sicariolos*, pequenos *sequeiros* ou espigueiros.

PERGOIM, do gen. *perguli-ni*, derivado popular de *pergula*, a ramada, a lata-da.

PADRÔs, do lat. *patr-olos*, os paizinhos.

FELGUEIRAS, do lat. *felica-rias*, onde ha felgas, planta raizenta que apparece ao lavar os campos.

6. CHORENCE (freg.^a), do gen. *Florentii*, do lat. *Florentius*, nome proprio.

SOUTO ABOINHO, souto pertencente á familia *Aboim*.

VESSADA, do lat. *versata*, a lavra ou ato de lavar um campo.

EMAUS, nome hebraico que tambem serve de apelido a algumas familias.

SURRIBAS, do lat. *sub ripas*, de baixo da margem ou ribanceira.

QUINTELA, vede no n.^o 1 a palavra *Quintels*.

BARRIO, o mesmo que *bairro*, parte duma cidade ou povoado. Derivam ambas as palavras do b. lat. *barrium*, mas na segunda ha metátese do *i*.

PENELA, vede n.º 1 a palavra *Pena*.
 VESIGUINHA, do lat. *vesic-ina*, pequena bexiga. É possível que nesta região exista o nome comum *vesiga*, forma anterior a *bexiga*, as quais ambas derivam de mesmo tema latino.

LADAIRO, do lat. *lat-arium*, largo, extenso, desbalisado. Também pode ser uma modificação de *lelairo*, que no antigo português significava ladainhas, preces publicas, do lat. *litan-arium*.

7. CIBÕES (freg.ª).

GILBARBEDO, lugar de gilbarbeiras, arbusto espinhoso das valos ou silvados. A palavra supõe uma forma primitiva *gilbarba*, que é possível existir lá ou noutro ponto do país.

CABENCO, talvez seja melhor grafia *Cavenco*, designando um lugar cavo, fundo.

FIGUEIREDO, lugar de figueiras, do lat. *ficar-etum*.

BERGAÇO, lat. *virga-ceus*, de vara, relativo a vara. O sufixo *-ceus* em lat. e *-ço* em port. encerram ideia pejorativa (cf. *meiaço*, *calhamuço*, *rabaço* etc.).

AZILHEIRA, talvez alteração popular de *azinheira*, do lat. *the-in-aria* (*ilex*).

8. COVIDE (freg.ª).

SA, tem a forma antiga *Saa* e é considerado como contração de *sa'a*, palavra germanica.

VARZEAS, de origem incerta, planícies muito fecundas, campos férteis.

FREITAS, do lat. *fractas*, quebradas. É um adj. funcionando como subst.; primitivamente seria (*mós ou pedras*) *freitas*.

9. GONDORIZ (freg.ª), do gen. *Gunterici*, do nome proprio germanico *Guntericus* (*Dipl. et Ch.*, 76), que significa «rei no combate».

ANTAS, de origem grega, significa pilares, colunas, pedras levantadas. Como nome de lugar designa que ha ou houve ali um dolmen.

BOSTELO, no antigo port. designa uma bouça ou mata.

GARDENHA, é um derivado do germanico *warda*, guarda, protecção, defesa.

REFONTEIRA, os outros *D'c.* dizem *Refontoura*, que é formada de *re* + *fontauria*, fonte do ouro.

10. MOIMENTA (freg.ª), do lat. *monimenta*, uma obra, um edificio destinado a atestar um facto.

CAVADOURO, lugar onde se cava.

11. MONTE (freg.ª).

VENTOSELOS, derivado de *ventoso*, lugar dos ventos.

CAMPOS-ABADES, campos dos abades. Ha formações similares do antigo port.

ALCRIMES, nome de origem arabe.

12. RIBEIRA (freg.ª).

CHEMEDIA, do lat. *Flammidianam*, nome proprio de mulher. A formação é perfeitamente regular: *Flamma*, *Flammidia*, *Flammidiana*.

13. RIO CALDO (freg.ª), do lat. *rivum calidum*, rio quente.

CRABTO, do lat. *castrum*, acampamento, lugar fortificado. Designa quasi sempre um ponto alto que serve de atalaia ou vigia para o lado do inimigo.

LIJÓ, do lat. *lage-olum*, a pequena lage.

FALLANCES, julgo ser nome duma cidade ou vila da França. Será mais um para adicionar a *Ruão*, *Baiona*, *Arroche'a*, *Vilar de Nantes*, *Vilar de Torpin*, *Mampe'u* etc, que para cá trouxeram os companheiros do conde D. Henrique.

CADAVAI, lugar do tojo queimado. Em galego ha *cadavo*, tojo queimado e *cadaval*, lugar onde ha astes de tojo queimado. Em port. desapareceram como nomes comuns, mas existe um como nome antigo do rio *Cávado* e outro como nome de lugar.

14. SOUTO (freg.ª).

SEQUEIRO, pequeno espigueiro ou sequeiros, vede a cima n.º 5 a palavra *Sequeiros*.

PARDIEIRO, casa arruinada.

PAÇO, do lat. *palatium*, a casa do senhor da quinta ou predio rustico.

QUINTAS, vede n.º 1.

15. BALDOSENDE (freg.ª), é um nome germanico como *Provesende*, *Gonlesende*, *Rêsende*, *Rosendo*, *Tortosendo* etc. Com o primeiro elemento componente ha tambem exemplos nos *Dipl. et Ch.*: *Baldomarus*, *Baldemirus*, *Baldredus*, *Balhereda* etc. A grafia usual *Valdozende* é errada e nascida da falsa ideia de que era um composto de *Val* ou *Valle*.

PARADIA, é um derivado de *Parada*, que tambem aparece como nome de lugar e designa *paragem*, *pousada*.

VILAR AMONTE, do lat. *villare ad montem*, vilar junto do monte.

16 VILAR—St^a Marinha (freg.^a).
 MOTA, deriva provavelmente dum omem com esse apelido, que julgo ser de origem franceza. Em francês *motte* significa «terraço, mouta, colina, outeiro» e dizem lá ser de origem germanica. (cf. *Scheler, Dict. d'Étymologie fr.*, 3.^a ed., 1888).

17. VILAR—St^o Antonio, ou antes *Villar da Veiga* (freg.^a).

Ficam sem explicação:

BOURO ou *Boiro*, que me parece palavra germanica.

SAIM, n.^o 6.

CIBÕES, n.^o 7.

COVIDE (freg.^a), n.^o 8.

REBOA, n.^o 11.

GOJIDE, n.^o 12.

TRAVAÇOS, n.^o 15.

BARCELÓS—MIDÕES, OUTUBRO DE 1912

A. Gomes Pereira



AS ANDORINHAS

(Lenda)

Na Judéa, em pleno campo cheio do sol de Nazareth, brincava o Menino Jesus, com as suas proprias mãos de bondade e de amor, a amassar o barro com que fazia passarinhos que collocava, de azas abertas, no chão.

Um phariseu que passava no momento, interpellou-o:

—Filho do peccado, que fazes ahí?

E com o pé brutal procurou esmigalhar os passaros. Jesus, porem, obistou-o e batendo as mãos, fel-os voar para o Alem. Haviam nascido as andorinhas. Com as azas cinzentas pouzaram sobre o tecto em que vivia Jesus e do mesmo barro de que foram feitas, ali construíram o seu primeiro ninho.

Viviam então livres, respeitadas e amadas; a presença d'ellas sobre uma casa era signal de felicidade.

Muito tempo depois, quando o Menino Deus se tornou homem e caminhou

para o Golgotha, as pobresinhas seguiram-no, lançando por todo o caminho um grande grito de dor.

O mestre ia morrer: sobre a sua face livida, o sangue misturava-se com as lagrimas...

As andorinhas então aproximando-se d'Elle, com os seus biquinhos rosados, retiravam um a um os espinhos da coroa, que tanto magoavam a augusta frente.

E Christo baixando os olhos para a Virgem Maria e afirmando o *consumatum est*, entregou a alma branca e immaculada.

O Ceu nublou-se, as andorinhas gemeram, e as suas azas tomaram aquelle manto de luto que nunca mais perderam.

Théodore de Banville



MERCADOS MATRIMONIAES

Comquanto isso pareça impossivel nos tempos d'hoje, ha ainda muitos paizes em que se realizam mercados de mulheres, para que todo o homem que deseje casar-se possa escolher noiva.

Além da famosa feira de mulheres na Belgica, em muitos cantões suissos existe o que se chama a festa das grinaldas. As raparigas casadoiras reúnem-se ao cahir da tarde, para cantar, bailar e divertir-se a *la grande*. Cada uma traz uma corôa de flores na cabeça e na mão um ramilhete preso por uma fita de côres vivas.

Os rapazes que desejam casar passam por ali, e se algum encontra rapariga que lhe agrade, aproxima-se d'ella e arranca-lhe uma flôr do ramilhete. A escolhida finge que não deu fé; se o pretendente lhe agrada, ao anoitecer vae pendurar-lhe á porta o seu ramilhete.

Em Tunis ha tambem um mercado matrimonial que se celebra duas vezes por anno: na primavera e no outomno.

As raparigas acodem ás centenas, le-

vando cada uma o seu dote em joias e dinheiro, que tem o cuidado de pôr bem á vista. Levam ainda um cinto dourado, com um punhal na bainha. Se um homem gosta de uma das raparigas tira-lhe o punhal do cinto e entrega-lh'o depois, considerando se este acto como uma declaração.

Em algumas ilhas da Oceania ha um costume não menos curioso. As mulheres que desejam casar-se apresentam-se no mercado com uma lampada accesa.

Se algum transeunte se sente impressionado pela belleza d'uma d'ellas, aproxima-se e apaga a lampada. A moça volta a accendel-a? E' signal de que o pretendente é repellido. Se pelo contrario a deixa apagada é signal de que o pretendente é correspondido.

A.



ORIGEM DA PALAVRA CARIATIDES

Tendo os habitantes da Caria feito liga com os persas contra os outros gregos, estes subjugarão os primeiros, e passaram os homens ao fio da espada, fazendo escravas as mulheres, e obrigando as infelizes a conservarem os seus compridos vestidos e ornatos, como em expiação d'aquelle crime.

Os architectos, na santa indignação contra os traidores, substituíram ás columnas e pilastras mulheres vestidas como as *cariatas*, para transmittir á posteridade a memoria do seu captivo, e da infame traição que que lhe deu causa.

Honra ás artes! Nunca uma punição mais severa deu ao mundo mis terrível lição de patriotismo!

Tal a origem da palavra *Cariatides*, que se applica desde então, tanto na escultura como na architectura, a todas as estatuas de mulher, todas ou parte vestidas, e que se collocam, em lugar de columnas, para sustentar os entablamentos.

*

A PELLE DE CASAMENTO

As mulheres europeias, quando contraheo matrimonio, costumam usar traje branco para a cerimonia, porém, as da Abissinia excedem-se em muito, porque não se limitam a aclamar a côr da sua roupa; chegam mesmo á côr da pelle.

Uma solteira pode ostentar a sua côr d'ebano; mas uma casada, que se estima tem que possuir uma côr de café com leite.

Para esse effeito, estas damas abexins encerram-se durante tres mezes n'um quarto e, com excepção da cabeça, embrulham-se n'um panno de lã, por baixo do qual ardem a fogo lento ramos verdes e cheirosos.

O fumo, que estes produzem destrôe a epiderme, e então apparece uma pelle mais suave e mais clara do que a primeira.

Todo o tempo que dura a operação, a familia occupa-se na alimentação da donzella.

Casamentos por castigo.

O Imperio de Siam, na India, é o paiz que tem menos solteironas, devido a uma instituição singular. As solteiras que não tem mais esperança de achar marido enviam ao governo a indicação de seu nome, sua fortuna e sua photographia, e são alistadas entre as noivas estadoaes.

O moço que commetter algum delicto será obrigado a casar com uma d'ellas. Se o delicto fôr pequeno, dão-lhe uma noiva sympathica, porem

o contrario acontece se o delicto fôr grande, especialmente, se se trata de roubos. Dizem que devido a este costume são muito raros os crimes em Siam.



OS ECLIPSES

Os eclipses, e bem assim os cometas, foram sempre interpretados como indício de calamidades inevitáveis. A vaidade humana vê o dedo de Deus a fazer-nos signaes sob qualquer pretexto, como se nós fôssemos o alvo da criação universal!

Anunciou-se em França um eclipse annular para o anno de 1764 e os parochos das aldeias foram convidados a «avisar os seus parochianos de que os eclipses não teem sobre nós influencia alguma, quer moral, quer physica; que não presagiam nem produzem epidemias, guerras ou accidentes funestos e que são consequencias necessarias do movimento dos corpos celestes e tão naturaes como o nascer do sol ou da lua».

O aviso foi superfluo e viu-se no dia fixado muita gente aterrorisada.

Entre os mussulmanos, ainda

hoje, um eclipse do sol é motivo d'um rito muito complicado.

O abade de Th. Moreux, director do Observatorio de Bourges, conta o que viu, quando do eclipse de 1906, em Sfax, na Tunisia.

O «imam» dirige-se á mesquita, recita os psalmos do Coram e faz grandes prostrações e invocações já combinadas.

Não se riam; á aproximação do eclipse, os maltezes, na sua maior parte catholicos, invadiram a igreja em que os astrônomos faziam as suas observações e o sacerdote viu-se obrigado a passar longas horas no confessionario: «Não me lamento dizia sorrindo, mas é muito para uma vez; felizmente que não ha eclipses todos os dias».

Quando do eclipse de 1564, visível em Paris, notou-se a mesma preocupação do povo em invadir as igrejas; todos tinham medo de morrer e os padres não chegavam para confessar os que o queriam fazer.

N'uma freguezia de grande area dos arredores de Paris, um parochio cheio de espirito, não tendo mãos a medir com trabalho, teve, segundo se diz, uma ideia muito original.

Na vespera á tarde, extenuado, não podendo mais e não tendo comido desde manhã, sahiu do confessionario, subiu ao côro

e dirigindo-se ás ovelhas disse: «Meus irmãos: em vista da consideravel affluencia de povo, os astrónomos decidiram addiar o eclipse para de hoje a quinze dias». Os parochianos não fizeram repetir a noticia. A chronica tambem não informa se voltaram no día do eclipse.

Entre os índios um eclipse, mesmo nos nossos dias, é um phenomeno extremamente importante sob o ponto de vista religioso.

A historia apresenta-nos uma grande quantidade de incidentes memoraveis sobre os quaes os eclipses tiveram grande influencia. Antes da batalha de Arbelas, Alexandre por pouco não viu o seu exercito derrotado com o apparecimento de um d'estes phenomenos. A causa da morte do general atheniense Nicias e a ruina do seu exercito na Sicilia, que deram começo á decadencia de Athenas, foi um eclipse da Lua. Todos mais ou menos sabem como é que Christovão Colombo, em termos de morrer de fome na Jamaica com o seu pequeno exercito, achou meio de obter viveres com a ameaça que fez aos Caraibas de os privar d'ali em deante da luz da Lua.

Apenas começou o eclipse logo elles vieram ás boas. Foi o eclipse do 1.º de março de 1504, observado na Europa, em Ulm por

Stoffler, em Nuremberg por Bernardo Walter, e que se deu na Jamaica ás 6 horas da tarde.



MYTHOLOGIA DOS ESCOSSEZES ANTIGOS

Segundo a crença dos antigos habitantes da Escossia as nuvens são o aposento das almas dos mortos. Os virtuosos e valentes são recebidos com alegria no palacio aerio de seus pais. Os máos são condemnados a correr o mundo com os ventos. A felicidade daquelles que habitavão o palacio aerio, consistia em verem satisfeitos todos os seus desejos. O espirito do guerreiro imaginava conduzir ao combate fantasticos exercitos. O caçador perseguia na mente sobre um ginete de vapôr, os javalis, as raposas, e outros animaes selvaticos. Todavia nenhum destes heroes podia entrar no divino alcaçar, se os seus bardos (cantores publicos) lhe não entoassem o seu hymno de morte: se esta cerimonia por acaso era esquecida, a alma ficava sempre envolta nas nuvens.

Cada escossez tinha o seu genio ou anjo tutelar que descia com a alma de seus paes, no meio das espessas nevoas, a predizer-lhe o exito de suas empresas.

O echo dos rochedos, que lhes feria o tympano, era o genio da montanha, que se aprazia em repetir-lhes sons agradaveis. O murmurio surdo e lugubre que precede a tempestade era o gemido do genio da colina. Se o vento vibrava as cordas das harpas dos Bardos, este som faditico era tido pelo leve choque das sombras, que decretavão a morte de algum dos seus magnatas.



O CARRO DA NOIVA NA ALEMANHA

Usava-se antigamente na Alemanha uma cerimonia nupcial, que consistia em conduzir a noiva ao seu fucturo esposo, com o enxoval que trazia de dote, em um carro chamado o *carro da noiva*, e esta prática era acompanhada, principalmente em Hesse, de ceremonias singulares, que um auctor antigo descreve nos termos seguintes.

O carro tem a forma do dos ceifadores: é amplo guarnecido de degrãos, e ornado de tiras de papel pintado: toldam-no dois grandes arcos triumphaes forrados de flores e de rama de pinheiro, cabem-lhe cinco pessoas a par e costuma sair de casa do futuro marido para ir buscar a noiva. Na parte anterior ha uma bancada

para os musicos, na qual tambem vão algumas vezes a madrinha a quem cumpre animar a donzela e as damas de honor.

Em chegando ao cabo do caminho apeam-se as damas de honor, sem dizerem palavra, e são introduzidas na alcova da menina, onde tomam parte n'um almoço, e bebem cerveja e vinho quente. Entretanto tocam os musicos peças alegres, e vivas; mas depois do almoço, pelo contrario cantam algum romance mavioso, cujo assumpto é ordinariamente religioso, e dahí saem com as demais pessoas presentes do quarto em que só fica a noiva, a qual se retira para traz do lar: entra a madrinha, que tem a seu cargo apresenta-la ao esposo, então na casa, e repete tres vezes estas palavras.

«Nós vos saudâmos, grandes e pequenos reunidos!

«Vimos noticiar-vos isto: trouxei-nos a joven noiva, vossa filha porque lhe edificamos uma casa para habitar durante a sua vida. Kyrie eleison?»

Depois tornam a entrar no carro com os musicos as damas de honor, que levam as cabeças descobertas, e as louras madeixas entretecidas de fitas e rosmanninho.

Neste momento, as vozes e os instrumentos entoam um cantico religioso que assim começa:

«O que Deus faz é bem feito.»
Depois de breve pausa continuam a cantar:

«A noiva está em casa; porque tarda em apparecer?»

Um dos cavalleiros de honra põe uma cadeira do lado direito do carro, e em breve o segue o outro, que traz a roca da noiva, mimo das suas amigas, que é do estilo ser preparada no domingo antecedente ao dia do casamento, e que costuma ser enfeitada com fitas e carregada de linho fino, ao qual se dá a figura de uma campainha. Na parte superior tem a roca enxerido um ramilhete donde pendem doze luzos pintados.

A madrinha da noiva sáe de casa levando o veu nupcial e sobe ao carro: segue-se, acompanhada de seu pae ou padrinho, a própria noiva, para a qual ha reservado um assento chamado o *assento livre*, que deve ter sido feito de proposito para a cerimonia. Em tudo estando prompto, dirige-se o padrinho aos musicos nestes termos:

«Ressoem e executem novos hymnos os vossos instrumentos! Embocai a trombeta sylvestre, e louvai a Deus em todas as horas!» E eis que os musicos começam a assoprar quanto podem nos seus instrumentos, em quanto o carro roda, seguido algumas vezes de outros muitos carrega-

dos de objectos que lhe pertencem. Mas esta pomposa marcha é subitamente interrompida, porque uns cavalleiros d'honra, e mancebos de cavallo, armados de brandões, emprehemde queimar a roca da noiva dentro do carro. Trava-se portanto um conflicto para defende-la contra os assaltos dos mesmos cavalleiros, que em tempos mais antigos procuravam arrebatat e despojar a noiva, o que dava logar a descarregarem-se de parte a parte bem puchados pescçoões.

As cantilenas, e as vozes dos instrumentos recreiam a gente do noivado, até chegarem ao logar onde o esposo, cercado de amigos e cavalleiros d'honra, sáe ao encontro da noiva. Alli, lançando mão d'um fuso, uma das damas de honor torce sem descontinuar tres fios com o linho da roca, e passa-os ao fuso, que deita para traz de si; um parente a cavallo dá tres voltas á roda do carro, e outro, que havia sido deputado á noiva, encaminha-se para o noivo, e recita-lhe uma extensa prática, recheada de citações da Biblia, na qual, entre outras coisas, narra a historia de Tobias. Vem depois os cavalleiros d'honra cumprimentar a noiva, e o carro se dirige á casa conjugal, saudada com festivaes applausos. Apeia-se o noivo do cavallo ao chegar á porta, e em

quanto os musicos tocam uma peça religiosa acompanhada de vozes feminis, vai buscar uma cadeira, e depõe-na á direita do carro, para ajudar a noiva a apear-se, e passados alguns instantes, tendo ambos trocado as véstes nupciaes, as fitas, e as corôas, por mais singelos vestidos, dirigem-se á igreja com os musicos e as demais pessoas do noivado, onde recebem as benções matrimoniaes.



A BALANÇA DAS FEITICEIRAS

No meio do seculo 17.º ainda em Ondewater na Hollanda, se seguia oficialmente hum costume, que recorda as próvas dos tempos da barbaridade, o qual havia sido introdusido por Carlos 5.º, diz-se que para salvar da morte huma multidão de victimas do fanatismo popular. Consistia este costume em pesar na grande balança da cidade as pessoas accusadas de feiticeria, para verificar se tinham o pezo requerido de hum bom e honrado christão. A maior parte das pessoas corriam voluntariamente a esta operação. Fazião-nos despir: huma mulher e dois homens, devidamente authorisados, verificavão o pezo. Os escrivães e notarios passavam hum certificado,

attestando que o portador tinha o pezo proporcionado ao seu talhe e estatura, e por tanto nada havia de diabolico no seu corpo. Este attestado que custava seis florins, era pago de mui boa vontade, porque livrava o portador do suplicio do fogo. Notava-se nesse tempo que a maior parte dos suppostos feiteiros e feiteiras, vinham da Westphalia, onde este prejuizo predominava.

Assegurão que este acto de superstição, por mais ridiculo que pareça, não está ainda inteiramente extirpado. Pessoas do campo ha que ainda crêem na verdade de taes próvas.



CANTIGAS SELETAS DA NOITE DE S. JOÃO

Jornaleiro, que lá cantas
Na cidade á lua cheia,
N'esta noite com certeza
Te lembrás da tua aldeia.

Pobre moça cá da aldeia,
Que serves lá na cidade,
Esta noite é d'esperanças,
Não morras de saudade.

Marujinho que navegas
Ao lóngo no bravo mar,
N'esta noite com que pena
Te lembrás do teu logar !

Brazileiro, brasileiro
Que nascestes em Portugal,
Quanto d'eras n'esta noite
Por vêr a terra natal !

Alcachofras mentirosas
 Não dizem segredos, não :
 Meu futuro hei-de sabel-o
 Resando ao meu São João.

As alcachofras são cardos,
 As orvalhadas são aguas;
 Ai noite de São João !
 Sempre os amôres são maguas.

São João disse ás cachopas
 Cá da nossa freguezia,
 Que não gastem alcachofras,
 Que elle cêdo as casaria.

Tirem-me lá esse ramo
 Que não arde na fogueira:
 Quem o leva ? Quem o guarda ?
 Que é ramo de lorangeira.

São João adormeceu
 A' sombra das lorangeiras;
 Ficaram bentas as flôres:
 Batam palmas as solteiras.

São João adormeceu
 No quintal entre os craveiros:
 E quem lhe furtou os cravos ?
 Foram os homens solteiros.

São João achou as rosas
 Com os cravos desposadas,
 E deitou-lhe logo a benção :
 Batam palmas as casadas.

São Joãosinho Baptista;
 Deixae as fêras do monte;
 Da Judeia vinde a Braga,
 Sereis São João da Ponte.

São João adormeceu
 De cansado no caminho
 E ficou fazendo guarda
 A seus pés o cordeirinho.

S. João adormeceu
 A' sombra d'uma figueira :
 Bem hajam os figos lampos
 Que é das fructas a primeira.

O' meu São João da Ponte,
 Pastorzinho sem chapéu,
 Mostrae-me aquelle Cordeiro
 Que guia as almas do céu.

São João ia passando
 A vêr as suas fogueiras
 E ralhou ás raparigas
 Por serem namoradeiras.

São João baptisou Christo
 Nas correntes d'agua pura:
 E' santa a agua que corre,
 Em quanto esta noite dura.

Orvalhadas, orvalhadas !
 Já se apagam as fogueiras
 Agora vamos á fonte,
 Cantando todas, ligeiras.

As freiras cantam no côro,
 As cachopas no serão:
 Cantam as moças e velhas
 Na noite do São João.

Já nasceu a estrella d'alva,
 Já não canta o rouxinol :
 A linda noite se acaba,
 Que lhe tem inveja o sol.



Noite de San'João

Tê os moiros da Moirama
 Festejam a San'João
 San'João, San'João, San'João!
 Dae-me péras do vosso balcão.

Cantigas populares.

I

--Meia noite já é dada,
 San'João, meu San'João,
 N'esta noite abençoada
 Ouvi a minha oração !

Ouvi-me, sancto bendito,
 Ouvi a minha oração,

Com ser eu moira nascida
E vós um sancto christão :

Que eu já deixei a Mafoma
E a sua lei do alkorão,
E só quero a vós, meu sancto,
Santo do meu Dom João.

II

Como eu queimo esta alcachofa
Em vossa fogueira benta,
Amor queime a saudade
Que no peito me arreventa.

Como arde esta alcachofa
Na vossa fogueira benta,
Assim arda a negra barba,
Do moiro que me atormenta.

Como esta fogueira abrasa
A minha alcachofa benta,
Ao meu cavalleiro abra-se
A chamma de amor violenta.

III

Sacudi do alto do céu
Vossa capella de flôres,
Que n'este ramo queimado
R.nasçam por meus amôres.

Orvallhadas milagrosas
Que saram de tantas dôres,
N'este coração, meu sancto,
Acalmem os meus ardôres.

San'João, meu San'João,
Sancto de tantos primôres,
N'esta noite abençoada,
Oh ! trazei me os meus amôres !

Ja se apagava a fogueira,
Já se acabava a oração,
Ainda está de joelhos
A moira no seu balcão.

Os olhos tinha alongados,
Batia-lhe o coração :
Muita fé tem aquella alma,
Grande é sua devoção !

Ouviu-a o sancto bemdito :
Que, por sua intercessão,
D'aquelle extasi acordava
Nos braços de D. João.

Visconde de Almeida Garrett.



SUPERSTIÇÃO

É mais perigoso atacar a superstição
do que a fé.

Segur.

A superstição é uma serpente que
circunda a religião com as suas roscas,
e a macúla com o seu habito.

Voltaire.

A superstição transforma tudo em
prodigios.

De Jancourt.

A superstição attribue a causas so-
brenaturaes aquellas cousas que a igno-
rancia não pôde comprehender.

Condillac.

A superstição é para a religião o que
as fezes são para o vinho, e as escorias
para os metaes.

Franklin.



FOLK-LORE

I

RIMAS POPULARES

Que seja como o meu avô,
Que foi e não voltou.

De contente
Lhe dóe um dente.

Não ha festa, nem dança,
Sem Dona Constança.

Olha a Maria Rosa,
De saia amarella,
Meia côr de rosa.

S. Braz te afogue,
Já que Deus não pôde.

Maria da Atalaya,
E' maior a camisa do que a sáia.

Um abraço,
E uma mordedella no cachaço.

Deus te dê o que te falta,
Que é o folle e mais a gaita.

Maria Annica,
Quantos mais ralos mata,
Mais ralos fica.

Não quero chá de pandilha,
Nem café de guerrilha.

Que risota
Tia Carlota!

Doe-me o pescoço
De olhar p'r'o almoço.

Graças ás cabacaças,
Louvores aos ôdres.

Sente-se no chão,
Com o os que cá estão.

Coitadinho,
De gôrdo está inchadinho.

E' algum presente,
De arroz quente.

Pelo desembaraço
Parece que foi criado no Terreiro do Paço.

Agora é que elle comprou
Com os dez réis que achou!

Inda hontem não tinha nada,
Já hoje está de perna trocada.

A minha avó
Não dava ponto sem nó.

Eu te arrenego
Cabeça de prego.

Tantarantana,
Minha carapuça,

Tantarantana,
Dinheiro mè custa.

Não tem osso,
Nem caroço.

Não me contes contos,
Que tenho as meias cheias de pontos.

Escarro grosso,
Tem caroço.

II

COMPARAÇÕES POPULARES

Secco e magro como um arengue de fumo.

E' como o sol de Janeiro, que não tem força, nem virtude.

Jura como um algarvio.

Leve como um sargento.

Tanto côrras tu como o dinheiro.

Anda como o coracol com a casa ás costas.

E' melhor de que canella.

E' vivo como um raio.

Parir como uma rata.

Veiohem eêdo, como peixe de Setubal.

III

ORAÇÃO A S. SILVESTRE

Encommendo-me a S. Silvestre,

A' camisinha que elle veste,

Ao leite que mamou.

A mãe que o criou,

Aos sete mil anjos,

A's sete mil virgens.

Que me livre de bruxas,

Feticeiras, e cousas más,

Da minha cama p'ra fora.

IV

FÓRMULA DO PEDIDO DE CASAMENTO NAS ALDEIAS DA BEIRA BAIXA

Ao que venho, venho,

Ao que digo, digo,

Venho pedir sua filha

Para casar comigo.

(Elvas)

Antonio Tomás Pires.

ONOMASTICO POPULAR ELVENSE

Alcunhas

III

Almocreve das pês-tas	Fura-matos
Arroz com couve	Gaguinha
Bago-de-milho	Gargalhadas
Barbas d'alho	Garça
Barriga torrada	Gato-amarelo
Barriga-rotta	Girafa
Beldroegas	Janeca
Bicuda	Jam-mijão
Boca de cação	Jica
Boca de favas	Jota
Burrinho do camara	Lan branca
Birundo	Linhas
Batistóla	Lombriga-torta
Caga-nozes	Má-fralda
Caixa d'olhos	Malapata
Cachudo	Mal-talhado
Calais	Maricas da buraca
Calatroia	Marrana das hostias
Canané	Manel daavó
Carinha de loiça	Mané-Zé
Carrané	Mané-Chinó
Carnuca	Manguilongo
Casaca de ferro	Mãos d'azinbo
Casadinho	Marmelada
Catrazanas	Marranita
Charola	Mata-cabras
Chieharo de mau co-ser	Mata-mouros
Codorniz sem rabo	Mata-gingão
Cypreste	Mata-tudo
Delphim	Meio-arrate
Dentudo	Mercatudo
Desvalido	Merendas-largas
Entrudo	Menino Jesus das beatas
Espanta-questões	Mija-azeite
Espingardinha	Móllinho
Estás-te-a-rir	Mon'lo
Facadinhas	Morcellinha
Fala-só	Ninho
Farópias	Ócoisas
Feixotas	Olhos de siba
Ferreirão	Olhudo
Fogaça	Pac das ancias
Fondandó	Pac do ceo desman-chado
Françasco	Pagina
Fura-vidas	Papa-jantares

Papa-lebres	Rato-branco
Papa-ratos	Rouxinól
Parafuso	Rei-preto
Pata-marreca	Salarufas
Pataquinho	Samarrita
Patás	Sapatás
Pataco-falso	Sapato d'ourela
Patriota	Sapatinho
Patatudo	Sempre-andar
Patóla	Sequidões
Pato-mudo	Siópe
Palatinho	Sociadades
Palhotas	Soldador
Passarinho doce	Tira-picos
Pau de chocolate	Tónaque
Pansinho	Tourão
Pé-de-chibo	Tumba-á-porta
Pé-de-corado	Traga-balas
Pé-de-pombo	Vacca-loura
Perna-fidalga	Virella
Pega-no-fato	Zézana
Pé-de-pau	Zézinho
Pencudo	Zédas-castanholas
Peralta	Zé-dormido
Periquita	Zé-dos-paus
Perna-podre	Zé-dos-presuntos
Pisa-flores	Zé--quitólis
Pópó	Zé-migas
Putão	Zé-grillo
Quinta	Zé-tonilho.
Rapasinho	

(Elvas)

A. Thomaz Pires.

LINGUAGEM POPULAR DE ESPOZENDE

A OSCAR DE PRATT

ADREGAR — acontecer.

AFERVENTADAS — (couves aferventadas): especie de caldo verde. Diz-se: «vou comer umas aferventadas.»

ALANZOADA, lanzoda — algazarra.

ALDEIRO — individuo amante de festas e romarias.

ARGAÇO—termo generico do sargaço e mais algas maritimas.

APANASCADO—idiota, imbecil, individuo *com areia*.

AZURATADO—desequilibrado.

BAGALHOÇA—dinheiro.

BORRÊCO—pucaro de barro com aza.

BOTEIFAS—aboboras.

BEBER como um ferreiro—beber muito, embriagar-se.

CARÓÇA «especie de cobertura ou casacão» para abrigar da chuva e feito de feno secco e duro ou de junco fino. O mesmo que *coroça* nos termos em que a define o *Archivo Pittoresco*, 6.º anno, fls. 271, apud *Revista Lusitana*, vol. 15, n.º 3 e 4, pg. 240.

CANTÊ—interjeição exclamativa. Significa: «Oxalál Quem déral»

CORREDOIRA—uma das setimas partes componentes dos novêllos de fio com que os maritimos fazem as rêdes. Cada novêllo compõe se assim de 7 corredoiras, de 30 braças cada uma.

CATIVA ou catixai—interjeição designativa de desprezo e nojo, que é acompanhada pela menção de cuspir.

CRICA—certã.

CARUNHO—carôço da espiga.

CHORAR—brotar, com referencia a agua. «Agua chorada»—a que apparece nos terrenos sem provir de veio subterraneo, mas apenas devida a infiltração de agua em local superior.

CHOVER *lendeas* ou estarem as feitiçeias a pentear-se—diz-se quando cahe uma chuva miudinha, não obstante estar o sol a descoberto.

CROQUE—ancinho grande com dentes de ferro que se emprega na apanha do sargaço.

DESCANÇO—especie de vibora vene-

nosa que apparece pelo matto. É o mesmo que «licanço ou liscranço», conforme vem definido na «Linguagem popular de Vila-Real» por Gomes Pereira.

ENCOCHICHADO—encolhido.

ENCAFUAR—vestir, enfiar á força.

ENCAFIFAR—envergonhar-se, *encavacar*.

ESPALHADOIRA—forca de pau ou ferro para espalhar a palha e sacudil-a.

ESTARDALHO—canalha, creatura desprezível.

ESCANZELADO—esganifrado, magro.

ESCOTEIRO—simples, sem mais qualquer coisa. «Eu dei um tostão escoteiro»: preciso, nem mais nem menos do que um tostão.

ESCÓCHA—esquerda, referindo-se á mão.

ESTAR—com as coc'laestar embriagado.

ENGAZOPAR—intrujar.

ENGAÇO—gadanho.

FORCIVEL—forçoso, valente.

FAGULHA—folha do pinheiro com que nas cozinhas se ateia o fogo.

FONA—avarento.

FUEIRO—designação dos estadulhos nos carros de bois.

FUNGAR—aspirar com ruido pelo nariz.

FUNGÕES—o nariz e em geral o rosto na expressão «ir aos fungões», «partir a cara».

FÔRMA—botão da roupa.

FÊCHO—sobrescripto.

GÓDO—seixo redondo e polido.

GORDA como lato—diz-se da sardinha muito gorda.

GADANHO—graveta ou ancinho de ferro com 4 dentes.

GÔGO—gosma, doença das gallinhas.

INFORCIVEL—fraco, sem força.

INTRALHO—fio.

ISQUINHO ou nisquinho—bocado.
 IR ao zegre—beber muito vinho.
 IR como um anjinho—estar embriagado.
 ISCO—bocado de massa levedada para fazer o fermento.
 JERICA—aguardente.
 LEVAR sal a Barroso—andar a mexericar. a intrigar.
 LUPAR—vêr, espreitar.
 LIMPEZA - toda a roupa que exista no casal.
 MONQUIR—comer.
 MORÇÃO—creatura fleugmatica, triste e indolente.
 MEDALHA - vestigio de qualquer ferimento que fica na pelle.
 MORCEGO —individuo estúpido.
 MEIO quartilho das mulheres—meia canada. Há mulheres que gostando de beber muito vinho, não querem que o publico saiba quanto compram e assim quando pedem nas tabernas meio quartilho de vinho, os taberneiros já sabem quanto ellas desejam.
 MÓ de baixo—individuo molle, arrastado.
 MANUSCRITES—rebuçados.
 MIGAS e agua d'unto—especies de caldo temperados com unto.
 NAMORAR-SE—diz-se que «se namorou» da rapariga que foi seduzida, e dos seus am. res teve um filho.
 NINO—abreviatura usual de menino.
 PICHÓ ou pucho—pequena trança que as creanças fazem no cabello, enrolando-a no alto da cabeça.
 PENEIRA—pelintra, pedante.
 PRISCA—ponta de cigarro.
 PETILHAR—mexer com alguém, brincar.
 PRANTA, planta —couve pequena para plantar.
 PENITRA—bocado de louza. Jogo da penitra: o mesmo que o jogo da

malha ou do fito, com pequenas lousas, em vez de placas de ferro.
 PEDRO—intestino grosso do porco, que recheado de farinha e assado constitue um acepipe por coacsião dos sarrabulhos.
 PUNHIU—poz, diz-se das gallinhas.
 PALEIRA - certã.
 PIROLÁMAS—borlas que enfeitam as saccas. Corrupção da palavra «pyramide».
 PILADO - carangueijo pequeno que se pesca em grandes quantidades para a adubaçãõ de terrenos.
 REBALÉSTE —tumulto, temporal, furacão, vento forte. Dizem os marítimos: «Veio um rebaléste que virou o barco». Dizem os lavradores ao vêrem um tumulto numa romaria: «Que rebaléste ahí vem».
 RABETA —caçoila de barro com rabo.
 RÉLA impertinente, aborrecido, que não cessa de fallar.
 SUSTANÇA substancia, alimento.
 SARNÃO o mesmo que *réla*.
 SURFASCOIRO pau, ou ferro para mexer as brazas no fórnõ.
 TARÉCOS —lenha miuda.
 TÓCO forma de penteado das mulheres em que o cabello se enrola no alto da cabeça.
 TANHÓ (gordo como um).
 TER o purgatorio na garganta estar sempre prompto para beber.
 TRINCHO (na Povoá)—testo.
 TOSCAR—espreitar.
 TRANCHO—sardinha que apparece nas rédes com o rabo cortado pelos carangueijos.
 TRESLER - d'uma pessoa imbecillada ou que começa a dar symptomas de demencia, se diz *que já treslé*.
 VENTIELA vent sinha.
 VERGUILHA, maneira ou carcela —for-

mas usuaes para designar a abertura dianteira das calças.

VENTO da cabra fanada—vento nordeste.

ZIBREIRO—embriagado.

ZUMBRA, zumbreira—canada.

ZINGARELHO—manivéla.

ZUEIRA—desquilibrado, leviano.

(Continua)

A. B. Lima.



TECNOLOGIA MARITIMA

A OSCAR DE PRAIT

O BARCO

AGULHA—gancho de ferro ao longo do leme que o encaixa no barco.

BANCO da ré—é tapado pelo lado do *ensaio*, formando assim o *caixão* da embarcação, onde dorme o mestre. A's vezes é tapado por ambos os lados.

CAÇAR a escota—prender a escota.

CAÇONILAS—bolas de pau que se enfiam n'um cabo que corre ao longo do mastro, e com cujo auxilio a vèrga se vae segurando a este.

CHAMACEIRA—parte superior da borda do barco onde se apoiam e e prendem os rémos.

CHAMA ou tolete—pau curto que prende o rémo ao barco, introduzindo-se no buraco da chama-ceira.

CURVATÕES—travessas de pau que ligam os bancos de prôa e sota-prôa.

CUNHOS—cunhas de madeira nos curvatóes.

DEFENSA—pedaços de corda ou rodelas de cortiça protectores da borda do barco.

ENSAIO—parte média do barco entre a pôpa e a prôa.

ENRAZA—corda presa ao *punho* que serve para fazer desandar a *vèrga*.

ESCOTA—corda que prende a vela.

LINGUETES—travessas nos curvatóes e que ajudam a segurar o mastro.

MASTRO— a parte inferior chama-se *pé*; a superior *reclame* e n'esta ha um buraco atravessado por uma corda (*ustaga*) que iça a véla.

PANAS ou paneiros—fundo falso dos barcos. São *moveis* ou *fixos*; os do ensaio são sempre *fixos*, e usam-se nos b́arcos de sardinha, para a defenderem do contacto com a agua do mar, que do contrario lhe incutiria gosto á *agua da caverna*.

PERRO—ferro que se fixa n'um olhal para segurar a *ustaga*.

POLE—apparelho para levantar as rédes. A sua parte mais curta, pois tem a forma d'um U mutilado, é a que assenta na borda do barco.

PEANHA—cavidade na caverna que serve para segurar o mastro.

PUNHO a parte da vèrga que fica junta ao mastro.

RIZES—cordas que servem para colher as rédes.

VERTEDOIRO—pá curta e cavada com que se exgota a agua do barco.

TACO—buraco no remo que, atravessado pela *chama*, o segura ao barco na *chamaceira*.

USTAGA—corda de içar a véla.

RÊDES

DO RIO

TARRAFA—rêde de arremesso com *chumbeiro*, que fica presa ao barco por uma corda; fecha como um sacco, envolvendo então o peixe.

RÊDE de bucho—rêde para a pesca da sôlha e chama-se de *bucho* por fazer grande sacco ao colher.

RÊDE dos agulhos—para a pesca do agulho e do camarão e que se fixa em dois paus nas proximidades das corôas.

TRESMALHO—rêde para a pesca da lampreia, colocada sobre *estacada*.

TRESMALHO d'albeitana—rêde composta de tres partes ou *pannos*, sendo a do meio com a malha meúda. Ao passo que vão andando os barcos vão colhendo a rêde lançada.

DO MAR

MUJEIRAS ou feiticeiras—rêdes para pescar nas proximidades da praia, firmando-se por estacas, quando a maré está baixa, para com a maré alta se colher mujos, tainhas, robalos, solhas, etc.

PEÇAS—rêdes de 25 braças para a pesca da sardinha.

QUARTEIS, carteis ou volanta—rêde para a pesca da pescada.

RASCAS—para a pesca da lagosta, raia, rodovalho, e mais peixe do fundo.

RODA-folle—sacco de rêde na pesca da sardinha, que serve para apanhar o peixe que vae cahindo da

rêde enquanto esta vae sendo colhida. Tambem se lhe chama *ganha-pão*.

TORTAS—antigas rêdes da sardinha.

VENTOS

NORTE—rei-vento certo e largo.

NORDESTE—ladrão, traiçoeiro.

LESTE—caçador.

SUESTE—fuzilador.

SUL—aguadeiro.

SUDOESTE—justamente.

OESTE—já é mais quente.

NOROESTE—pedraceiro.

VENTO que fede a rato—vento forte.

Espozende, 1-7-13. A. B. Lima.



Santo Antonio

(TRADIÇÃO POPULAR)

Êstando o Padre Santo Antonio,
A prégar o seu sermão,
Um anjo lhe segredou,
Que fosse acudir ao pae,
Que hia morrer enforcadol
O santo admirado ficou,
Para o seu povo olhou,
Uma Ave-maria pediu,
Para Lisboa partiu.
Chegou ao meio da rua Nova,
Viu justiça em toda a gente:
—Onde levas esse homem
A morrer tão innocente?
—Este homem matou outro,
No seu quintal o enterrou,
—Vamos á cova do morto
Que elle dirá a verdade:
—Levanta-te corpo morto,
Do mando do Omnipotente,

Diz aqui quem te matou,
Deante de toda a gente.
—Esse homem não me matou,
Nem d'elle tenho signaes,
O homem que me matou,
Na companhia o levais!
—O meu sagrado Messias
Não quer q'eu descubra mais;
Deite-me a benção meu pae,
Que sou seu filho Fernando,
Mudei o nome p'ra Antonio,
P'ra me livrar do Demonio
Que me andava a perseguir,
Noite e dia e toda a hora.

*

Santo Antonio é bom Santo,
Que livrou seu pae da morte,
Tambem nos ha-de livrar,
d'esta batalha tão forte.
Santo Antonio é nosso amigo,
Nosso amigo e protector,
ha-de levar-nos p'ra gloria:
p'ra gloria no andor!

(Porto)

CANDIDO A. LANDOLT.



Santo Antonio

ORAÇÃO

O' meu padre Santo Antonio,
Eu te metto nesta azada,
P'ra que a terra esteja toda
D'agua de chuva alagada.
E o sol se esconda
Que as nuvens venham já,
Leva o sol p'ra lá,
Traz as nuvens pr'a cá.
E se assim o não fizeres
De molho estarás tres dias,
Não te rezarei Padre-nossos,

Nem tampouco Ave-Marias.
E se o sol se esconder
Uma corôa rezarei.
E se vier a chover
Logo d'aqui te tirarei.

(Elvas)

ROMANCE

Estando o padre Santo Antonio
Aprégando o seu sermão,
Veio um anjo lá do ceu
Que o vinha converter:
— Tu, Antonio, estás aqui,
E tu não quererás crer,
Christo te manda dizer:
O teu pai vae a morrer.—
Santo Antonio que isto ouviu,
A Ave-Maria pediu.
Foi logo directo á corte,

.....
.....
Justiça com toda a gente:
—Onde levas esse homem
Padecer tão innocente?
—Este homem vae a morrer
Por outro que elle matou,
Testemunhas o juraram,
No quintal o enterrou.
—Vamos a esse quintal
Onde esse homem morto está—
Santo Antonio benzeu a terra

.....
.....
—Levanta-te, homem morto,
Com graça do Omnipotente,
Diz lá quem te matou,
Desengana esta gente.—
O morto se alevantou,
Deitou olhos ao senado:
Esse homem não me matou,
Nem d'elle dou signal,
Na companhia levas
Quem me fez todo o mal!
—Peço, p'la Virgem Sagrada,

Que não descubras mais,
 Que venho aqui p'ra livrar,
 Não venho p'ra condemnar.
 — Dizei-me, ó reverendo padre,
 Onde é o vosso convento,
 Que vos quero ir visitar.
 — O meu convento é em Padua,
 Não podeis lá chegar,
 Mas quero que reconheças
 O vosso filho Fernando,
 Que mudou nome p'r'Antonio
 P'ra se livrar do demonio.
 Que sempre o andava atentando.
 Deixae-me-ir, ó meu pae,
 Acabar o meu sermão
 Que deixei aquella gente
 Toda posta em oração,
 — Ditoso de um tal pae,
 - Que tem um filho d'esta sorte,
 Vem de Padua a Lisboa
 A livrar seu pae da morte.
 (Elvas).

RESPONSO

a) Santo Antonio se alevantou
 Suas Santas mãos lavou,
 Seus santos pés calçou
 Seu santo caminho andou,
 No campo de Lucifér
 Jesus Christo encontrou,
 O Senhor lhe perguntou:
 — Aonde vaes Antonio?
 — Eu, Senhor, p'r'ó ceu me vou,
 Tu p'r'ó ceo não irás,
 Quantas cousas se perderem
 Todas tu depararás .
 O meu glorioso Antonio,
 P'lo habito que vestistes,
 Pelo cordão que cingistes,
 Vistes estar vosso pae
 Com sete sentenças de forca,
 Não dormistes, não descansastes
 Em quanto, santo, o não livraste,
 Assim vos peço Santo bemdito,
 Que não dormeis, nem descanceis
 Em quanto não apparecer

O que vos peço me depareis.
 (Elvas)

b) Santo Antonio s levantou,
 Seus sapatinhos calçou,
 Seu bordãosinho agarrou,
 E Jesus Christo encontrou,
 — Aonde vaes bento Antonio?
 — Eu senhor convosco vou,
 — Não comigo, não irás,
 Todas as cousas perdidas
 Santo Antonio depararás.

(Elvas)

c) Santo Antonio se alevantou,
 Seus sapatinhos calçou,
 Seu bordãosinho agarrou:
 E Nossa Senhora encontrou:
 — Aonde vaes Antonio?
 Vou p'r'ó ceo.
 — P'r'ó ceo não irás,
 Na terra ficarás
 Todas as coisas perdidas
 Santo Antonio ampararás.

(Villa Boim)

ANTONIO THOMAZ PIRES.



CANTIGAS SOLTAS

1

Santo Antonio de Lisboa,
 A' porta do seu convento,
 Está á mesa do auditorio,
 Tratando o meu casamento.

2

Santo Antonio de Lisboa,
 Venha vêr o que cá vae,
 Deu a rabugem nos homens
 Como dá nos animaes.

3

Santo Antonio de Lisboa.
Espelho de Portugal,
Ajuda-me a vencer
Esta batalha real.

4

Santo Antonio de Lisboa,
Não quer que lhe chamem santo,
Quer que lhe chamem Antonio,
General mar'chal de campo.

5

Santo Antonio de Lisboa
Não quer que lhe chamem santo,
Quer que lhe chamem Antonio
Do Divino Esp'rito Santo.

6

Santo Antonio de Lisboa,
Casamenteiro das velhas,
Porque não casaes as moças,
Que mal vos fizeram ellas?

7

Santo Antonio de Cabanas
Tem uma pipa no monte,
As mulheres bebem vinho,
Os homens agua da fonte.

8

Santo Antonio do Convento,
Não tem velas no altar,
Hei-de-me casar este anno,
Hei-de lhas mandar prantar.

9

Santo Antonio do Convento,
Não tem vellas no andor,
Hei-de me casar este anno,
Hei-de lh'as mandar a pôr.

10

Santo Antonio vende peras,
Vende peras a vintem,

Lá irá o meu menino,
Santinho avia-e-o bem.

11

Santo Antonio me acenou,
De cima do altar,
Olha o maroto do santo,
Que tambem quer namorar!

12

Santo Antonio leve Antonio,
Antonio me leve a mim,
Os anjos do ceu me guardem
A terra onde eu nasci.

13

Santo Antonio ja foi frade,
Ja foi frade, já pregou,
Ao pedir as Ave-Marias,
Seu pae da forza livrou.

14

Santo Antonio é meu pae
S. Francisco meu irmão,
Os anjos são meus parentes,
Oh! que linda geração!

15

Santo Antonio, com ser santo,
Foi sempre um grande gaiato,
Foi a fonte com trez moças,
Recolheu, trazia quatro.

16

Santo Antonio vae aos cravos,
S. João mette p'ra cesta,
A Virgem faz a capela
P'ra Christo pôr na cabeça.

17

No altar de Santo Antonio
'Stá uma grande cerejeira,
Quem será a venturosa
Que colherá a primeiral

18

No altar de Santo Antonio,
'Stá um vaso de açucenas,
Onde vão as moças todas
A chorar as suas penas.

19

Ó meu padre Santo Antonio,
Que lá 'stás nessas alturas,
Éstas todo cheio de cravos,
Dos pés até á cintura.

20

O' meu padre Santo Antonio,
O' meu Santinho de Deus,
Na noite do vosso dia
Se queimaram os judeus.

21

O' meu padre Santo Antonio,
Vestidinho d'estamemha;
A quem Deus quer ajudar
O vento lhe ajunta a lenha.

22

O' meu q'rído Santo Antonio,
Acompanhae os perdidos,
Acompanhae o meu amor,
Quando vem fallar commigo.

23

Ó meu q'rído Santo Antonio,
Que estaes no meio dos mattos;
Por amor dos mexericos
Se desmancham os contractos.

24

O' meu padre Santo Antonio
O vosso cordão é bento,
Dae-me a luz dos vossos olhos
Do Divino Sacramento.

25

Santo Antonio é bom filho,
Que livrou seu pae da morte;
Ajudae-me a vencer
Esta batalha tão forte.

26

Hei de dar a Santo Antonio
'Ma fogaça de limões,
P'ra que sejam bem unidos
Estes nossos corações.

27

Santo Antonio vende peras
Lá detraz do seu vallado,
Se lá fôr o meu menino
Santo Antonio convida-o.

28

A treze do mez de junho
Santo Antonio se demove,
S. João a vinte quatro,
E S. Pedro a vinte nove.

29

Ailé,
Senhor Santo Antonio,
E' o melhor cravo
Do meu oratorio.



ROMANCE



Ó meu rico Santo Antonio
Santo do meu coração,
Attendei ás minhas preces
Que faço com devoção.

Fazei Santinho, que eu goze
Do casamento os prazeres,

Que este Santo Sacramento
Legou Deus a nós, mulheres.

Não queiraes que eu leve á cova
Rosas, palmito e capella;
Que é cousa triste no mundo
Ver morrer a uma donzella.

Não queiraes que as feições lindas
Que a natureza me deu,
Vão parar á terra fria
Sem deixar retrato seu.

Fazei-me pois, o milagre,
Santo do meu coração;
Prometto darvos um manto
Bordado por minha mão.

Não penseis que ha de ser feio
Ha de ser todo taful:
Ricas bordaduras de ouro
Sobre setim bem azul.

Se me fazeis o milagre
Eu vos prometto, Santinho,
Fazer mais uma fogueira
De alecrim e rosmaninho,
Como ao meu primeiro filho
Hei de chamar Antoninho.

(Elvas)

ANTONIO THOMAZ PIRES.



SANTO ANTONIO

(TRADIÇÃO POPULAR)

Santo Antonio, (1) quero-te en adorar,
Pois os meus amores querem-me deixar;
Santo Antonio d'aqui d'esta villa,

(1) Advogado dos casamentos, etc.

*Pois os meus amores querem-me deixar,
Santo Antonio d'aqui d'esta praça.
Santo Antonio, quero-te eu adorar
Pois os meus amores querem-me deixar.*

(repete-se o mesino)

Quer que lhe pintem a sua ermida,
Pois os meus amores querem-me deixar,
Quer que lhe pintem a sua oraga,
Pois os meus amores querem-me deixar;
Com ãa pinturinha mui linda,
Santo Antonio quero-te eu adorar
Pois os meus amores querem-me deixar,
Com ãa pinturinha mui clara,
Pois os meus amores querem-me deixar.

J. LEITE DE VASCONCELLOS

(2) Os estribilhos vão em grifho para se destacar melhor a rima.



ORAÇÃO A SANTO ANTONIO

PARA FAZER CHOVER

O' meu padre Santo Antonio
Eu te metto nesta azada,
P'ra que a terra esteja toda
D'agua da chuva alagada.

E o sol se esconda

Que as nuvens venham já,

Leva o sol p'ra lá,

Traz as nuvens p'ra cá.

E se assim o fizeres

De molho estarás tres dias;

Não te rezarei Padre-Nossos,

Nem tampouco Ave-Marias,

E se o sol se esconder

Uma corôa rezarei,

E se vier a chover

Logo d'aqui te tirarei.

(Elvas)

RESPONSO A SANTO ANTONIO

Santo Antonio se levantou,
 Suas santas mãos lavou,
 Seus Santos pés calçou,
 Seu santo caminho andou,
 No campo de Lucifér
 Jesus Christo encontrou,
 O Senhor lhe perguntou,
 —Aonde vaes Antonio?
 —Eu, Senhor, p'r'ó ceu me vou.
 —Tu p'r'ó ceu não irás,
 Quantas cousas se perderem
 Todas tu depararás=.

O' meu glorioso Antonio,
 P'lo habito que vestiste,
 Pelo cordão que cingiste.
 Viste estar vosso pae
 Com sete sentenças de força.
 Não dormiste, não descancaste,
 Emquanto, Santo, o não livraste;
 Assim vos peço, Santo bendito,
 Que não *dormeis*, nem descanceis.
 Emquanto não apparecer
 O que vos peço me depareis.

(VARIANTES)

a) Santo Antonio se levantou,
 Seus sapatinhos calçou,
 Seu bordãosinho agarrou,
 E Jesus Christo encontrou.
 —Aonde vaes, bento Antonio?
 —Eu, senhor, comvo co vou.
 —Não, comigo, não irás,
 Todas as cousas perdidas
 Santo Antonio as deparará.

b) Santo Antonio se levantou,
 Seus sapatinhos calçou,
 Seu bordãosinho agarrou,
 E Nossa Senhora encontrou:
 —Aonde vaes, Antonio?
 —Vou p'r'ó ceu.
 —P'r'ó ceu não irás,
 Na terra ficarás,

Todas as coisas perdidas
 Santo Antonio as *amparará*s.

SANTO ANTONIO

ROMANCE

Estando Santo Antonio em Padua,
 A pregar o seu sermão,
 Veio um anjo que Deus mandou,
 A trazer-lhe a embaixada:
 —Tu, Antonio, podes crer
 Que teu pae vae padecer,
 D'uma morte innocente,

.....
 E pediu uma Ave-Maria,
 No meio do seu sermão,
 E toi á Té de Lisboa.
 Viu aquelle acto de gente:
 —Aonde vae esse homem,
 Esse homem innocente?
 —Esse homem é culpado,
 Porque outro elle matou,
 E para maior signal
 No seu quintal o enterrou.
 —Vamos onde está o morto:
 «Levanta-te, homem morto,
 Da parte do Omnipotente,
 E desengana esta gente,
 E diz quem te matou.»
 --Este homem não me matou,
 Nem d'elle tenho signaes,
 Mas um que mal me queria,
 E na companhia o levae;
 Não quer o meu sagrado messias
 Que eu já descubra mais.
 —O' meu padre reverendo,
 Dizei-me aonde moraes,
 Que vos quero ir visitar,
 Já que não presto p'ra mais.
 —Admira-me, pae meu,
 Não conhecer um filho teu,
 Que lhe chamaram Fernando,
 E lhe mudaram o nome p'r'Antonio
 Para o livrar do demonio,

Que sempre o andava attentando,
 —O' meu filho tão amado,
 O' meu filho tão querido,
 Que me livraste da morte
 Sem eu te ter conhecido.
 —Pae, deite-me a sua benção,
 De dentro do seu coração,
 Que tenho de ir para Padua
 Acabar o meu sermão,
 Que aquelles que lá estão
 Já em falta me acharão.

• (VARIANTE)

Estando o padre Santo Antonio
 Aprégando o seu sermão,
 Veio um anjo lá do céu
 Que o vinha converter:
 —Tu, Antonio, estás aqui,
 E tu não quererás crer,
 Christo te manda dizer:
 O teu pai vae a morrer.—
 Santo Antonio, que isto ouviu,
 A Ave-Maria pediu.
 Foi logo direito á côrte,

.....

 Justiça com toda a gente:
 —Onde levas esse homem
 Padecer tão innocente?
 —Este homem vae a morrer
 Por outro que elle matou,
 Testemunhas o juraram,
 No quintal o enterrou.
 —Vamos a esse quintal
 Onde esse homem morto está.—
 Santo Antonio benzeu a terra

.....

 —Levanta-te, homem morto,
 Com graça do Omnipotente,
 Diz lá quem te matou,
 Desengana esta gente. —
 O morto se levantou,
 Deitou olhos ao senado:
 —Esse homem não me matou

Nem d'elle dou signaes,
 Na companhia levas
 Quem me fez todo o mall
 —Peço, p'la virgem Sagrada,
 Que não descubras mais,
 Que venho aqui p'ra livrar,
 Não venho p'ra condemnar.
 —Dizei-me, ó reverendo padre,
 Onde é o vosso convento,
 Que vos quero ir visitar.
 —O meu convento é em Padua,
 Não podeis lá chegar;
 Mas quero que reconheças
 O vosso filho Fernando,
 Que mudou o nome p'r'Antonio
 P'ra se livrar do demonio,
 Que sempre o andava attentando.
 Deixae-me ir, ó meu pae,
 Acabar o meu sermão,
 Que deixei aquella gente
 Toda posta em oração.
 —Ditoso de um tal pae,
 Que tem um filho d'esta sorte,
 Vem de Padua a Lisboa
 A livrar o pae da morte.

(Elvas)

ANTONIO TOMAZ PIRES



CANTIGAS SOLTAS

Santo Antonio não é pobre,
 Santo Antonio não é rico,
 Santo Antonio vende um cravo
 P'ra comprar um manjarico.

O' moças, cantem cantigas,
 O' moças, digam forçadas,
 Ahi vem o Santo Antonio
 Estão aqui estão casadas.

(De «O DÃO», de 1895)



Expressões portuguezas

Comparações

I. Quando alguéem chora muito, diz-se, como é sabido, que

chora como uma criança,
chora como uma Madalena ou
chora como uma Madalena arre-

pendida,

chora como uma videira (ou como
uma vide)

Estas comparações não carecem notas explicativas, tam evidente é a razão delas.

O chôro da videira é motivo de muitas cantigas populares, de tal forma êle impressiona a atenção do povo, nada admirando que a êste occorresse a interessante comparação. Os espanhóis dizem também que a videira *lloça*: «*Llorar*. *caer el licor gota a gota, o destilar como sucede en las vides al principio de la primavera.*» (*Dic. enciclop. de la lengua esp.*, da *Biblioteca ilustr. de Gaspar y Roig*; Madrid, 1853).

Os francezes dizem igualmente *la vigne pleure* (Vid. *Dic. Português-francês-e-latino*, de Costa e Sá.)

As comparações apontadas teem correspondentes em outras línguas. Mencionei:

—Em italiano: *piangere come un bambino*.

—Em francês: *pleurer comme un veau* e *bleurer comme une Madeleine*. *Tolmas* Pires, nas *Setecentas Comp. Alentej.* (Esposende, 1892, pág. 14) cita: *ploura coumo uno Mataleno*, provérbio extraído do *Glossaire des comparaisons populaires du narbonnais et du carcassez*, de A. Mir.

—Em inglês: *to cry like a baby*.

—Em alemão: *wie ein Schlosshund heulen*.

—Em andaluz: *yoró más que una Medalena* (Vid. *Set. Comp. Alent.*, pag. 13).

—Em galego, também dizem *chorar com'unha Madalena*:

Mais ten tan consumid'o corazon de pena
Qu'en nada topar pode consolo nin pracer,
E chora que te chora, com'onha Madalena,
Dá lástema, abofelhas, dá lástema de a ver.

Curros Enríquez, AIRES D'A
MINHA TERRA, 2.^a ed., Madrid
1881, pág. 35.

2. De quem não ouve, diz-se que é

surdo como uma porta,
surdo como um penedo ou
surdo como uma pedra.

—Em galego: *com'unha tapia, com'unha pedra*.

—¿Que di, miña queridiña?
Respondeu rindose a vella.
Son mesmo com'un-ha tapia
E non l'oyo, anque me fendan.

Rosa'ia Castro, FOLLAS NO-
VAS, Habana 1880, pág. 185.

—¿Que me dixo?
Son xorda coma un-ha pedra,
Ibidem, pág. 182.

—Em italiano: *sordo come una talpa*.

—Em francês: *sourd comme un pot*. Num artigo publicado na *Revue des Traditions Pop.* de Paris (xxxviii, pág. 500), acêrca de *Traditions pop. sur la chasse, en Franche-Comté*, vem:

«De quelqu'un qui a l'ouïe dure, on dit qu'il est *sourd comme une bécasse*». —«*La Bécasse*. Bégasse en patois» (pág. 499).

A comparação não é privativa dessa região. Vem mencionada no

Gr. Dict. Larousse, s. v. sourd.

3. De quem é muito magro diz-se que é

*sêco como as palhas,
sêco como um bacalhau.*

—Em andaluz: *más seco que un bacalao* (Vid. *Set. Comp. Alent.*, pág. 43).

—Em galego:

Pero Martiñ 'está seco
De celos com'onhas pallas

*Currros Enriquez, AIRES D'A
MINHA TERRA, 2.^a ed., Madrid
1881, pág. 35.*

—Em francês: *sec comme un pendu* ou *comme un pendu d'éte*, e ainda *sec comme de l'amadou*.

4. Ditados vários atestam a estimação em que sempre foi tida a carne de carneiro, a qual não raro é tomada para termo de comparação.

Apontarei os ditados que se seguem:

Não há carne como a do carneiro
nem amor como o príncipio.

Os escalos em Janeiro
teem o sabor do carneiro.

(Monção).

Os polvos em Janeiro
são como carneiro.

[Ancora (Caminha)].

Dizem os lobos que

cães novos em Janeiro.
são melhores do que carneiro

[Oucidres (Chaves)]

A pescada em Janeiro
vale carneiro

(Vid. *CAL. RURAL.*, de Tomás Pires, pág. 12.)

com as variantes:

A pescada em Janeiro
vale carne de carneiro.

(Vid. *REV. LUS.* XIV, 179)

Uma pescada em Janeiro
vale por um carneiro.

(Viana)

Pescada em Janeiro
vale por carneiro.

[Perre (Viana)]

e que nos *Adagios, Proverbios, Rifãos e Anexins da Lingua portugueza*, de F. R. I. L. E. L. Lisboa, 1780; pág. 60] vem assim:

A pescada de Janeiro
val carneiro.

Neste Adagiário se encontra estoutro ditado [pág. 33 e pág. 60]:

Ave por Ave,
o carneiro se voasse.

A propósito d'êste ditado, o Sr. João Ribeiro, nas *Frazes feitas*, Rio-de-Janeiro 1908, pág. 268, diz: «A simples paronimia, ou semelhança de palavras, agrupa idcias desconexas: — *Ave, por ave, o carneiro se voasse.* — Está na coleção do *Delicado*, mas deve ler-se *ovelha* em vez de *carneiro* (ovelha, avelha, ave). Parece referir-se á preferencia de alimentação tenra e delicada.»

O ditado em questão não faz senão mostrar a excelência da carne de *carneiro*, por um modo pitoresco. Há carnes de ave magníficas—gallinha, perdiz, codorniz etc.—consideradas as melhores de todas, como o indicam vários provérbios, mas a de carneiro é que é a melhor, sendo péna que êste animal não fôsse ave para a sua carne figurar entre as que são geralmente mais apreciadas: as carnes de ave.

Num artigo intitulado *Noticias*

Não ha pão como o pão branco
nem carne como o carneiro,
nem peixe como o peixe,
nem amor como o primeiro.

cf. Rev. de
Minh., III
n.º 13.

de Penela que Pinheiro Chagas publicou n- *A Ilustração Portuguesa*, de 27 de Setembro de 1886 (3.º ano, n.º 11), cita-se um passo da monografia dada a lume sob a mesma epígrafe do artigo, por Delfim José de Oliveira,—passo em que se vê, por testemunho de documento, que a carne de boi ou vaca se vendia a doze réis o arrátel, «entrando n'ella o real d'agua de Sua Magestade» e que era obrigatório «mandar dar carne de carneiro no açougue por occasião das vindas do ouvidor da correição e do provedor da comarca, a quatorze réis o arratel.» Isto se registara em auto camarário de 27 de Abril de 1640.

Já Camões notara, como observa Pinheiro Chagas:

Eu já vi a ta'verneiro
Vender vaca por carneiro.

—o que mostrava ser a carne de carneiro mais cara do que a de vaca, e mais apreciada.

Em galego, há também ditados populares que apregoam a excelência da carne de carneiro, correspondentes aos portugueses acima citados. Conheço estes:

A pescada de Xaneiro
val um carneiro.

Em Xaneiro,
berza vella val carneiro.

Em Xaneiro,
a raya val carneiro.

Noutras línguas deve sem dúvida haver expressões idênticas, pois que de muito longe vem esta adoração pela carne de carneiro.

No livro *Sentences, maximes et proverbes mantchoux et mongols*, de Luis Rochet (Paris 1875), encontra-se um ditado manchu e outro

mongol nos quais a carne de carneiro é já apreciada:

—Manchu (pronúncia figurada em francês):

Khonin deberen oudou antangga bitchibe geren i angga de atchabou-rengge mangga.

Tradução: *Quoique le mouton ait bon goût, il sera difficilement agréable à la bouche de tous.*—Vid. n.º 148, pág. 69.

—Ditado mongol, semelhante:

Khonin ou mikha kedui amtan bjokistai bolbasou berkhamouk olos ou amtan dour kurkuye berke.

Tradução: *Bien que la viande de mouton soit d'une saveur convenable, elle est difficilement du goût de tout le monde.*—Vid. n.º 148, pág. 131.

Viana-do-Castelo, 15 de Novembro de 1914.

CLÁUDIO BASTO.



CONTOS POPULARES PORTUGUESES

Dou hoje principio á publicação dalgumas narrativas populares por mim recolhidas na Figueira da Foz e seu concelho após a impressão do 2.º vol. do Folclóre da Figueira, coordenação minha e de Augusto Pinto (Espozende, 1910-1914).

I

O padre esperto

Era duma vez um padre que sabia governar bem a sua vida sem

sê maçar muito. Quando na freguezia ou fóra della morria alguém, e tinha que assistir aos officios, tal padre, quando cantava, costumava sempre aconselhar os mais novatos a que se governassem tambem como éle. E então cantava:

—*Dómos óbisco!*

—*Ê de conspituó!*

Orêmos!

Se êle é rico e tem dinheiro,
façam-lhe o officio inteiro;
mas se é pobre e nada tem,
metade basta-lhe bem.

II

«O preto do esgarójo»

Era duma vez um preto que gostava muito de ir ás escondidas a uma egreja comer pão molhado no *esgarójo* (a alâmpada do azeite). O sacristão via todos os dias a grande falta de azeite e não sabia a causa; até que um dia se escondeu atraz do altar, e viu o preto que vinha c'um pão pela igreja acima, chegado diante do Santo e perguntou:

—O' Santinho, deixa molhar no *esgarójo*?

Diz o outro detraz do altar:

—Nó, nó, nó!

O preto ficou muito admirado, mas sempre ateimou outra vez:

—O' Santinho, você está hoje muito mau! Então não dá licença que o *espretinho* mólhe o seu pão no *esgarójo*?

E o sacristão lá detraz:

—Nó, nó, nó!

Vae o preto já zangado.

—Pois, quer o Santinho quer nó, hei-de molhar no *esgarójo*!

Mas quando elle começou a descer a alâmpada p'ra molhar o pão saiu o sacristão do esconderijo, e

molhou a sôpa no costado do preto.

III

O diabo noivo

Uma vez o diabo quiz apanhar a alma duma rapariga. Fez-se num homem e namorou-a; e na noite do casamento deu um grande baile, mas foi logo prevenindo que não queria lá rapazes. Ora uns que tinham sido postos fóra ficaram á porta a espreitar por uma fisga rente ao chão, e que haviam êles de vêr? Que o noivo tinha pés de cabra. Então bateram á porta, e quando vieram abrir puzeram-se de longe a gritar:

—Olha o noivo tem pés de cabra! O noivo tem pés de cabra!

Então o diabo deu um grande estouro, e a casa ficou cheia de fumo. Por isso lá diz o ditado que os rapazes descobrem o que o diabo esconde.

IV

O homem que tinha a mulher bruxa

Um rapaz que estava casado ha pouco tempo acordou uma noite e não encontrou a mulher na cama. Procurou-a por toda a casa, e como não na encontrou poz-se a desconfiar do caso, e na outra noite fingiu que durmia. Alta noite entra no quarto a mãe da mulher e pergunta:

—Ele já dorme?

E vai a filha disse que sim.

Despiram-se, foram a um vão da parede tirar uma caixinha e untaram o corpo todo com certa pomada que lá estava. Depois disseram:

Avò, avò,

por cima de toda a fôlha!

E sahiram a voar pelo postigo fóra. O rapaz ficou todo admirado de ver aquilo, e sem saber o que havia de fazer, até que se lembrou que tudo aquilo seria negócio de bruxedo, e resolveu se a ir ver p'ra onde iam as duas. Foi-se á caixinha, besuntou o corpo todo, e preparou-se tambem p'ra avoar; mas em vez de dizer como a mulher e a sógra, enganou-se e disse:

Avôa, avôa,
por baixo de toda a fôlha!

Saiu logo a voar pela porta fóra, mas foi por baixo de pinhas e pinhais, de silvas e silveirais, até que chegou todo arranhado e cheio de sangue ao lugar onde era a combinação da bruxaria toda. Lá viu a mulher e a sógra, e o diabo, feito num bóde a quem todas beijavam o traizeiro. O diabo viu-o e disse:

—Olha este figurão com o ele chega ao baile todo arranhado! Aposto que é novato e veio por baixo de toda a fôlha! .

Ao depois puzeram o diabo no meio, e começaram uma dança de rôda que durou até ao cantar do galo; mas o homemsinhô veio adiante e meteu-se na cama a fingir que durmia quando a mulher chegou.

Ao outro dia deu-lhe uma sóva e pô-la no ôlho da rua (*).

CARDOSO MARTHA.

(*) Ha uma variante, em que o rapaz é solteiro, e as mulheres são uma o namôro, outra a futura sógra. O rapaz costumava ir passar um bocado de noite a casa do namôro, mas quando era perto da meia noite, as duas tratavam sempre de o despedir, dizendo que tinham sono e que se queriam deitar. Avisado por uns amigos de que ellas eram bruxas, uma noite o rapaz fingiu ser muito sono e adormeceu. Ellas tentaram inutilmente acorda-lo, até que desisti-

Confrontos etnograficos

1. Nas fórmulas magicas usam-se muitas vezes expressões obscuras, por exemplo *ôca*, *marnôca*, *tres vezes ôca*; vid. *Trad. Pop. de Port.*, p. 310. O mesmo acontece noutros países, por exemplo no Egito antigo: vid. A. Wiedemann in *Archiv f. Religionswiss.*, xiii, 356.

2. Expressão usual: *ir o carro adiante dos bois*; cfr. em inglês: *to put the cart before the horse*; em alemão: *Den Wagen vor das Pferd spannen*; em italiano: *il carro avanti i buoi*.

3. Ha um conto nosso ou facécia em que, batendo um individuo num santo, este deixa cair dinheiro; cfr. G. Paris, *Poèmes et légend. du moyen âge*, p. 38.

4. *Galinha que canta de galo* deve matar-se: *Trad. Pop. de Port.*, p. 153. Cf. a revista inglesa intitulada *Man*, 1904, p. 122.

5. Quem morre, passa por uma ponte estreita: *Trad. Pop. de Port.*, § 342-a. Cf. Cumont, *Textes et mon. relatifs aux myst. de Mithra*, I, 37.

6. Queimar ramos bentos contra a trovoadas: *Tr. Pop. de Port.*, p. 64. Cf. *Zs. f. Westf. Volksk.*, v, 103.

7. Crê-se na Alemanha que quando se boceja, se engole o Diabo, e por isso a pessoa defuma-se: *Zs. f. westf. Volksk.*, v, 105. Cf. o q se

ram e partiram, deixando-o ficar. Antão ele seguiu-as, como no conto acima, e á volta abandonou a namorada e não voltou lá mais.

passa em Portugal: *Trad. Pop. de Port.*, p. 253.

8. Com as nossas lendas em que a Virgem, quando ia pra Bellem, amaldiçoava a Natureza, *Trad. Pop. de Port.*, p. 905, cf. a revista italiana intitulada *Lares*, 1, 154, (bis) e 155.

9. Num ms. do sec. xvii-xviii do Museu Etnologico lê-se a seguinte nota também manuscrita: « Quisquis amat ranam || ranam putat esse Dianam: *Quem a feia ama, formosa lhe parece* ».

10. *Separar o trigo do joio*: cfr. em inglês *to separate the wheat from the chaff*.

J. LEITE DE VASGÓNCÉLOS.



TRADIÇÕES POPULARES

PF

BARCELLOS

ORAÇÕES

I

Ao anjo da guarda

Senhor meu, anjo da guarda,
Semelhança do Senhor,
Que do ceo fostes mandado
Pela guarda e guardador,
Peço-vos, anjo bendito
Pela graça e poder
Que do laço do demónio
Me ajudeis a defender;
Jesus crucificado,
Filho da Virgem Maria,
Que me guardeis esta noite
E amanhã por todo o dia;
Padre-nosso e ave-maria.

2

Ao deitar

Deus seja comigo
Dentro do meu coração;
Eu já me entrego
Ao acto da contrição,
A Jesus de Nazaré,
A' Virge nossa Senhora,
Esposa de São José.

3

Ao deitar

Eu me entrego á luz
E á santa bella cruz,
A' SS. Trindade,
Ao Senhor da *germindade*,
E ao Senhor S. Romão
Que me livre de cães,
Danados e por danar,
D'home morte e *má* encontro,
D'home vivo e *má* perigo;
S. Romão seja comigo.

4

Variante

Eu me encomendo á luz
E á santa bella cruz
E ao ramo da humanidade,
A' SS. Trindade
Que me livre de cães,
Danados e por danar,
D'home morto e d'home vivo;
S. Romão seja comigo.

5

Ao deitar

Nesta cama me deito
Em logar de sepultura;
Permitti, Senhor,
Que eu não adormeça
Na noite escura,
Porque a muitos anoitece
E não amanhece.

6

Ao deitar

Com Deus me deito,
 Com Deus me alevanto,
 Com a graça de Deus
 E do divino Espirito Santo,
 Senhor me cubra co'seu manto.
 Se eu bem coberto fôr,
 Não haverá medo nem pavor,
 Sou de vós, ó meu Senhor.
 Senhor, eu deitar-me quero,
 Por *offreço* vos entrego.
 Se eu adormecer, acordai-me,
 Se eu morrer allumiai-me
 Co'as candeias
 Da SS. Trindade. Amen.

7

Ao levantar

Peço-vos anjo bemdito
 P'la vossa graça e poder,
 Que dos laços do inimigo
 Me ajudeis a defender.
 Meu corpo não 'steja preso
 Nem a minha alma perdida
 E Jesus ave-maria.

8

Ao levantar

Pus- ne a pé de madrugada
 P'ra varrer a Conceição.
 Encontrei Nossa Senhora
 C'um raminho d'ouro na mão.
 Eu pedi-lhe uma folhinha,
 Ella me disse que não.
 Eu tornei-lha a pedir,
 Ella deu-me o seu cordão,
 Que lhe desse doze voltas
 Ao redor do coração.
 O' meu Padre-Sant'Antonio,
 Aceitai-me este cordão,
 Que me deu Nossa Senhora
 Sexta-feira da Paixão,
 Sabbado de Alleluia.
 Domingo da Resurreição.

9

Ao entrar na igreja

Nesta igreja vou intrar,
 Com J. Christo vou fallar,
 Agua benta vou tomar.
 Botei os olhos ao ceo,
 Pensamento á gloria,
 J. Christo na custodia.
 Salva-me, casa santa,
 Que vós fostes ordenada
 Pelo meio do caliz bento
 E da hostia consagrada.

IO

A' missa

Aqui me ajoelho, Senhor,
 Muito pobre entristecida:
 Dai-me olhos com que vos veja
 Coração com que vos sirva.

A missa se começa,
 O padre a resa,
 Os anjos a *canto*,
 O Senhor a adora:
 Inimigo vai-te embora,
 Não me estejas a tentar,
 Eu venho para ouvir missa,
 Não venho para pecar.
 Toca a *santos*, toca a *santos*,
 Toca a Deus nosso Senhor:
 Quem o receber em graça
 Terá pago,
 Quando deste mundo for.
 Dita seja ella no ceo e na terra,
 Minha alma tenha parte
 E quinhão nella.
 Meu Deus, que morto fostes
 E vivo estais
 Dai-me do vosso viver
 Gloria para vos servir:
 Botai-me a vossa benção
 Que eu embora quero ir.

II

Padre-nosso pequenino

Padre-nosso pequenino,
 Qu'ê das chaves do Paraíso,

Quem nas deu, quem nas não deu?

—S. Pedro e S. Romenço.

S. Romenço estava sobre a porta,
Com a capinha bem posta,
Preguntando aos meninos,
Aos meninos do bordão,
Se elles *sabe* a oração,
A oração do *peligrino*,
Quando Deus era menino,
Que andava pelo mundo
Tres Marias a *vigitar*,
Todas tres no seu altar,
Seu sanguinho a derramar,
Suas mãosinhas a pingar.
Tem-te, tem-te Madanella,
Não o queiras alimpar,
Que isto são as cinco chagas,
Que Jesus tem p'ra passar.

12

Oração do quando o mar se abriu

Quando se o mar abriu,
Logo mandou dizer
Pelo anjo S. Gabriel:
«Bem dita sejam Maria»,
Se o seu Filho morreria.
Para o ir levar á cruz,
A' sexta-feira de luz
O' campo de *Yarafaz*:
Sim, Senhor, comsigo traz.
Quando fores para as igrejas,
Levantai os corações
E rezai as orações,
Que o Padre Santo quer ouvir,
Apostolos e seus irmãos,
O sangue que delles cair,
Caia no calix sagrado,
O homem que o beber,
Será bem afortunado,
Nesta vida será rei
E na outra coroado.
O' Pilatos, ó Pilatos,
O' Pilatos de Judias
Mandou escrever uma carta
E leva-la ás freguezias.

ROMANCES

I

Romance do anjo Custodio

(O diabo a disputar com o anjo Custodio)

—Amigo Custodio

—Custodio sim, amigo não.

—Dize-me as doze palavras ditas e retornadas:

—A primeira é que nasceu

—J. Christo em Jerusalem

Para nos salvar, Amen.

—Amigo Custodio.

—Custodio sim, amigo não.

—Dize-me as duas.

—São as duas taboinhas de Moysés,

Onde J. Christo pôs os pés:

A primeira é que nasceu

J. Christo em Jerusalem

Para nos salvar, Amen.

—Amigo Custodio.

—Custodio sim, amigo não.

—Dize-me as tres.

—São as tres pessoas da SS. Trindade:

As duas são as duas taboinhas de Moysés,

Onde J. Christo pôs os pés:

A primeira é que nasceu

J. Christo em Jerusalem

Para nos salvar, Amen.

—Amigo Custodio

—Custodio sim, amigo não.

—Dize-me as quatro.

—São os quatro Evangelistas:

As tres são as tres pessoas da SS. Trindade:

As duas são as duas taboinhas de Moysés,

Onde J. Christo pôs os pés:

A primeira é que nasceu

J. Christo em Jerusalem

Para nos salvar, Amen.

—Amigo Custodio

—Custodio sim, amigo não.

—Dize-me as cinco.

—São os cinco sentidos:

As quatro são os quatro Evangelistas:

As tres são as tres pessoas da SS. Trindade:

As duas são as duas taboinhas de Moysés,

Onde J. Christo pôs os pés:
A primeira é que nasceu
J. Christo em Jerusalem
Para nos salvar, Amen.

--Amigo Custodio
--Custodio sim, amigo não.
--Dize-me as seis.
--São os seis accidentes:
As cinco são os cinco sentidos:
As quatro são os quatro Evangelistas
As tres são as tres pessoas da SS. Trindade
As duas são as duas taboinhas de Moysés,
Onde J. Christo pôs os pés:
A primeira é que nasceu
J. Christo em Jerusalem
Para nos salvar, Amen.

--Amigo Custodio
--Custodio sim, amigo não.
--Dize-me as sete.
--São os sete pecados mortais:
As seis são os seis accidentes:
As cinco são os cinco sentidos
etc.

--Amigo Custodio
--Custodio sim, amigo não.
--Dize-me as oito
--São as oito bemaventuranças:
As sete são os sete pecados mortais:
As seis são os seis accidentes:
etc.

--Amigo Custodio
--Custodio sim, amigo não.
--Dize-me as nove.
--São os nove meses
Que a Senhora trouxe
Seu SS. Filho no ventre.
As oito são as oito bemaventuranças:
As sete são os sete pecados mortais:
etc.

--Amigo Custodio
--Custodio sim, amigo não.
--Dize-me as dez.
--São os dez mandam ntos:
As nove são os nove meses

Que a Senhora trouxe
Seu SS. Filho no ventre:
As oito são as oito bemaventuranças:
etc.

--Amigo Custodio
--Custodio sim, amigo não.
--Dize-me as onze.
--São as onze mil virgens:
As dez são os dez mandamentos:
As nove são os nove meses
Que a Senhora trouxe
Seu SS. Filho no ventre:
etc.

--Amigo Custodio
--Custodio sim, amigo não.
--Dize-me as doze.
--São os doze frutos:
As onze são as onze mil virgens:
As dez são os dez mandamentos:
etc.

--Amigo Custodio
--Custodio sim, amigo não.
--Dize-me as treze.
Não ha treze
Nem cousa nenhũa
Arrebenta demonio
Que esta alma não é tua.

2

Romance da Palção

Estando eu na minha sala
A fazer oração,
Passou Madanella
E mais S. João.
Elles me perguntaro:
Vós que fazeis ahi?
Eu cheguei á janella
E já os não vi.
De porta em porta,
De rua em rua,
Jesus da minh'alma
Sem culpa nenhuma.
Este home que vos appareceu
Que se chama Jesus...

Jesus está na cruz
 Com tres cravos encravados,
 S. João está ao lado,
 E a virge com tanta dor:
 O' meu Deus, ó meu Senhor,
 Esta cruz de pau pesado
 Que nem sete a levaro...
 Ajudai-me aqui, Simão;
 —Sim, senhor, ajudarei,
 Quinta feira de Indoenças,
 Domingo da *surreição*.

Com sua santa divindade
 Correu toda a cidade
 Co grande peso da cruz
 E por o caminho dando luz,
 Mas o sol escurecia,
 E o Filho de Deus morria.
 Chorai olhos, chorai olhos,
 Se vos disserem: por quem?
 E' por Christo, nosso bem.
 Quem o não quiser crer,
 Suba áquelle *eiteiro*
 Lá verá a auguinha a regar,
 E o seu sangue verdadeiro.
 Por uma corre *auga*,
 Por outra corre vinho,
 E por outra corre sangue
 Do seu coração ferido.

Quem esta oração disser
 Quatro vezes na quaresma,
 Outras quatro no carnaz,
 Quatro almas *tirará*
 Das penas do Purgatorio:
 A primeira será a sua,
 A segunda de sua mãe,
 A terceira de seu pai
 A quarta dum parente mais chegado.
 Amen.

3

Variante

Estando em serra
 Fazendo oração,
 Passou Madanella

E mais S. João.
 Que fazeis ahí, Senhora?
 Vosso Filho vai ali.
 Foi atrás d'elle
 De portas em portas,
 De ruas em ruas,
 Até que chegou á rua da amargura.
 Pilatos, Pilatos,
 O rei dos Judeus,
 Escreveu uma carta
 Para os fariseus
 Que prendesse a Christo
 Que morre por nós.
 Não ha neste mundo
 Cruéis como nós.
 Cabeça sagrada,
 Coroada de espinhos,
 É atravessada de juncos marinhos.
 Se o não quereis crer,
 Assubi áquelle *eiteiro*,
 Lá vereis a rua regada
 Adeante vai *cruzeiro*
 Amarrado á columna,
 Se vós sois a madre sua,
 Mais adeante não vades.
 O home que vós buscais,
 Eu vos darei sinais,
 E' Jesus, que está na cruz
 Com tres cravos encravados.
 São João que está ao lado,
 O' Virgem com tanta dor,
 O' meu Deus, ó meu Senhor,
 Que as costas levais abertas
 Num madeiro tão pesado,
 Que nem sete o levaro.
 Ajudai-me aqui, Simão:
 Sim, Senhor ajudarei,
 Mas vós haveis de o levar
 Numã santa sexta-feira
 De Indoenças:
 Vossa santa Divindade,
 Que correu toda a cidade
 Com grande peso da cruz,
 As pedras *atromentavo*,
 O caminho dava luz,
 O ceo escurecia,
 O Filho de Deus morria,

Para nos salvar
 J. Christo quer intrar
 Pelas portas de Jerusalem,
 Para sempre, Amem.

4

A devota da Virgem Maria

Um pai tinha uma filha
 Que era muito devota
 Da Virgem santa Maria.
 Tres *rosairos* lhe resava,
 Tres *rosairos* cada dia,
 Um era pela manhã,
 Outro era ao meio dia,
 Outro era á meia noite,
 Enquanto seu pai dormia.

Por ella foram chamar
 Para uma santa romaria:
 Não, Senhora, não,
 Que tal conta não fazia.
 Foi chamar seu pai á cama:

—Acorde meu pai, acorde,
 Mas acorde com cortesia.
 O pai se alevantou

E seguiu sua jornada
 Até á fonte d'agua fria,
 Lá *le* appareceu nossa Senhora:

—Queda aqui, minha devota,

Queda aqui, devota minha,

Que has de estar aqui

Sete annos e um dia

Sem ver o sol, nem lua,

Nem claridade do dia.

O fim dos sete annos

Le appareceu nossa Senhora:

—Como te vai, minha devota,

Como te vai, devota minha?

—Senhora, vai bem.

Que não me par'ce'u nem um dia.

—Se tu querias ser casada,

Esposo te arranjaría.

—Não, Senhora, não,

Que tal conta não fazia.

—Se tu querias ir *pró* pai,

Eu te levaria.

—Não, Senhora, não,
 Elle não me conheceria.

—Se tu querias ir *pró* ceo,
 Eu te levaria.

—Sim, Senhora, sim,
 Que era o mais que eu pertendia.

Tocaram os sinos do ceo.
 Todos com muita alegria
 De sair um corpo santo
 Da fonte d'agua fria.

5

Janeiras

As janeiras não se cantam
 Nem *ds* reis nem *ds* lidalgos.
 Só se canto *ds* lavradores
 Por ser anno milhorano
 Milhorano na saude,
 Descontado nos pecados.
 Eu bem vi nossa Senhora
 Nas varandas de Belem
 Com seu filhinho nos braços,
 Que assim lhe parecia bem.
 Este dia de janeiro,
 Por ser dia primeiro,
 E' de grandes mercimentos
 Em que Deus passou tormentos
 Tormentos p'ra nós salvar,
 E seu sangue derramar.
 Vamos dar as despedidas
 Na cruz dum cruzado novo,
 Saídas do anno velho,
 Intradas do anno novo.
 O' meu menino Jesus,
 Não sei que vos farei,
 Não tenho cama nem berço,
 Nos braços vos criarei.
 Voltaí os olhos *ó* ceu,
 Lá vereis estar uma cruz,
 Que tem cama e mais berço
 Para o menino Jesus
 E o menino vai no berço,
 Coberto c'um cobertor,
 Os anjinhos vão cantando:
 Louvado seja o Senhor.

Viva o patrão desta casa
Míl annos e um dia,
Que tem hoje a festejar o Deus menino
Gente de tanta alegria.

Viva lá, senhora Luísa,
Sapatinhos de veludo,
Quando mette a mão n'algibeira,
Tira dinheiro p'ra tudo.

Viva lá, senhor P. Antonio
E mais a sua capella,
Quando vai p'ra dizer missa,
Desce Deus do ceo á terra.

Viva lá, senhor Manoel
Capote á cavallaria,
Quando entra na igreja,
Vai com toda a cortesia,

Viva lá, senhor João
Onde põe o seu capote:
No meio da sua sala
Que parece a estrella do norte.

Viva lá, senhora Miquelina,
Çafatinho de flores:
No meio da sua sala
Representa os seus amores.

Viva lá, senhora Maria,
Olhinhos de pomba branca:
Alguma coisa merece
Quem lh'esta cantiga cañta.

Viva lá, senhor Antonio
Onde põe o seu chapéu:
No meio da sua sala
Parece um anjo do ceo.

Viva lá, senhora Anna,
Onde põe o seu cordão:
No meio da sua sala
Parece um manjaricão.

Viva lá, senhora Teresa
Onde põe o seu collete:

No meio da sua sala,
Parece um ramalhete.

Viva lá, senhora Albina,
Çafatinho de maçães:
Tira uma, tira duas
Tira tres, não ti a mais.

Viva lá, senhora Rosa
Còradinha com'ua cereja:
São os olhos mais bonitos
Qu'entro na nossa igreja.

Viva lá, senhor Delfim,
Onde põe os seus sapatos:
No meio da sua sala
Que parecem dois gatos.

Viva lá, senhor José,
Onde põe as suas chancas:
No meio da sua sala
Que parecem duas trancas.

6

Reis

Santos Reis, santos c'roados,
Vinde ver quem vos c'roou:
Foi a Virgem Mãe sagrada,
Quando por aquí passou.

Entraí, pastores, entraí,
Por esses portais sagrados,
Lá vereis star o menino
Entre palhinhas deitado
Numa triste manjidoira,
Onde o boi bento comia;
O boi bento aquentava
Com a sua baforada,
E a mula recalcava
Com as suas ferraduras.

Maldição te boto, mula,
Que não paras vez alguma,
Se chegares a parir,
Não veja sol nem lua,
Nem luar que te allumie
Para jornada nenhũa.

Reis

Vamos dar festas felizes,
 Estimados moradores;
 A benção de Deus vos cubra
 De virtudes e flores.
 Apareceu uma strela.
 Tão bella e resplandecente,
 Que por ella se guiavam
 Os tres Reis do oriente.
 Baltazar e Belchior
 E Gaspar na sua companhia,
 Foram *conduzir* a estrela
 Todos com muita alegria.
 Voltaram por onde Herodes,
 Que o iam visitar;
 Herodes *lhe* diz:
 Que andais a procurar?
 —Vamos *conduzir* a estrela
 Para onde ella nos guiar.

A estrela se foi pousar
 A' lapinha em Belem,
 A lapinha era pequena,
 Não cabiam todos tres,
 Ad raram o Deus menino
 Cada um por sua vez.

Quando Deus dos altos ceos
 Viu tamanho desatino,
 Mandou á Senhora um anjo
 Que fugisse com o menino,
 S. José e nossa Senhora
 Com o seu menino nos braços
 Caminham para o Egypto
Pró deserto dos espinhaços.

7

Perlenga

Em Lisboa se formou
 Palacio de grande altura;
 Casas ricas tem fartura,
 Quem doba tem seu sarilho.
 As gallinhas vão ao milho,
 Quem paga são os pardais,
 O burro leva *tafais*,

Tambem leva seus estribos,
 Todas as vendas tem figos,
 P'ra contentar os rapazes.
 No mar andam alcatrazes,
 Tambem ando suas gaivotas.
 Meninas de pernas tortas,
 Curadas com *inguento*,
 Quem toca os *munhos* é o vento;
 Quem papa a mosca é a aranha:
 Oh que cantiga tamanha,
 Que *lhe* não posso dar fim:
 Um raminho d'alecrim
 Que se dá aos namorados:
 As armas são *prós* soldados,
 Os *fost'ros* *prós* caçadores.

8

Remoque aos medicos

Se como *bôs* bocados,
 Se bebo *bôas* pingas,
 Se c.
 Se mijo boas ourinas;
 Bem podem c. os medicos
 Nas suas medecinas.

9

Aos padres e medicos

Duas cousas ha no mundo
 Qu'eu não posso entender:
 Os padres ir *pró* inferno
 E os *sergiões* morrer.

Parlendas

1

Amanhã é domingo,
 Do pé do cachimbo,
 Do gallo montês,
 Pica na rês,
 A rês é de barro,
 Pica no tarro,
 O tarro é fino,
 Pica no sino,
 O sino é d'ouro,
 Pica no touro,
 O touro é bravo,

Arrebita o rabo
Para cima do telhado.

2

O' Joaquininha
De trás do mosteiro,
Se tu queres casar,
Eu te arranjo
Um carpinteiro.
—Carpinteiro não,
Quem me atranca a porta,
Antes soldadinho
Que marcha na tropa.
—Soldadinho não,
Que não marcha bem,
Antes barbeirinho
Que barbeire bem.
—Barbeirinho não,
Que amola a navalha,
Antes alfaiate
Que me talha a saia.
—Alfaiate não,
Que é muito vaidoso,
Antes estudante,
Que é mais abonoso.
—Estudante não,
Que é muito mamão,
Antes padeirinho
Que me amassa o pão.
—Padeirinho não,
Que come o farello,
Antes ferreirinho,
Que bata o martello.
—Ferreirinho não,
Que anda muito negro,
Antes pedreirinho,
Que parte o penêdo.
—Pedreirinho sim,
Pedreirinho sim,
Pedreirinho era,
Pedreirinho sim,
Pedreirinho sim
Que é da nossa terra.

CANCIONEIRO

I

A villa de Barcellos
E' virada á estação:
As moças que nella moram
São a minha perdição.

2

O' Barcellos, ó Barcellos,
O' Barcellos, ó vadio:
Caiste da ponte abaixo,
Postes beber agua ó rio.

3

Freguesia de Midões
De pequeninha tem graça;
Tem um chafariz no meio,
Dá de beber a quem passa.

4

Freguesia de Midões,
Ao longe parece villa:
Tem um cravo na intrada,
Uma rosa na saída.

5

Midões vale um patico,
Remelhe vale um vintem:
Ávellos mil cruzados
Por ter as moças que tem.

6

O' igreja de S. Bento,
Feita de pedra morena:
Dentro d'ella ouvem missa
Dois olhos que me dão pena.

7

Sete vezes fui ao Porto,
Passei á Ramada Alta:
Procurai quem diga bem,
Que quem diga mal não falta.

8

Tenho um amor em Braga,
Outro em Ponte do Lima:
Quando lhe quero fallar,
Voti pelo rio acima.

9

Dizeis que viva a Maia,
 Não sei que graça lhe achais:
 Terra de milho miudo,
 Alimento dos pardais.

10

Santa Marta da Falpêrra,
 S. João do pé de Braga,
 Que me dê boa fortuna,
 S'eu tiver de ser casada.

11

Terreiro de Santa Marta
 No meio tem uma ponte:
 Dá de beber a quem passa
 Para o Bom Jesus do Monte.

12

Santa Marta do alto
 Para o anno lá hei de ir:
 Casadinho ou solteiro
 Ou creado de servir.

13

Hei de ir ao Senhor do Monte,
 Ao Senhor do Monte hei de ir:
 Quem vai ao Senhor do Monte,
 Vai ao ceo e torna a vir.

14

Minha maçã vermelhinha,
 Que me deu um brasileiro:
 Ha tres annos que a tenho,
 Ainda não perdeu o cheiro.

15

Minha maçã vermelhinha,
 Que me deu um caiador:
 Ha tres annos que a tenho,
 Ainda não perdeu a cor.

16

Minha maçã vermelhinha,
 Picada do roixinol;
 Se não fosses picadinha,
 Eras linda como o sol.

17

Minha maçã vermelhinha,
 Nem na comi, nem na dei:

Aceitei-a como prenda,
 No coração a guardei.

18

Se o loureiro não tivesse
 No meio tanto papel,
 Da minha janella via
 Os olhos de Manoel.

19

Se o loureiro não tivesse
 No meio tanto alecrim,
 Da minha janella via
 Os olhos de Joaquim.

20

Se o loureiro não tivesse
 No meio tantas felores,
 Da minha janella via
 Os olhos dos meus amores.

21

A saia de Margarida
 De curta ficou bem linda:
 O ladrão do alfaiate
 Talha á moda de Coimbra.

22

A saia de Margarida
 De curta ficou bem boa:
 O ladrão do alfaiate
 Talha a moda de Lisboa.

23

A saia de Margarida
 De curta ficou bem bella:
 O ladrão do alfaiate
 Talha á moda de Palmella.

24

A Rosa e mais a Maria
 Foram ambas aos fajõe :,
 Acharam a terra fria.
 Viraram-se aos trambulhões.

25

Menina que está á-janella
 Olhando p'ra quem passa,
 Tem olhinhos de cadella,
 Venha comigo á caça.

26

Vou-me d'aqui embora,
P'ra onde não to digo:
Se o quiseres saber,
Prepara-te, anda comigo.

27

Vou por hi abaixo
Como se não fosse a nada:
Vou abanar uma p'reirinha,
Que nunca foi abanada.

28

Meu pai chora que se mata
Por eu não chegar ao stalão:
Não chore, meu pai, não chore.
Que eu hei de ter livração.

29

No mar largo anda a guerra,
Eu bem ouço dar os tiros:
Eu bem ouço combater
Meus ais com teus suspiros.

30

Tenho dentro do meu peito
Um lambique d'aguaardente,
P'ra espalhar as saudades
Quando de ti estou ausente.

31

Elle chove, o rio cresce,
O meu barquinho não anda:
Coitadinha de quem tem
Amores da outra banda.

32

Os meus olhos choram agua
Por um cano de marfim,
Para regar uma rosa
Que tenho no meu jardim.

33

Menina d'olhinhos pretos,
Lengço da mesma cor:
Diga-me quem lhe morreu
Se foi pai ou se foi amor.

34

Eu não sei que fiz ao sol,
Que não dá na minha rua:

Eu vou-me vestir de preto,
Que de branco anda a lua.

35

O' lampião da esquina,
Allumia cá p'ra baixo:
Eu perdi o meu amor,
A's escuras não o acho.

36

Vou-me vestir de preto,
Do mais preto que ha na loja:
Eu já tenho noticia
Que o meu amor que me foge.

37

Eu subi ao limoeiro,
Cheguei ao meio, cá,
O limoeiro é morte,
Ai de mim, qu'eu já morri.

38

Sou soldado, sirvo o rei,
Tambem sirvo a rainha:
Tambem laço sentinella
A' tua porta e á minha.

39

Eu queria cantar alto,
A garganta não me ajuda:
Falta-me aqui o pão branco
E mais o sumo da uva.

40

Senhor abençoe o padre
Que te pos o nome d'Anna:
E' como o dia santo
Que ha no meio da semana.

41

Acorda meu bem dormindo
Desse sono em que estais:
Assim como eu não durmo,
E' bem que vós não dormais.

42

Acorda, se estas dormindo,
Desse delicado sono:
Anda ver o teu amor
Que anda perdido sem dono.

43

Dizes-me que sou pequena:
Sou tamanha como vós:
Sou fininha como a linha,
Delgada como o retroz.

44

Meu amor disse que vinha
Quando viésse o luar:
O luar já lá vem vindo,
Meu amor sem cá chegar.

45

O meu amor anda onte
Pela minha porta passou:
Por causa da vizinhança
Nem o chapéu me tirou.

46

O meu amor não é aquelle,
Que o meu amor traz chapéu:
O meu amor é tão lindo,
Parece um anjo do ceo.

47

Chamaste-me o que eu não era,
Nem por isso me importei:
Sujaste a tua boca,
O que eu era, sempre fiquei.

48

Já se sabe,
Stava a dar paleio, olé!
Já se sabe,
Estava a palear:
Já se sabe,
Era o meu amor, olé!
Já se sabe,
Estava a conversar.

49

O' rapazes da lealdade,
Se tendes amores,
Fallai-me a verdade.

50

O loureiro bate, bate,
Eu bem o ouço bater
Com a folha no telhado
Para o amor entender.

51

Se o loureiro não tivesse
No meio tanta ramada,
Da minha janella via
Os olhos da minha amada.

52

Ainda agora aqui chiguei,
Ainda agora fui chigada:
Até agora era esquecida
Agora já sou lembrada.

53

Não te encostes ao loureiro,
Que é verde, pode quebrar:
Encosta-te ao meu peito
Que te pode segurar.

54

Aqui anda um pangaio
De loureiro em loureiro,
Hoje casa, amanhã casa,
Stá sempre o pangaio solteiro.

55

A cana verde no mar
Navega, não vai ao fundo:
Ainda que eu queira, não posso
Tapar as bocas ao mundo.

56

Apague-se essa candeia,
E mais a luz desse lar:
Os olhos da Mariquinhas
Chegam para alumiar.

57

A cana verde no mar
Navega por onde quer;
E' como o moço solteiro
Emquanto não tem mulher.

58

Aquella menina linda,
Aquelles olhos são meus:
Aquelle corpo bem feito
Era o mais qu'eu pedia a Deus.

59

Donde estou, bem vejo
Duas meninas iguais:

S'eu quiser dizer, bem vejo
Quais é que m'agrada mais.

60

O' meu amor de tão longe,
Chega-te cá mais p'ra perto,
Que me doe o coração
De te ver nesse deserto.

61

Se quiseres qu'eu cante bem,
Dai-me vinho ou dinheiro:
Não penses que a minha gargantinha
Que é safra de ferreiro.

62

O' minha pombinha branca,
O' minha branca pombinha,
Quando ha de ser a hora
Que t'eu hei de chamar minha.

63

Atirei com a azeitona
A' menina da janella:
A azeitona caiu dentro,
A menina quem na dera.

64

Dava-te o meu coração
E a chave para o abrir:
Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que pedir.

65

Atirei com balas d'ouro
Por cima do mar á terra:
Quem me dera saber
O teu sentido qual era.

66

Não ha machado que corte
As raizes ao *urjavão*:
Não ha nome que mais m'agrade
Que o nome de João!

67

Não ha machado que corte
As raizes ao alecrim:
Não ha nome que mais m'agrade
Que o nome de Joaquim.

68

Laranjeira do pé d'oiro
Deita laranjas de prata:
Tomar amores não custa,
Deixa-los é que mata.

69

Antonio, lindo Antonio,
Lindo amor tenho eu:
Quem tem um amor Antonio,
Tem uma quinta de seu.

70

S'eu morrer e tu morreres
Morreremos nós ambinhos:
Ainda se ha de poder ver
Numa campa dois anjinhos.

71

Antonio, lindo Antonio,
Antonio, lindo rapaz:
Tens olhinhos de garoto,
Não sei se me enganarás.

72

Passai pela tua porta
Pus a mão na fechadura:
Não ma quiseste abrir,
Coração de pedra dura.

73

O' vida da minha vida,
O' vida do ai Jesus:
Quem me dera hoje estar
No terreiro de Santa Cruz.

74

Botei o limão correndo,
A' tua porta parou:
Quando o limão te quer bem,
Que tará quem o botou.

75

Pensavas pelo teu rir
Que já m: estavas querendo:
O teu rir é de brajeiro,
Eu de ti nada pertendo.

76

Pensavas pelo meu rir
Que já me tinhas na mão:

Eu não sou tão rabaceira
Que coma a *fruíta* do chão.

77

Tenho dentro no meu peito
Duas janellas abertas,
Para intrar e sair
Saudades incobertas.

78

Menina d'olhinhos brancos
Lencinho da mesma cor:
Diga ao seu pai que a case,
Eu serei o seu amor.

79

Ando rouca, enrouquecida,
Do meu peito encerrada:
Isto foi uma paixão
Por teu respeito causada.

80

O meu amor e o teu
Andam ambos na Ribeira:
O meu anda á herva doce,
O teu á herva cidreira.

81

Subi ao limoeiro,
Cinco folhas lhe tirei:
Cinco sentidos qu'eu tinha
Todos em ti empreguei.

82

Com pena peguei na pena
Com pena fiz um s:
Com pena disse
Ao meu amor que viesse.

83

O' meu amor, se tu vieras
Por aqui todos os dias,
Eu te pagarei o tempo
Que tu comigo perdias.

84

O meu amor não é aquelle,
Que eu no andar o conheço:
Tem o andar miudinho
Como a folha do codeço.

85

Donde estou bem vejo
Olhos que me estão matando:
Mata-me de vagarinho,
Que eu quero morrer penando:

86

Dá-me da laranja um bocado,
Da maçã um bocadinho,
Dos teus braços um abraço,
Da tua boca um beijinho.

87

Eu hei de casar *esti* anno,
Ou *pró* anno que vem:
Estão os docinhos baratos,
E' o cento a vintem.

88

Ainda agora reparo
Quem no passeio andava:
Anda o cravo, anda a rosa,
Anda quem eu desejava.

89

Eu hei de te amar, amar,
Hei de te querer, querer,
Hei de te roubar de casa
Sem tua mãe saber.

90

Hei de te amar, amar.
O' meu raminho de bem querer,
Hei de roubar de casa
Sem tua mãe saber.

91

Quatro coisas quer o amo
Do creado que o serve:
Deitar tarde, levantar cedo,
Comer pouco e ser alegre.

92

O' vida da minha vida,
O' vida do *vera veras*:
Dava-te o meu coração,
S'eu soubera quem tu eras.

93

Já te tenho dito, rapaz,
Que não sejas tão ladrão:

Foge-me das raparigas,
Como as gallinhas do grão.

94

Não quero o amor Antonio,
Que amarga como trovisco:
Antes quero Manoel,
Qu'ê nome de Jesus Christo.

95

Margarida vai á fonte
Vai encher a cantarinha:
Margarida vai á fonte,
Vai á fonte e vem sosinha.

96

Vai alta a lua, vai alta,
Vai alta na mansão do ar:
Mais alta vai a ventura
Que Deus tem para nos dar.

97

O meu amor era torto,
Eu mandei-o cavacar:
Agora já tenho cavacos
Para fazer o jantar.

98

Manoel, que lindas moças,
Manoel, que lindas são!
Quero-te bem, Manoel,
Da raiz do coração.

99

Caçador que vai á caça
Não vai só por ver a lebre:
Vai para caçar a menina
De colletinho alegre.

100

Caçador que vai á caça
Não vai para caçar o coelho,
Vai para caçar a menina
De colletinho vermelho.

101

O meu coração é assucar
Que na agua se derrete,
Da-me um bocadinho d'elle
Para o meu que se não seque.

102

O meu coração é vidro,
E' vidro na tua mão:
Se te queres vingar d'elle,
Deixa-o cair no chão.

103

Atira, mano, atira
A' pomba que anda na eira:
Ah ladrão, quem mataste?
Era a minha companheira.

104

O' meu S. João Baptista,
A vossa capella cheira,
Cheira ao cravo, cheira á rosa,
Cheira á flor da laranjeira.

105

A flor do matto é doce,
A raiz amarga bem:
Eu não posso comprehender.
A mancha que os homes tem.

106

Sabbado hei de morrer;
Domingo me hei de enterrar,
Todos os anjos do ceo
Me hão de acompanhar.

107

Corria com louca esperança
Em busca da varia sorte:
Julgando ganhar a vida
Nada mais ganhei que a morte.

108

Abre as asas, linda pomba,
Abre as asas, toma vento:
Vai-me levar esta carta
Onde está meu pensamento.

109

No meio d'aquelle mar,
No meio d'aquelle rio,
Ando dois corações
A cantar ao desafio.

110

O cantar não é pécado,
Nem no digo ao confessor:

Os anjinhos lá no ceo
Tambem cantam ó Senhor.

111

Não cortes a oliveira,
Nem lhe ponhas o machado,
Que allumia toda a noite
A Jesus sacramentado.

112

No adro de Gilmonde
Não nascem senão ortigas:
Vem-se para o de S. Paio,
Veem-se bellas raparigas.

113

Viva lá, senhora Teresa
E mais as suas cachopas,
Deixe-me ir *pró* seu serão,
Para contar as maçarocas.

114

Estes mocinhos d'agora
São poucos, mas são valentes:
Levam a pia dos porcos
Atravessada nos dentes.

115

Tenho fome, não é de pão,
Tenho sede, não é de vinho:
Tenho fome dum abraço,
Tenho sede dum beijinho.

116

Atirastes, atirei,
Encontraram-se as pedradas:
Quando se as pedras incontro,
Que farão as nossas fallas.

117

Eu vou-me d'aqui embora,
Não levo pena nenhuma:
S'eu quiser dizer, bem sei
Por quem eu levo alguma.

118

Coitadinho de quem tem
Dois amores n'ua rua:
Passa por um, diz adeus,
O outro logo amua.

119

Eu hei-de te amar, menina,
Ou a chorar ou a rir:
Sempre te hei de andar ao geito,
No laço te hei de cair.

120

O' minha mãe, olhe aquelle
Que pega em mim na rua:
Fulano deixa a menina,
Que ella é minha, não é tua.

121

Quando eu te vi, ó freirinha,
Encostadinha no mirante,
Logo meu coração disse:
Tu, freirinha, tens amante.

122

O meu amor me disse onte:
Para domingo fallaremos:
A semana tem seis'dias,
Eu ainda queria menos.

123

Mariquinhas tecedeira
Tem o tear á janella:
Dá-*le* o vento, dá-*le* a chuva,
Todo o fiado lhe quebra.

124

Pus-me a contar as estrellas,
Só a do norte deixei:
Por ser a mais linda,
Contigo a comparei.

125

Quando pensei que tinha
Minhas penas acabadas,
Agora é que as tenho,
Novamente dobradas.

126

Rosa que estás na roseira,
Deixa-te estar até ver:
Hei de ir ao Brasil,
Ainda te hei de vir colher.

127

O meu amor é Domingos,
Parente dos dias santos:

Como te hei-de apartar eu,
Dominguinhos *antre* tantos.

128

O' alto lirio roxo,
Cobre-me com tua sombra:
Eu roubei uma menina
E não tenho onde a esconda.

129

Se tu fores, eu hei de ir,
Se tu ficares, ficarei:
Quando não, tirai-me a vida,
Que eu apartar-me não hei.

130

A cana verde me disse
Que eu havia de ir com ella:
Ora vai-te, cana verde,
Que eu não deixo minha terra.

131

Eu queria cantar alto,
Falta-me a *suspiração*:
Falta-me a luz dos teus olhos,
O favor da tua mão.

132

Já comi e já bebi,
Já molhei minha garganta:
Sou como o pintasilgo,
Quando come, logo canta.

133

Meu pai chamava-se Chasco,
Minha mãe Chasca Maria:
Pelos geitos que eu vejo
Sou filho da chascaria.

134

Ainda que o lume se apague,
Na cinza fica o calor:
Ainda que o amor se ausente,
No coração fica a dôr.

135

Quando eu era pequeno,
Andava de meias brancas:
Agora por meus pecados
Trago vergas nas tamancas.

136

O' oliveira do adro,
Não assombres a igreja:
Bem assombrado anda
Quem não logra o que deseja.

137

No alto d'aquelle monte
Está um jardim a secar:
Os meus olhos se obrigaram
A dar agua para o regar.

138

Oliveira do Brasil
Deita para cá um gano:
Que o meu amor é teimoso,
Dura-lhe a teima um anno.

139

O padre, quando vira
O livro, diz: oremos:
Tu dizes qu'eu hei de ser tua,
E eu digo que veremos.

140

Eu já vi a morte negra
No adro a comer uvas:
Vai-te embora, morte negra,
Desamparo das viuvas.

141

O' morte, tirana morte,
De ti tenho mil queixas:
Quem has de levar, não levas,
Quem has de deixar não deixas.

142

Da outra banda do rio
Tem meu pai um castanheiro:
Dá castanhas em abril,
Uvas brancas em janeiro.

143

Se ouvires dizer que eu morro,
Não chores por mim, meu ben:
A morte dum desgraçado
Não causa pena a ninguem.

144

O tempo que t'eu amei,
Melhor estivera doente:

Tempo tão mal empregado
Dado de tão boa mente.

145

Se tu passares pelo adro
No dia do meu enterro,
Pede á terra que não coma
As tranças do meu cabelo.

146

O' meu amor não embarques,
Nem te botes ao navio:
Olha que as ondas do mar
Não são as ondas do rio.

147

As ondas do mar são brancas,
No centro são amarellas:
Ai da mãe que tem um filho
Para andar em cima dellas.

148

Tudo o que no mar embarca
Tudo á barra do Porto vem:
Tudo vejo vir á barra,
Só o meu amor não vem.

149

Da outra banda do rio,
Da outra banda d'alem,
Tem meu pai um castanheiro
Que muitas castanhas tem.

150

Menina que anda na roda,
Com que lava o seu cabelo?
—Com uma hervinha do monte
Que se chama *tremetelo*.

151

Ai, ai, ai
Roubaram-me a raparica,
Ai, ai, ai
Ella era tão minha amiga.

152

Quando eu era solteira,
Usava fitas e laços:
Agora que estou casada
Trago meus filhos nos braços.

153

Vai-te, sono, vai-te sono,
Fora da minha creada:
Nem a vestes, nem a calças,
Nem lhe pagas a soldada.

154

A pulga e mais o piolho
Andam no monte a roçar:
Lá vai o carrapatinho
Carregado *ca* jantar.

155

Não quero que me dê nada,
Que esse teu dar é pedir:
Não quero que d'aquí a pouco
Me andeis a perseguir.

156

Não quero que me dê nada,
Que eu tambem nada te dou:
Só quero que tu te alembres
Do tempo que já passou.

157

Ajuda-me aquí ferreiro
A seguir esta demanda:
Beni podes entender
Que uma roda só não anda.

158

O mou amor coitadinho
Chora de noite na cama:
Chora porque já foi amado,
Agora ninguem o ama.

159

Oh que pinheiro tão alto
Com tantas pinhas ao meio!
Oh que menina tão linda,
Filha dum home tão feio!

160

Oh que pinheiro tão alto,
Que'n lhe irá colher a rama?
—Uma menina do Porto
Que se chama Mariana.

161

O loureiro é loucura,
A baga variedade:

Tambem digo que é loucura
Amar quem se faz grave.

162

O meu amor disse que vinha,
Disse que vinha e não vêu:
Se elle não havia de vir,
Para que mo prometeu?

163

Não ha sol como o de maio,
Luar como o de janeiro,
Nem cravo como o regado,
Nem amor como o primeiro.

164

Fui ao jardim colher o trevo,
Achei o jardim colhido:
Coitadinho de quem vai
Ao jardim que outro tem ido.

165

Quem me dera, dera, -
Estar a dar, a dar,
Beijinhos até morrer,
Abraços até findar.

166

Quem me dera ter e ter,
Quem me dera ter e dar:
E' melhor não prometter
Do que prometter e faltar.

167

O' minha pombinha branca,
O' minha branca pombinha:
Antre a baga do loureiro
Se colhe a verde folhinha.

168

O' minha pombinha branca,
Empresta-me o teu vestido:
Ainda que elle penas tenha,
Eu tambem em penas vivo.

169

Nao quero amor pedreiro,
Que sempre pica na pedra:
Antes quero alfaiate
Que pica na primavera.

170

Para domingo que vem
Hei de ir á missa do dia:
Para ver o meu amor
A' porta da sacrestia.

171

Para domingo que vem
Hei-de ir á missa do castello:
Para ver o meu amor
Vestidinho d'amarello.

172

O ladrão do pintasilgo
Toda a noite *re-piu-piu*:
A' hora da madrugada
Bateu as asas e fugiu.

173

Moro na costa do monte,
Os meus visinhos são penedos:
Não ouço cantar de noute
Se não mochos e morcegos.

174

Quando eu nasci no mundo,
Nasceram quatro num dia:
Nasci eu, nasceu José,
Nasceu Anna e mais Maria.

175

O meu amor é de longe,
Ainda que eu cante não houve:
Hei de lhe mandar escrever
Numa folhinha de couve.

176

Semei trigo no mar,
Só me nasceu numa beira:
Quando nasceram os homes
Nasceu fraca sementeira.

177

O' Laurindinha,
Laranja, laranja:
Quem não tem amores
Depressa os arranja.

178

Quem me dera ser a hera
Para pela parede *assubir*:
Para chegar ao teu quarto
Para te ver a dormir.

179

Chamaste-me cerejinha
Diante de tanta gente:
Agora ficou-me o nome
Cerejinha para sempre.

180

O meu amor é tão lindo,
De tão lindo me aborrece:
Ainda os vejo mais lindos
E a mim não mo parece.

181

O meu amor é Antonio,
Eu bem no soube escolher:
O craveiro não tem outro,
Só se elle agora nascer.

182

Vai-te embora, vai-te embora,
P'ra ti já não posso olhar:
Faltaste á tua palavra,
Não sei que val' o teu fallar.

183

O' meu amor, anda anda,
Que te quero ver andar:
Eu quero ver o teu brio
E mais o teu passear.

184

Chorai, olhos, chorai, olhos,
Que o chorar não é desprezo:
A Virge tambem chorou,
Quando viu seu Filho preso.

185

O' luar da meia noite,
Tu és o meu inimigo:
Bota-me o trinta cá fora
Que quero fallar contigo.

186

Passsei pela tua porta
E lá dentro vi um cão:

Tanta era a lazeira
Que até lhe caía a lâ.

187

Menina que anda á herva,
Não se fira, nem se corte;
Não seja a sua ferida
A causa da sua morte.

188

Menina, se eu me cortar,
E' com minha foucinha d' aço:
E' com minha pressa,
E' com meu desembaraço.

189

Senhora das Necessidades,
Não torno á vossa festa,
Que me tirastes a merenda
E mais a hora da sesta.

190

Senhora das Necessidades,
O vosso mosteiro cai:
Mandai-o levantar
Por a gente que lá vai.

191

Tenho um amor em Martim
Outro em Macieira:
Ainda espero de ter outro
Em S. Miguel da Carreira.

192

O' meu amor, não me mates,
Deixa-me que eu morrerai,
Que me quero confessar
Duma pena que te dei.

193

Se ouvires tocar o sino
Ou a garrida nos Frades,
Não pergunteis quem morreu,
Que fui eu com saudades.

194

Saudades são securas,
Ellas em mim reverdece:
Causa-las quem quer as causa,
Triste de quem nas padece.

195

O tocador da viola
Carece duma gallinha,
Passada pelos meus dentes
Para a minha barriguinha.

196

Eu tenho cinco colletes
Todos cinco bem talhados:
Eu tenho cinco amores,
Quatro ando enganados.

197

Vós chamais-me pequenina,
Sou mulher de minha casa:
Quando vou cozer o pão,
Ponho-me em cima da rasa.

198

Toda a mulher que se casa
Deve de ser carinhosa,
Para levar a má vida,
Que a boa está duvidosa.

199

Eu casei-me, cativei-me,
Troquei a prata ao cobre:
Troquei a minha liberdade
Por moeda que não corre.

200

Como estás, ó casadinha,
O' outro dia da boda?
—Graças ao Senhor *pra* sempre,
Nunca eu casada fora.

201

Estas mocinhas d'agora
Traz cabellos aos anneis:
Andais a offender a Deus
Para agradar aos Manoeis.

202

Da outra banda do rio
Nem chove, nem cai orvalho:
Menina que ha de ser minha,
Não me dê tanto trabalho.

203

Tenho dentro no meu peito
Duas zenhas a moer:

Uma anda, outra desanda,
Assim fa-lo bem querer.

204

Eu hei de tomar amores,
Ha de ser com um sapateiro:
Trabalha toda a semana,
O' domingo tem dinheiro.

205

Estes mocinhos d'agora
Andam mortos por casar:
Traz o brio no cabelo
E o dote no calcanhar.

206

Eu hei-de amar a tres nomes
Que tenho de obrigação:
E' Manoel e Antonio
E José do coração.

207

Agora é que eu vou cantar
Ajudai-me raparigas:
Agora é que eu vou saber
Quais são as minhas amigas.

208

A rosa de Alexandria
E' flor habilitada:
A rosa que não é cheirosa
Para mim não vale nada.

209

Não vos fieis em conversas,
Quem dança não tem juizo:
Dizei só o que é verdade,
Fallai só o que é preciso.

210

Trazeis cabelo atado
Pelas costas ao comprido:
Nas ondas do teu cabelo
Anda o meu amor mettido.

211

Rua Direita de Barcellos,
Hei de te mandar varrer,
Com uma vassoira de prata,
Que d'ouro não pode ser.

212

Raparigas do meu tempo
Chorai agora por mim,
Que vos dou a minha mão
Para seculos sem fim.

213

O' oliveira do alto,
Rama della tem virtude:
Passei por ella doente,
Logo me achei com saude.

214

Se passares por S. Bento
Dai um tiro na Portella,
Para que diga a gente toda:
Lá vai o bem desta terra.

215

Tu chamaste-me trigueira,
Eu bem sei que sou morena:
A minha cor é comigo,
A tua fica na tenda.

216

O' vida da minha vida,
O' vida do meu chapeu:
Se eu morresse em pequeninha,
Já agora estava no ceo.

217

Eu hei de subir ao alto,
Hei de subir e descer:
Ou na vinda ou na ida
O meu amor hei de ver.

218

O meu amor é um anjo,
Eu por anjo o venero:
Se o chego a lograr,
Nada mais do mundo quero.

219

O' Laurindinha,
Laranja, limão:
Quem não tem amores,
Não sabe o que é bom.

220

O' Laurindinha,
Laranja partida:
Os amores dos homes
Cativa, cativa!

221

O' Laurindinha,
Caneca quebrada:
Os amores dos homes
Não presto para nada.

222

As moças tem poupa,
Ellas poupa tem:
As poupas das moças
Não vale um vintem.

223

Quem me dera ir ao ceo
Para ver o que lá vai:
Tanta mulher sem marido
Tantos filhinhos sem pai.

224

O' rosa da Alexandria,
Onde deixastes o cheiro:
—Deixei-o na minha cama,
Debaixo do meu travesseiro.

225

Eu a amar-te e a querer-te,
Tu sempre a fugir de mim:
Ainda me hei de regalar
Do teu corpo ter *mã* fim.

226

Mas agora tenho pena,
Mas agora tenho dor:
Mas agora tenho pena
De deixar o meu amor.

227

O' Laurindinha,
Tu és a minha amada:
Se vens coradinha,
Não é da jornada.

228

Não é da jornada,
Não é do calor:

O' Laurindinha,
Tu és o meu amor.

229

Aquella menina cuida
Que não ha outra no mundo:
Não é o caldo tão gordo,
Que se lhe não veja o fundo.

230

O' *bado* vira
Daquí para ahí:
Quem você procura,
Já não está por 'quí.

231

O' *bado* vira
Daquí *prácolá*:
Quem você procura,
Já não está por cá.

232

Hei de cantar, hei de rir,
Hei de pintar a baralha:
Eu sou como as feiticeiras,
A mim ninguem m'atrapalha.

233

O meu amor é um anjo,
Deu-mo Deus, não o mereço:
Já mo quisero comprar,
Anjos do ceo não tem preço.

234

O' meu amor, não morras hoje,
Que amanhã também é dia:
Não quero que o mundo diga
Que morres por minha via.

235

O' meu amor, não morras hoje,
Deixa para segunda-feira:
Não quero que o mundo diga
Que morres á minha beira.

236

O' vida da minha vida,
Não sei s' é vida, se não:
Fugiu-me a pombinha branca
Deixou-me as penas na mão.

237

S'eu morrer, não botes dó,
Nem a roupa dês a tinta:
Eu morro, votu para o ceo,
Tu ficas na tua quinta.

238

Eu vou-me daqui embora,
Quem vem amigo, quem vem?
Pelos geitos que eu vejo,
Comigo não vem ninguem.

239

Não me atires com pedrinhas,
Que estou a lavar a louça:
Atira-me com beijinhos,
Mas baixo, que teu pai não ouça.

240

Passei pela tua porta,
Pedi-te agua, não ma destes:
Quando passares pela minha
Farei como tu fizestes.

241

Não te ponhas a chorar
Lagrimas ao pé de mim:
Sabias que era home,
Não te fiasses em mim.

242

A moça para ser moça
Ninguem lhe ha de pôr a mão:
Ha de ser como a toupeira
Que anda por baixo do chão.

243

A rosa para ser rosa
Ha de ser da Alexandria:
Uma moça para ser moça
Deve-se chamar Maria.

244

Uma rosa para ser rosa
Deve ser do peito d'Anna:
Colhidinha ao domingo
Dura para toda a semana.

245

Semiei no meu quintal
O brio dos estudantes:
Nasceu-me uma rosa branca
Cercada de diamantes.

246

Semiei na minha horta
O brio das raparigas:
Nasceu-me uma rosa branca
Cercada de margaridas.

247

Tenho um amor, tenho dois,
Tenho tres, não quero mais:
Eu para que quero os amores,
Se elles me não são leais.

248

Tenho á minha janella
Cravos roxos sem abrir:
Ninguem sabe o meu intento
Nem o que eu hei-de seguir:

249

Fui-me confessar a um padre,
Disse-lhe que não tinha amor nenhum,
Deu-me por penitencia
Que tivesse siquer um.

250

Minha mãe mandou-me á fonte,
Eu quebrei a cantarinha:
O' minha mãe não me bata,
Que eu ainda sou pequenin^{ha}.

251

O' vida da minha vida,
Eu, se quero, ando bem:
Ando c'os pés pelo chão,
Como os outros ando tambem.

252

O' vida da minha vida,
O' vida solteira real
Quem me tira desta vida
Faz um peccado mortal.

253

Tenho á minha janella
Cinco reis ha muito tempo,

Para comer de molete
No dia do casamento.

254

A senhora do Sãmeiro
Tem um lenço d'ouro fino,
Lavado em agua santa
Secco ao sol divino.

255

Ainda onte me disseram,
Que eu não adivinhei,
Que tomastes amores novos,
Da minha parte estimei.

256

Tenho uma laranja azeda,
Ao canto do meu bähú,
Para dar a uma menina,
Queira Deus não sejas tu.

257

Eu hei de tomar amores
Com o Senhor da cana verde:
Virei as costas ao nũundo,
O coração para elle.

258

O' Sara, tu abre a porta,
Que estou c'os pés na geada:
Se tu não abres a porta,
Não sou tua conversada.

259

Minha amora madurinha,
Quem foi que t'amadurou?
Foi o sol, foi a lua,
Foi o orvalho que apanhou.

260

O' minha caninha verde,
Cana verde no botão:
Quem não quiser que o mundo fale,
Não lhe dê occasião.

261

A vossa cinta, menina,
E' um pouco delicada:
Quem vos faz a vós formosa
E' o andar sempre apertada.

262

Eu já vi nascer o sol
Na cabeça d'um macaco:
Meu amor, se tens paixões,
Disfarça, toma tabaco.

263

Venha cá, minha menina,
Chegue-se cá para mim,
Que lhe quero dar uma rosa,
Um cravo e um jasmim.

264

Eu venho de tão longe
Em risco de me perder:
Rompendo mattos e montes,
Só, menina, para te ver.

265

Menina, se quer saber
Como é que se namora,
Metta um lençinho no bolso
Com as pontinhas de fóra.

266

Vou-me embora do meu amo,
Não lhe devo nem um dia,
Antes me elle deve a mim
As noites que eu não dormia.

267

O' Brasil, ó Brasil,
O' Brasil, ó ganhar:
Em toda a terra é Brasil
Pra quem quiser trabalhar.

268

Meu amor, meu amorzinho,
Não sei que te hei de fazer:
Dou-te vida, tu queres morte,
Dou-te morte, queres viver.

269

Oh que lindo ramo
Leva a mocidade!
Cantai, raparigas,
Viva a liberdade.

270

No alto daquella serra
Um pintasilgo é rei:
Avintura-te, ó menina,
O' que m'eu avinturei.

271

Agua leva o regadinho,
Vai regar a ponia;
Todos me *diz* que te deixe,
Eu não te deixo, Maria.

272

Agua leva o regadinho,
Vai regar a quinta ao rei:
Todos me *diz* que te deixe,
Eu nunca te deixarei.

273

Agua leva o regadinho
Agua leva, vai regar:
Todos me *diz* que te deixe,
Eu não te posso deixar.

274

Agua leva o regadinho
Pela minha porta fóra:
Todos me *diz* que te deixe,
Eu não te deixo agora.

275

Quando eu nasci no mundo,
Nasceram quatro num dia:
Nasci eu, nasceu desgraça
Tristeza e *melancolia*.

276

Fui á fonte dos amores,
Não achei senão cuidados:
Enchi o cantaro de rosas,
Fiz a rodilha de cravos.

277

Se fores ao S. Tiago,
Trazei-me um S. Tiaguinho:
Se não poderes com um grande,
Trazei-me um mais pequeninho.

278

S. João e mais S. Pedro
Andavo ambos e dois,

S. João olhava as vaccas
S. Pedro olhava os bois.

279

S. João para fallar ás moças
Fez uma ponte de prata:
As moças não passam por ella,
S. João quasi se mata.

280

Assenta-te aqui, ó Antonio
Assenta-te aqui ao meu lado:
Numa cadeirinha nova
Feita da raiz d'um cravo.

281

Eu hei de subir ao alto,
Que do alto vejo tudo:
Quero ver o meu amor,
Que anda em Braga no estudo.

282

Eu hei de subir ao alto,
Que do alto vejo bem:
Quero ver o meu amor
Se falla pra mais alguém.

283

Eu hei de subir ao alto,
Ao alto hei de subir:
Quem ao mais alto *assobe*,
Ao mais baixo vai cair.

284

Quando eu nasci no mundo,
Melhor me fora morrer:
Que ainda podia lucrar
O que agora posso perder.

285

Eu queria-me ir embora,
Eu queria estar aqui:
Os anjos do ceo me levem
Prá terra *donde* eu nasci.

286

O' meu amor não me adores,
Que eu para ti não hei de ser:
Eu já tenho quem me adore
Nos dias que hei de viver.

287

Quando eu era pequeno,
Ainda jogava pião:
Diziam-me as raparigas:
Bota-m'o aqui na mão.

288

Quando eu nasci, chorava,
Chorava por ter nascido:
Parece que adivinhava
A sorte que tenho tido.

289

A rosa depois de secca,
Foi-se queixar ao jardim:
Disseram as outras rosas:
Tudo o que nasce tem fim.

290

Já te quis, já te não quero,
Já te perdi afeição:
Já te arrumei para um canto,
Fora do meu coração.

291

Hei de te amar, menina,
Ao saltar d'uma parede:
Ou tu queiras, ou não queiras,
Has de me cair na rode.

292

Já ha muito que não vi Anna
Nem ao jantar nem á ceia:
Que é da minha rica Anna?
Que é da minha casa cheia?

293

Canta, rapariga, canta,
Que esse teu cantar me alegra:
Se não fôsse o teu cantar,
Já não estava nesta terra.

294

Canta, rapariga, canta,
Que este povo quer-te ouvir:
Se eras brandinha do peito,
Ninguem te mandou cá vir.

295

O' vida da minha vida,
O passarinho é rei:
Dá-me a tua mão, menina,
Que eu a minha já ta dei.

296

Para amar e servir a Deus
Não digais que não tendes tempo:
Podeis andar no trabalho
Com Jesus no pensamento.

297

Ail ó ail!
Camarão á beira mar:
Se eu agora não namoro,
Quando hei de namorar.

298

Ail ó ail
Eu venho da Apulia velha:
Se eu agora não namoro,
Que fará depois de velha!

299

O amar e querer bem
Está na Escritura sagrada:
Quem ama a Deus, como deve,
Tém a salvação guardada.

300

Amar e servir a Deus
Não ha coisa mais bonita:
Quem morre em graça de Deus,
Não morre que resuscita.

301

Nem no mundo ha dois mundos,
Nem no ceu ha dois senhores:
Não ha coração que ame
A um tempo dois amores.

302

Rapazes e raparigas
Guardai o que vosso é:
As que *num* çanto nem danso
Tambem *lhe* escorrega o pé.

303

O cuco e mais a cuca
Vieram ambos da Maia:

O cuco perdeu as calças,
A cuca perdeu a saia.

304

Eu já vi cantar o cuco
Na rabiça do arado:
Elle é cuco recucuco,
Elle é cuco acabado.

305

O cuco e mais a cuca
Vieram ambos de fora:
O cuco vem de Lordello,
A cuca de Villa Nova.

306

Senhor pae, senhora mãi,
Dê-me a chave do jardim,
Que quero colher um cravo
Para dar a Joaquim.

307

Senhora das Necessidades,
Senhora minha madrinha,
Botai-me a vossa benção,
Eu sou vossa afilhadinha.

308

O meu amor, coitadinho,
Chora de noite na cama;
Chora que já foi amado,
Agora ninguem o ama.

309

Os meus olhos de chorar
Já nenhuma graça tem:
Tenho dito aos meus olhos
Que não chorem por ninguem.

310

Já morri, já me enterrei
No adro d'uma capella:
Tornei a resuscitar.
Por causá d'uma donzella.

311

Se eu morrer com minha fala
E com meu juizo perfeito,
Deixo dito que me enterres
No adro desse teu peito.

312

Hei de amar á semana,
Que ao domingo tenho quem:
Eu amo ao meu amor,
Não amo a mais ninguém.

313

Eu já morri uma vez,
Achei o morrer tão doce:
Morreria duas ou tres
Se o morrer sempre assim fosse.

314

Amar e saber amar,
Amar e saber a quem:
Eu amo ao Deus do ceo,
Não amo a mais ninguém.

315

Minha mãe chamou,
Não posso lá ir:
Estou com os meus amores,
Estou-me a divertir.

316

Minha mãe chamou,
Que me quererá?
O' minha mãe, vossê perdoe,
Que eu vou lá já.

317

A moça que é teceadeira
Usa de muitas ideias:
Mette estopa e tomentos
Para lhe render as teias.

318

A moça que é bonita
Ninguém lho pode chamar:
Ella enche-se de brio,
Que até não pode andar.

319

Todo o moço que é bonito
Não se lhe pode dizer:
Elle enche-se de brio
Que até não pôde comer.

320

Eu não quero home viuvo
Nem home que viuvo:
Não quero crear os pitos
Que outra gallinha chocou.

321

Coração perto da boca
Faz um geito que regala:
Em certas occasiões
Arrebenta se não falla.

322

O cuco e mais a cuca
Vieram ambos do mar:
O cuco vem no comboio,
A cuca vem pelo ar.

323

O cuco e mais a cuca
Gosto muito de feijões:
A cuca perdeu a saia,
O cuco perdeu os calções.

324

Sou um pedreirinho novo,
Ainda não ganho dinheiro,
Boto barro nas paredes,
Levo os picos ó ferreiro.

325

As estrelas miudinhas
Faz um ceo muito composto:
Nunca contigo, menino,
Pude fallar a meu gosto.

326

O' estrelinha do norte,
Aguilha de marcar:
E' a estrella por onde m'eu guio,
Quando me quero deitar.

327

Menina que vai á fonte,
Queira-me dar de beber:
Entre canas e caninhas
A agua ha de nascer.

328

Eu de beber não lhe dou,
Que o meu copinho quebrou:

Não quero que vossê se gabe
Do que se outro não gabou.

329

Vossê diz que me não quer,
Que eu *que* não tenho dinheiro:
Meu pae morreu-me no mar,
Sou filha d'um brasileiro,

330

Se o mar tivera varandas
Para eu ir ao Brasil e vir:
Mas o mar não tem varandas...
Diz-me por onde hei-de ir.

331

Fui dar c'ò meu velho morto
A' porta da minha *loje*:
Atirei-lhe c'ua pedra,
Olha o velho como foje.

332

Fui dar c'ò meu velho morto
A' porta do meu *lagar*:
Atirei-lhe c'ua pedra,
Olha o velho a barregar.

333

A laranja quando nasce,
Logo nasce redondinha:
Tambem tu minha menina,
Nascestes p'ra seres minha.

334

Antonio còr de laranja,
Maria còr de limão,
São os noivos mais bonitos
Que á nossa igreja vão.

335

Menina do amarello,
Diga-me quanto custou:
Que me quero vestir delle,
Já que tanto me agradou.

336

Toda a moça que é janota,
Vem da banda de Vallongo:
Já vestiu quatorze saias
Pra fazer o corpo redondo.

337

Menina que sabe ler,
Vossê ha de me ensinar:
Diga-me a primeira letra
Por onde hei de começar,

338

Fui me deitar a *dromir*
A' beira da agua que corre:
A agua me respondeu
Quem tem amores não dorme.

339

O limão tira o fastio,
A laranja o bem querer:
Tirai-me dos meus sentidos,
Se me quereis ver morrer.

340

De vagar se vai ao longe,
Vem tolo é quem se mata:
Quem dá a noite, dá o dia,
Não ha coisa mais barata.

341

Arrebita pessegueiro,
Que é tempo de arrebitar:
Estes rapazes d'agora
Andam mortos por casar.

342

Esta noite ha de chover
Uma chuva miudinha:
Hei de me ir abrigar della
A' tua casa, menina.

343

Esta noite ha de chover
Uma chuva orvalhosa:
Hei de me ir abrigar della
A' tua casa, ó Rosa,

344

Pediste-me uma laranja,
Eu não tenho laranjeira:
Se tu queres um limão doce,
Saltá cá dentro á eira.

345

Pediste-me uma laranja,
Eu não tenho laranjal:
Se tu queres um limão doce,
Salta cá dentro ó quintal.

346

Meu pai, casai-me, casai-me,
Enquanto sou rapariga:
O milho semeado tarde
Nem dá pallia, nem espiga.

347

Hei de casar este anno,
Ou para o anno que vem:
Estão os rapazes baratos,
E' o cento a vintem,

348

Rapazes de Santa Vaia,
Raparigas de Midões:
Pedi ó Senhor por mim
Lá nas vossas orações.

349

Ondas do mar abrandai,
Eu quero pilhar um peixe:
Eu quero deixar o mundo
Antes que elle me a mim deixe.

350

Eu cheguei aqui agora,
Eu cheguei agora aqui:
Não me deram novas tuas,
Não sei como não morri.

351

Quero cantar que me ouças,
Já que eu fallar não posso:
Quero que reconheçais
Quo o meu coração *que é vosso.*

352

Coitadinho de meu pai
Que não tem senão a mim:
Roubaram-lhe os bois da corte,
Tambem roubaram a mim.

355

Tenho uma pena no peito,
Della devo de morrer:

Já me diz o coração
Que não nos tornamos a ver.

354

Tenho sôno, vou *dromir*,
A' cama me vou deitar:
Eu quero-me deitar cedo,
Que tenho de madrugar.

355

Mercais olhos, trocais olhos,
Andais na mercadoria:
Mercai-me tambem os meus
Para a vossa companhia.

356

Não canto por bem cantar,
Nem tambem por bem parecer:
Canto para espalhar o sôno
Para não *adromecer*.

357

Menina de olhos pretos
Como a baga do loureiro,
Se sabe os dez mandamentos,
Diga-me lá o primeiro.

358

Hei de passear Silveiros
Quantas vezes eu quiser:
Trago faca na algibeira,
Sou *home* não sou mulher.

359

Ao passar do portellino
A meu primo dei a mão:
Se elle não fora meu primo,
Ou *la* daria, ou não.

360

Ao passar do portellino
Cá, quebrei a viola:
Apanhei os cavaquinhos
Para fazer outra nova.

361

Quem quiser moços baratos,
Vá o adro de S. Bento:
Elles são baratinhos,
Por um vintem traz um cento.

362

Fui me confessar e disse
Que te andava conversando:
Deram-me por penitencia
Que fosse continuando.

363

Não me agradam os teus cordões,
Nem os brincos das orelhas:
Agradam-me esses teus olhos
Abaixo das *cerbancelhas*.

364

Adeus inça quem morre
Ausente de quem se aparta:
Diga-me, ó minha menina,
O amor com que me trata.

365

O amor com que a trato,
E' com gosto e alegria:
As fallas que me dá hoje,
Serão pagas algum dia.

366

Abre-te, peito, e falla,
Coração, salta cá fóra:
Anda ver o teu amor,
Que chegou aqui agora.

367

Vós chamais á morte negra,
Ella que culpa tem:
A morte sem Deus querer
Não tira a vida a ninguém.

368

O diacho leve os ratos
E os dentes ás formigas:
Que me roeram os livros
Onde eu estudava as cantigas.

369

Aquelle navio novo
Jura que me ha-de levar:
Eu juro que não hei-de passar
As aguas d'aquelle mar.

370

O' minha caninha verde,
Verde cana de encanar:
Trema o ceo e trema a terra
Eu aqui neste logar.

371

Os de Braga choro, choro,
Elles choro, tem razão:
Eu canto com alegria,
Sabe Deus minha paixão.

372

Senhora da Conceição
Foi *pro* Sameiro morar:
Os de Braga choro, choro,
E tem razão de chorar.

373

O Senhor de Mattosinhos
Mandou dizer ó de Fão,
Que dissesse ó de Barcellos
Que eram todos tres irmãos.

374

Hei de ir, e hei de vir,
Muitas fallas hei de dar:
Hei de te fazer moer
Como o navio no mar.

375

Quando eu quis, tu não quisest^{es},
Tivest^{es} openião:
Agora queres, eu não quero,
Tenho minha presunção.

376

Quando eu quis, tu não quisest^{es},
Usast^{es} de gravidade:
Agora queres, eu não quero,
Não é da minha vontade.

377

Rapazes e raparigas.
Olhai lá por onde andais:
Que a honra é como o vidro,
Quebrando não *sorda* mais.

378

Meninas do rio triste,
Vinde lavar ao alegre:

A agua do nosso rio
Deixa a roupa como a neve.

379

Rapariga não te cases,
Deixa-te estar á boa vida:
Eu bem sei uma casada
Que está bem arrependida.

380

Rapariga não te cases,
Com home que viuvou:
Não queiras tomar o posto
Que outra gallinha deixou.

381

Quando eu aqui cheguei,
Dei um ai, tremeu a terra:
Era noite, fez-se dia,
Sahiu o sol á janella.

382

Quando eu aqui cheguei,
Dei um ai muito baixinho:
Era noite, fez-se dia,
Saiu-me o sol ó caminho.

383

Se o mar tivera varandas,
Para o meu amor ir ver:
Mas, o mar não tem varandas...
Meu amor, como ha-de ser?

384

Tenho á minha janella
O que tu não tens á tua;
Um candieiro de prata
Que allumia toda a rua.

385

Quando eu te comecei a amar,
Ainda não era pecado:
Nem o mundo era mundo,
Nem o mar era sagrado.

386

Dizeis que não pode ser
Uma silva dar um cravo:
Aqui o trago ao meu peito
Na mesma silva pegado.

387

Tenho dentro de meu peito
Uma laranja partida,
Para dar ao meu amor,
Que anda de beíça caida.

388

Papagaio da janella
Dá-me uma pena da asa:
Queria escrever ao meu amor,
A minha ficou em casa.

389

Na minha terra se colhe
O alecrim ás paveias:
Pró senhor tanto lhe faz
As bonitas comás feias.

390

O' Laurindinha,
Eu hei de te amar
De dia ó sol,
De noite ó luar.

391

Minhas andadas de noite,
Minhas idas ó serão,
Minhas sollinhas rotas,
Minhas passadas em vão.

392

S. João foi-se deitar;
A' sombra da laranjeira:
Caiu-lhe a flor por cima,
S. João que tão bem cheira.

393

Toda a vida desejei
O que nunca pude armar:
Uma casa no Brasil
Com as varandas *pró* mar.

394

Tenho passeado terras,
Cidades mais de quarenta:
Tenho visto lindas caras,
Só a tua é que me contenta.

395

Tenho um navio no mar
Com as janellas *pra* Vairão:

Já lá vai o meu amor,
Que mo diz meu coração.

396

Quem me dera ir ao Porto,
Do Porto ir á cidade:

Quem me dera passear
No campo á liberdade.

397

Minha mãe me diz á noite,
O' filha, vai te deitar:
Ella pensa que eu *que* durmo,
E eu ando a passear.

398

Olha o bem que tu armastes,
Um noivo para casar:
Deu duas voltas com elle,
No meio deixou-o ficar.

399

O' minha caninha verde,
Verde cana do botão:
Anda-me aqui ajudar,
O' filha do meu coração.

400

O meu amor coitadinho
Passa fome, come bem:
Eu hei de ser a herdeira
Da filha que teu pai tem.

401

O' minha caninha verde,
Verde cana sem lei:
Dá-me a tua liberdade
Que eu a minha já ta dei.

402

O' Balazar, Balazar,
Quem te dera dois tiros:
C'ua pistola de prata
Carregada de suspiros.

403

O meu amor coitadinho
E' meio acidadão:
Vem afeito a trigo,
Não quer comer o pão.

404

O' meu amor anda, anda,
Por a sombra devagar:
Agora na lua cheia
Toda a noite vai luar.

405

Cabra, cabrinha,
Lá no rio Jardim:
Venha-me fallar, menina,
A' raiz do coração.

406

Meu amor, tu que tivestes
Que tanto degenerastes?
Falla-me verdade, não mintas,
Diz-me que amores tomastes.

407

Já lá vai pelo mar fora
Quem por me ver não dormia:
Deus o leve e Deus o traga
Para a minha companhia.

408

Antônio côr de cravo,
Maria côr de cereja,
São os mais bonitos olhos
Que entram na nossa igreja.

LENDAS

I. Lenda do passarinho. — Nos primeiros tempos da fundação do convento de Villar, houve alli muitos frades santos, bem ao contrario do que succedeu nos ultimos.

Um delles andava um dia tão encantado em pensamentos do ceo, que se deixou guiar pelo canto delicioso de uma ave que o foi chamando para a cerca do convento onde a esteve ouvindo durante um bom pedaço.

Mas, oh espanto! oh maravilha! O bom do nosso frade, ao voltar ao convento, nada reconheceu do que

estava á roda de si, nem a casa, nem os seus irmãos.

Pelas tradições correntes no convento, veio a verificar-se que este era um frade que dalli tinha saído havia trezentos annos.

2. *Lenda do areal de Villar.*—Onde agora está o areal de Villar era algum dia uma bella quinta, muito fertil e banhada pelo Cavado. Tinha porem a desgraça de ser possuida por um homem muito mau e sem coração, que nunca dava uma esmola aos pobres, antes os escorraçava da porta. Não tendo herdeiros, levou a sua impudencia ou odio aos pobres a tal ponto, que deixou a sua rica propriedade em testamento para manter uma matilha de cães.

O castigo não se fez esperar. Da Pousa ou melhor da Aforada, desceu uma grande cheia que arrasou de arcia toda a quinta.

3. *Lenda da porta de S. Tiago.*—O povo acredita que é preciso ir pelo menos uma vez na vida a S. Tiago de Galliza, aliás temos de ir lá depois da morte: assim se explicam algumas peregrinações que d'aqui se fazem àquella santuario, que são quasi nada em comparação do que eram noutros tempos.

Com esta crença anda ligada uma outra, e é que na dita igreja ha uma porta muito estreita, onde se conhece quais vão em graça, e quais não, visto só os primeiros poderem passar para alem.

Talvez a lenda se origine de qualquer passagem estreita, ou na cathedral ou nos claustros da mesma.

4. *O homem e o lobo.*—Um homem atravessava de noite uma mon-

tanha, quando percebeu que um lobo o seguia a pouca distancia. Tre-pou apressadamente para cima da primeira arvore que encontrou e ahi se julgava salvo do perigo, quando o lobo começou a uivar com toda a força, chamando pelos companheiros. Não eram passados muitos instantes, quando uma matilha de lobos começou a escavar a terra e a destroncar as raizes da arvore.

O nosso homem já não sabia de que terra era. O medo, porem, ou antes a sua boa sorte descobriram-lhe um admiravel expediente. Despiu o casaco e tratou de o encher de ramos pesados da arvore de maneira que parece-se um corpo solido, e deixou-o rolar pela arvore abaixo, escondendo-se entre dois braços mais grossos da mesma.

Como os lobos não tem faro, julgaram ser aquelle fardo o corpo do homem e logo o tomaram entre dentes fugindo com elles. Antes que os lobos tivessem tempo de dar pelo logro, desceu o homem da arvore e foi muito feliz, porque pode escapar-se para casa.

5. *O burro silveiro.*—Voltavam a meia noite duma sturdia ou espadelada um bando de moços, e ao encontrarem numa bouça um jumento fraco, a que o povo chama *burro silveiro*, disse o da frente: *oh que bella occasião para não rompermos as solas!* e foi escanchar-se no lombo do animal; depois foi outro e outro e parece que o lombo ia crescendo á proporção que os moços, que eram 12, se iam chegando.

No meio de grande algazarra começaram a bater no animal, que a principio se mostrou muito manso e socegado; mas d'ahi a pouco desembestou em corrida furiosa, sal-

vando trancos e barrancos, através dumas poucas de freguesias: aqui deixava um de pernas quebradas, acolá outro de cabeça partida, além outro de costellas amolgadas; ao largar o ultimo desfez-se n'um tremendo estouro e desapareceu.

Era nada menos que o diabo, mudado em burro para lhes dar uma lição.

Elles já deviam desconfiar dum lombo tão comprido.

6 Lenda do Senhor da Cruz.—Diz o povo que o Senhor da Cruz, que se venera na *rotunda* do Campo da Feira, é irmão do Senhor de Mattosinhos e do Senhor de Fão.

Foram todos tres lançados ao mar lá numa terra muito distante. Vieram sempre juntos pelo mar abaixo, até que uma onda arrojou um delles para a praia de Mattosinhos; continuaram os dois a sua viagem para o norte até á foz do Cavado. Um foi arremesado para a praia de Fão e o outro levado pela maré ria acima. Uma multidão de gente que passava perto do rio, admirada d'aquelle espectáculo, aproximou-se da margem, tirou-o para fora e foram caminhando com elle para o interior da provincia; mas, fazendo-se-lhes noite em Barcellos, tiveram de o guardar allí dentro duma capella. No dia seguinte, quando se dispunham a continuar viagem, foi impossivel arrancal-o da capella e ficou-se conhecendo que era sua vontade ficar allí.

O Senhor da Cruz tem a sua festa, chamada das *cruzes* a 3 de maio; o Senhor de Fão na segunda feira de Paschoella, e o de Mathosinhos em dia do Espírito Santo.

7 Varrer as ruas de Guimarães. — Os

soldados de Barcellos n'uma batalha dos tempos antigos deixaram-se apossar de tal medo, que voltaram as costas ao inimigo e fugiram vergonhosamente. Ao contrario os de Guimarães, que estavam ao lado, houveram-se briosamente, porque defenderam o seu logar e o que foi abandonado pelos de Barcellos. Em consequencia disto o rei castigou os vereadores de Barcellos a irem de vassoura ao ombro, um pé calçado e outro descalço, varrer as ruas de Guimarães duas vezes no anno. Assin o fizeram durante muitos annos, até que contractaram com os de Guimarães de lhes cederem duas freguesias no limite entre os dois concelhos, para se resgatarem daquelle opprobrio e vexame (1).

(N. B. Esta não é lenda popular, porque nunca a ouvi narrar ao povo. mas é *erudita*, porque figura nalguns livros publicados em Guimarães ou em louvor de Guimarães. Historicamente nada vale, porque ainda se não provou em que batalha, em que anno ou em que reinado se deu o tacto. Tem simplesmente o valor dum apódo ou chufa, que um logar, uma freguesia, uma villa, joga a outra sua visinha para a metter a ridiculo, o que é vulgarissimo em terras portuguezas.

O meu illustre amigo, medico e distincto investigador de coisas an-

(1) Pinho Leal no *Portugal Antigo e Moderno*, vol. I, pg. 332, vol. II, pg. 457, vol. III, pg. 356 e vol. VIII, pg. 258 trata da lenda, que se julga referir a um episodio da tomada de Ceuta em 1415, não referido porem pelos cronistas.

O uso terminou no tempo de D. João V, em virtude de um diploma, que foi publicado recentemente na *Revista de Guimarães*. A origem de uso ainda não está esclarecida. (Nota da *Revista*).

tigas, dr. Antonio Ferraz já publicou esta historieta em uns artigos que em tempo escreveu, e é possível que numas *Memorias* sobre as antiguidades de Barcellos, que tem promptas para o prélo e que anciosamente esperamos, trate tambem desta celebre controversia).

8 Lenda do Senhor do Gallo.—Ao sair de Barcellinhos para Alvellos vê-se numa rampa alta da estrada o nicho do *Senhor do Gallo*, que dizem ter a seguinte origem:

Um dia passou por alli uma familia de romeiros que iam para Santiago de Galliza, Hospedaram-se n'uma taberna que ainda alli se vê nas visinhanças; como levavam um farnel bem sortido de salpicões e frangos cozinhados, pouco gasto fizeram ao taberneiro, que era homem de más entranhas e lhes ficou com grande raiva por não poder *carida-los* a seu modo e por isso lhes armou uma *rente*, para se vingar e entrega-los á justiça.

Sem ser visto meteu no sacco d'um romeiro um talher de prata e foi dar parte ás autoridades. Feitas as buscas, foi logo condemnado á forca o que levava o sacco do talher.

O homem, vendo-se no maior apuro da sua vida, puxou dum frango que levava no sacco, pô-lo em cima da mesa e disse para os homens da justiça que alli estavam: *E tão certo eu estar innocente como este gallo cantar*. Logo aquelle se levantou e começou a cantar com grande espanto e terror de todos os circunstantes. Reconheceu-se a innocencia do romeiro e foi condemnado em seu logar o taberneiro, que lhe levantara o falso testemunho.

Outra variante diz que já o romeiro estava a pernear na forca, quando por alli passou alguem que notou que elle estava perfeitamente vivo e o veiu dizer ao taberneiro. O taberneiro estava no meio do seu jantar e exclamou: *Isso ha de ser verdade quando cantar este gallo, que aqui tenho no prato*. E logo o gallo se levantou a cantar. Todos ficaram aterrados e acodiram ao logar da forca. Reconheu-se a innocencia do homem e foi condemnado em seu logar o taberneiro.

9 A ladra das agulhas.—Uma mãe tinha uma filha, á qual nunca deu educação de qualidade alguma; nem a reprehendia de qualquer travessura que fizesse, antes lhe fazia todas as vontades, e achava sempre muita graça em todas as suas más respostas e atrevimentos.

A menina começou a roubar agulhas ás companheiras e vizinhas, e a mãe ou sorria do caso ou pouco se lhe dava. Foi depois passando a coisas de maior valor, até que deu numa ladra consumada. Um dia caiu-lhe a justiça em casa e levou-a para a cadeia, donde foi condemnada á forca. Na vespera da execução mandou chamar a mãe, porque desejava despedir-se della e dar-lhe o ultimo beijo. Ao aproximar-se a mãe, a filha cravou-lhe os dentes no nariz e arrancou-lho, dizendo: se a mãe me castigasse, quando comecei a roubar agulhas, não me veria agora morrer na forca.

SUPERSTIÇÕES

1! Amassar pão em quinta e sexta-feira santa e mesmo no sabba-do antes de tocar á *alleluia* é amas-

sar o sangue de Christo e podem apparecer laivos de sangue na massa.

2. Não se deve fiar na semana santa, porque foi então que os judeus fiaram as cordas para prender a J. Christo.

3. Nem domingo de Ramos, nem domingo de Paschoa se deve ir á horta (á hortalíça), porque nos ficaria a casa inçada todo o anno de formigas e outros insectos.

4. Emquanto se está á *hora*, em dia da Ascenção, não se deve dormir, porque nos pode succeder muito mal.

5. Um ramo de carrasquinha colhido na manhã de S. João e posto de môlho num copo d'agua ajuda as parturientes no seu bom successo.

6. Enterrar gallinhas ou qualquer outro animal domestico, morto de doença, faz morrer os outros que ainda ficarem vivos, e por isso devem deitar-se a um rio ou a qualquer barranco.

7. Queimar canas faz doer os dentes.

8. Queimar lenha de figueira faz secar o leite das mãis que houver em casa, tanto pessoas como animais.

9. Quem tiver trinta afilhados não se perde (=salva-se).

10. Quem for padrinho dum sobrinho nunca lhe succede mal.

11. Não se deve partir bolo quente com faca, emquanto estiver o

pão no forno, porque pode sair suado.

12. A crista de gallo é boa contra o medo dos defuntos.

13. Quando uma tachola se nes crava num pé, devemos depois de arrancada prega-la numa casca de cebolla, para que não torne a fazer mal a outro.

14. Beber com uma creança de mamar ao peito é causar-lhe a gotta.

15. Se um animal que tem filhos de leite, fôr beber da agua ou da vianda, onde já tinha bebido outro animal tambem com crias de leite, faz-lhe secar o leite ao primeiro que bebeu.

16. Agua de missa nova cura o mal da gotta.

17. Cortar as unhas e deita-las ao lume é perigoso, porque podem nascer nos olhos.

18. Deitar ao lume excremento de creança faz que ella fique toda a vida com soltura.

19. Estarem as creanças a bulir no lume é sinal que hão de urinar na cama.

20. Ter dentes raros é sinal de ser mentiroso.

21. Para afugentar a trovoada imminente deitam-se ao lume, mas de modo que levantem fumo, cascos de pinhas queimadas em a noite de Natal.

22. *Coser o pé.* É uma opera-

ção muito usada, quando se teem os pés *abertos* duma grande jornada. Consiste no seguinte: deita-se um pucarõ de agua a ferver dentro dum alguidar e mette-se o pucarõ na agua de fundo para o ar. Em cima do pucarõ põe-se o pé doente e sobre este um novello com uma agulha atravessada. Uma pessoa entendida finge coser o pé enquanto vai proferindo as palavras sacramentais: *Eu que coso?—Pé aberto e fio torto* (3 vezes). No fim deve a agua do alguidar ter subido para dentro do pucarõ.

23. Um defumadoiro de alecrim, arruda e outras plantas feito a um doente réstitue-lhe a saude.

24. *Talhar o ar*. Consiste em talhar com a faca em varios pedacinhos uma vara que se tirou do lume. Fazendo isto diante duma pessoa tocada de maus ares, logo lhe vem a saude.

25. Uma creança enquanto se não leva a baptizar deve por-se-lhe um nome imaginario qualquer, e ter sempre uma luz accessa no quarto em que dorme para lhe não empecer mal algum.

26. *Baptismo sobre a ponte de Barcellos*. As mãis, a quem costumam morrer os filhos no parto ou no tempo da lactação, adoptam para o futuro o systema de ir baptiza-los sobre a ponte de Barcellos.

Nas vespas do parto para lá se encaminham acompanhadas de duas ou tres pessoas: esperam que dê meia noite e pedem á primeira pessoa que fôr a passar na ponte depois dessa hora que baptize a creança prestes a nascer. Molham um ramo

em agua que levam de casa e offercem-lho para ella aspergir a mulher gravida pela abertura da saia (logar onde costumam trazer a algebeira).

Este baptismo antecipado não dispensa o do parochio depois de nascida a creança.

27. *Adivinhões*. Chamam-se assim as pessoas que adivinham o que ha de vir, vêem o que se passa muito longe e descobrem tesouros escondidos.

Nesta freguezia de Midões, onde escrevo, viveu por alguns annos (1870 a 73) um homem desconhecido que aqui veio parar com essa fama e chegou a induzir uns poucos de jornaleiros para irem com elle cavar um tesouro lá para as alturas de Barroso. Partiram daqui armados de alviões, pás e enxadas, mas de noite e em segredo para que ninguém se risse delles.

Em Braga fretaram um carro com todo o gosto, porque o futuro tesouro havia de dar para tudo, e lá partiram os novos argonautas á conquista do sonhado vellocino. Pararam nas vizinhanças da ponte da Misarella. Começaram a bater as montanhas, de serro em serro, de outeiro em outeiro, até que o adivinhão lhes marcou ao certo o ponto em que devia estar o tesouro.

Esperaram que descesse a noite para não despertar suspeitas na gente da serra. Cavaram e tiraram terra toda a noite, suaram e tornaram a suar, era já manhã clara e o tesouro sem apparecer! Eis senão quando o povo da serra e dos lugares vizinhos se começa a amotinar e a correr para elles. Tiveram de fugir a toda a brida e viram assim perdidos

todos os seus trabalhos e tantos sonhos de felicidade!

28. *Enxota-diabos*. Pessoas encarregadas de deitar fora o diabo deve haver diferentes em todo o concelho, ha porem uma muito conhecida e concorrida numa freguesia ao nascente da villa. Na estrada de Barcellos a Famalição veem-se passar carros conduzindo os chamados possessos, carros que logo se denunciam como tais, porque levam uma pessoa de cada lado a atirar manadas de sal para toda a gente que encontram.

O modo como lá se faz o exorcismo ainda o não pude averiguar, o que tenho ouvido dizer é que custa 12.000 reis por cada pessoa, ao menos quando é chamado a casa. Ora, ainda me parece pouco para ensinar papalvos!

Voltando porem ao tom de seriedade e permittindo-me desta primeira vez uma reflexão sobre o caso, bom seria por honra de todos nós e do tempo em que estamos, que estas explorações da credulidade popular fossem desaparecendo! A idade media passou ha seculos e ha ainda tantos espiritos que teimam em voltar não a ella, mas á epoca da pedra lascada!

Os casos em que a Igreja permite os exorcismos (mas com autorisação do prelado para cada caso) são tão raros que poucas vezes se podem dar. Um delles é fallar o paciente linguas estrangeiras que nunca tenha aprendido; outro é praticar actos que se possam chamar sobrenaturais ou não explicaveis pelas leis da natureza. Ora todos sabem que os casos que ahí apparecem, de ha muito estão explicados pela me-

dicina, hysterismos, nevroses, neuro-pathias etc.

29. *Moiras encantadas*. N'uma mina junto ao Castello (monte que separa Middões de Santa Eulalia de Rio Covo) julga o povo que ha moiras a guardar um thesouro alli escondido, e dizem que em tempos antigos lá entrou um homem mais resolutu e que penetrando até ao fundo da mina as encontrou todas muito Bem sentadas em suas cadeiras e que nenhum mal lhe fizeram. Resa mais a chronica popular que ainda recentemente alguem lá foi espreitar por um dos oculos da mina e viu ao fundo uma dobadoira d'ouro e um jugo d'ouro.

30. *Almas penadas*. Era vulgarissimo nos tempos passados, não só aqui mas por toda a parte, o medo das almas do outro mundo. Agora esse medo vai desaparecendo felizmente.

Em todas as freguesias havia muitos logares infamados desse medo, sobretudo para quem alli passasse altas horas da noite. Em Middões ha uma poça do *Barreiro*, que fica junto d'um caminho, e era tradição que quem alli passasse entre as 11 horas e a meia noite ouvia sempre uma creança a chorar no meio do silvado que fica ao lado da poça.

Outro lugar tambem infamado era a cangosta da Verpilheira, um pouco a nascente da dita poça do Barreiro.

31. *Corredores*. O povo crê que ha pessoas que se mudam em animais e andam durante largos annos

a correr o fado, até que alguém lhes quebre o encanto e as faça voltar á forma primitiva.

32. *Bruxus*. Devem respeitar-se, quando se encontram, e até dar-lhes de beber, se o pedirem, porque já tem acontecido de ellas *bolcarem* o carro ao lavrador, que vai de noite pela estrada fora, só por have-las insultado de palavras.

33. Chuva em domingo de Paschoa tiras nozes d'aquelle anno.

COSTUMES

1 De qualquer pessoa que é feliz ou tem sorte costumam dizer que não a viu a raposa.

2 Uma mulher depois do parto deve estar de cama 30 dias e comer 30 galinhas.

3. As mãis ensinam as creanças logo de principio a nunca responderem *não*, mas *não senhor* a qualquer pergunta que lhes faz um superior. Responder *não* seria um acto de grande descortesia.

4. A's creanças que estão continuamente a esfregar os olhos ensinam tambem as mãis que os olhos só se esfregam com os cotovellos.

5 *Ver a avó do Porto*. E' um logro que se faz aos rapazes espertos. Pergunta-se-lhes se querem *ver a avó do Porto*: se elles caem em dizer que sim, levantam-se pelas orelhas até uma certa altura e pergunta-se-lhes se já a vêem: se respondem que não, vão-se erguendo cada vez

mais, até que os infelizes se veem obrigados a dizer que sim para se livrarem do supplicio.

6. Entre os 6 e os 7 annos é costume levar as creanças a S. Bartholomeu do Mar, (junto a Bspozende) para lhes não vir o mal da gotta.

Chegando lá fazem romaria á roda da igreja com um frango preto na mão, deixam a esmola ao santo e em seguida vão á praia lavar a cara na agua do mar. A' volta é de estylo trazer os bolsos recheados de conchas e buzinas, que lá se vendem baratas.

7. Apódos com que mutuamente se escarnecem algumas freguezias: os de Barcellos foram com o pallio a buscar a lua que se reflectia debaixo da ponte e elles julgavam ser a hostia consagrada; os de Santa Eugenia (Rio Covo) são os que ouvem tocar a garrida: os de Chavão são carvoeiros, os de Remele ovelheiros, os de Alvellos regatões de touros, os de S. Paio (Carvalhal) regatões de bois, os de Milhazes regatões de vaccas, os de Gilmonde e Villa Secca ceboleiros, os de S. Verissimo e das Necessidades telheiros: os da Pousa em tempo da lamprea roncam a toda a gente e no resto do anno andam de orelha caída: os de S. Miguel são peneireiros, os do Couto (Cambez) venderam J. Christo para comprar judeus, e os de Moure *ata-lhe a corda e vamos á ceia*: (diz-se que na vespera dum procissão de Passos estavam os armadores á noite a acabar de vestir o Senhor, quando um delles, que estava com fome, deu volta pela cozinha e vendo que já

levavam a ceia para a mesa, correu á porta da igreja e disse para o companheiro a frase citada, a que todos acharam muita graça e por isso pegou em moda).

8. *Romarias.* As mais concorridas do povo deste concelho e em geral do baixo Minho são: a Senhora da Abadia, em Terras de Bouro, a 15 de agosto; a do S. Torquate, além de Guimarães, na 1.^a domingo de julho; a do Espirito Santo no Bom Jesus de Braga; a de S. João em Braga; a da Agonia em Vianna do Castello.

9. O dia de mercado semanal é á quinta-feira. Feiras extraordinarias temos: a das *Cruzes* a 3 de maio, e as duas de gado em S. Bento da Varzea a 21 de março e a 11 de julho, a da Misericórdia junto a Braga, e a do S. Miguel em Famação (estas duas fóra do concelho).

10. Nalgumas freguezia usam trazer os porcos soltos pelos montados e caminhos, e para não penetrarem nos campos cultivados por qualquer abertura das silvas (do tapume) metem-lhes no pescoço a *canga*, que é uma especie de triangulo feito de tres sarrafos de madeira. São restos dos tempos em que se observavam as posturas municipais, pois o art. 61 dos *Accordãos da Camara Municipal da villa de Barcellos* de 1839 diz: *Nas aldeias os donos dos porcos não os deixarão sahir sem canga, pena de quinhentos reis.*

11. Quando se leva um porco á feira é costume atar-lhe uma corda a uma perna, e vai ordinaria-

mente uma pessoa a trás a segura-lo pela corda e a tange-lo com uma vergasta de oliveira, e outra a diante a deitar-lhe grão-de-milho ou centeio para o attrair.

No campo da feira (antigamente a feira dos porcos era em S. José ou no Jardim, depois foi na Bagoeira, e ultimamente é na Tamanguinha) tambem costumam deitar-lhes grão para os ter parados no mesmo sitio.

12. Nos porcos não deve bater-se muito, nem com varas grossas; são muito sensiveis na pelle e ás vezes um pequeno castigo lhes pode fazer muito mal. Por isso é vulgar o dizer-se que só se lhe pode bater com a saia das mulheres.

13. Os vitêlos, durante os tres ou quatro meses de leite, não os deixam sair fora com o outro gado para os campos, já para não perderem a cor viva e lustrosa, que tem, já porque não fazem senão correr e saltar e acontece muitas vezes quebrarem as pernas nos barrancos.

14. Quando se vão a vender á feira nunca se levam acompanhados da propria mãe, mas de outra qual-quer vaca. Nos primeiros dias depois da venda as mãis fogem do campo com saudade e vem procural-os a casa (ao quinteiro) onde os costumam deixar sempre, aliás iriam até ao ponto da feira, onde se separam delles.

15. Quando os animais se pagam logo no acto da venda, chama-se a isto *pagar á cabeça*. Nos animais grandes (bois, vacas, cavallos) o ordinario é dar sómente o sinal

e um fiador, e paga-los por completo na feira seguinte no caso de não terem defeito.

16. A's pessoas que se chegam para ajudar a comprar, a vender, ou a partir ao meio a duvida ou differencia é de estylo leva-las á venda e dar-lhes uma pinga.

17. Os creados e creadas alem da soldada ganham tambem os usos. A soldada varia, conforme os lugares, entre 10 e 17.000 reis para os creados e 7 e 11.000 reis para as creadas. Os usos são: 1 par de socos, 2 camisas (uma de linho e outra de estopa), 1 collete e 1 chapéu para os creados: 1 par de socos, 2 camisas, 1 saia, 2 lenços e 2 avantais para as creadas.

18. Os jornaleiros ganham nos serviços ordinarios a 100 reis diarios e as mulheres a 80; mas nos serviços pesados (roçar matto, carchar terreno etc) da-se a 120 reis aos homens e 100 ás mulheres, com algumas differenças duma extremidade do concelho para a outra.

Os jornaleiros porein que estão todo o anno ao serviço duma casa justam-se mais baratos.

19. *Casamentos.* Os casamentos de nossos pais ou avós (ha 50 para 70 annos) eram muito interessantes sobretudo nalgumas freguezias mais sertanejas do concelho. O noivo ou ia de capote ou vestia uma casaca de pano, que arremedava os nossos casacos de cinta. A camisa era de grade, isto é, tinha um collarinho de renda de quasi um palmo de altura, de modo que lhe envolvia mais de metade da cabeça. O cha-

peu era como as modernas cartolas, mas de fundo ligeiramente afunilado e de abas muito mais largas. Relógio não levava porque era rarissimo nos lavradores de então.

A noiva levava uma capa de pano fino ou ia de manilha a envolver-lhe a rosto quasi em forma de arco. O collarinho da camisa era talvez mais alto que o do noivo, mas dobrado sobre os hombros. O chapéu era tambem igual, somente mais enfeitado com requiès e penderucalhos. Recebida a benção nupcial eram os noivos cobertos de mandas de confeitos que os parentes e amigos arriavam ás mãos cheias sobre elles. A' volta para casa vinham á frente do cortejo e eram saudados a cada passo por tiros de bacamartes de boca de sino, que ás vezes se continuavam por todo o dia e faziam uma urraria medonha nas montanhas visinhas.

Dez annos depois já tudo estava mudado. Ainda me lembra que na minha infancia, ahi por 1870, quando se via algum velhote de chapéu alto, o povo gritava: *trovoada ao norte*, e aos que levavam collarinho de grade ao alto perguntava-lhes quanto queriam pelas caniças.

20. *Natal.* Em dia de *consuada* ou vespera de Natal, todos os filhos ausentes vem consoar com seus pais. E' costume geral de todo o norte do país, sobretudo para as classes pobres ou remediadas, ao contrario do que succede no sul. Para os creados de servir é sem duvida um alegrão, pois por todos os caminhos se veem passar logo de manhã com os cestos bem carregados (1 bolo, 1 bacalhau, 1 cabaço de vinho, 1 arratel de assucar etc.)

a gosar dois ou tres dias de folga em casa dos seus pais.

21. Cada lavrador mata um, dois ou tres porcos pelo Natal ou proximidades do Natal. Quatro ou cinco dias depois, ordinariamente em dia santificado faz o *sarrabulho*, para o qual convida os parentes e amigos.

22. *Entrudo*. Os divertimentos do entrudo são nas aldeias quasi nada em comparação do que vai nas cidades. Nalgumas partes joga-se a laranjada, noutras faz-se uma *sturdia* ou dança acompanhada de viola, noutras toca-se a requinta, o bandolim, o harmonium etc.

O maior divertimento do lavrador é tomar uma boa fartadela de orelheira de porco com salpicão e feijão branco.

E' costume dizer-se que o domingo gordo é dia de 7 caldos, a segunda-feira de 14, e a terça de 21.

23. *Deitar as almas*. Nalgumas freguesias do concelho (Faria, Silveiros, Rio Covo [Santa Eulalia], Villar, Pousa, S. Vicente d'Arcias etc.) costumam nalgumas noites da quaresma deitar as almas ou *botar a lóa*, como tambem lhe chamam.

Dois homens, que tenham voz de trovão, percorrem as differentes casas da freguesia a começar pela igreja: batem com um calhau a cada porta, depois tocam uma campainha e começa um delles a entoar com voz de Stentor a lóa ou estribilho seguinte: *alerta, alerta, que a vida é curta e a morte é certa! juizo rigoroso, inferno para sempre, ai do preguiçoso! Lembrai-vos das benditas almas do Purgatorio com um padre-nosso e uma ave-maria!* E logo

seguem seu caminho entoando alternadamente os padre-nossos e ave-marias do rosario, que devem compassar de modo que chegue para dar a volta a toda a freguesia.

E' de regra que se não saiba antecipadamente quem são os homens, por isso elles combinam tudo em segredo e fazem por desfigurar a voz, e nalgumas das citadas freguesias usam de embudes ou funis, o que torna absolutamente impossivel o reconhece-los. Em Silveiros andam mesmo embrulhados em lençois, para que ninguem os conheça pelo fato.

Em S. Vicente d'Arcias é um homem só a entoar o rosario de cima duma arvore muito alta, e mettendo o citado estribilho no principio de cada mysterio.

Nalgumas freguezias *deitam as almas* não na quaresma, mas na noite que precede os *fieis defuntos*,

24. *Paschoa*. Em domingo de Paschoa o parchoo percorre todas as casas dando as boas festas aos fregueses e a cruz a beijar pela mão do mordomo. A's vezes vai acompanhado de dois ou tres amigos, mas o que elle nunca dispensa são tres ou mais creados para colherem os follares, os ovos, as maçãs ou qualquer outra prenda que lhe offercem. Em cada casa de lavrador é costume demorar alguns instantes a fallar com os patrões, emquanto os differentes empregados que andam no *compasso* (nome com que se designa a visita paschal) provam do doce e do vinho, que abundantemente se lhes offerce.

25. *Segadas*. Podem ser da herava e do centeio e tem logar por

todo o mês de maio. Para uma e outra chama-se um rancho de homens e mulheres, que se dividem em dois turnos, uns a segar e outros a atar.

A herva depois de segada traz-se em carros ou carrellas para a eira, onde se põe em capuchos ou *mi-deiros*. Cerca de um mês depois estendem-se os molhos ao sol e sacodem-se ou batem com varas até deitarem fora a semente que ha de servir para o anno seguinte. A palha depois de bem secca guarda-se em palheiros ou empilha-se em forma de meda á roda de um pau, ficando exposta ao tempo. Tanto a um lugar como ao outro a vão buscar durante o anno para da-la ao gado misturada com o verde.

As segadas do centeio revelam talvez mais animação e vida, porque se prestam melhor para o desafio entre os segadores. Cada um leva a sua margem e procura sempre passar adiante do que vai na margem seguinte, para mostrar a sua valentia ou pimponice. Nestas segadas, em lugar de trazer para casa o centeio atado, emmideiram-no a um canto do campo, donde somente o trazem um mês depois para fazer a malhada.

26. *Malhadas*. De vespera collocam-se os molhos na eira ao sol em diferentes cordões. Cada cordão é formado de molhos encostados uns aos outros em forma de X ou tesoura de modo que fiquem sempre com as espigas ao sol. No dia seguinte os malhadores (8, 10, ou 12 conforme a quantidade do trabalho) repartem o centeio em tres *quartos* (partes), podendo durar o primeiro até ás 9 horas, o segundo

até ás 2 e o terceiro até ao fim da tarde.

E' um dos serviços mais violentos da lavoira e por isso só se escolhe para elle gente robusta e é de regra dar-lhe vinho quasi á discrição.

A palha aproveitavel ata-se em molhos grandes, chamados colmeiros e serve para encher enxergões, ou se vende para empalhar louça.

O palhiço miudo vai para o mesmo lugar e tem o mesmo destino que a palha da herva.

27. *Sachadas*. A sacha do milho tem lugar nos meses de maio junho e julho. A primeira sacha chama-se *decruar*, e é a mais demorada e custosa sobretudo quando ha muita milhã ou gramão pelo meio do milho. A segunda, que tem lugar 15 a 20 dias depois, chama-se *arrendar*.

O serviço do sacho é um dos demorados da lavoira e que precisa maior numero de gente. Não admira pois que se recorra ao canto para alliviar o cansaço e o ardor do sol: canta-se e canta-se a valer. E' principalmente nas sachadas que se aprendem as cantigas ou modas novas que circulam de terra em terra.

28. *Espadeladas*. As espadeladas são feitas em agosto, na eira, de noite ao luar. A' roda da eira collocam-se bancadas feitas de tabuas de pinho para se sentarem as espadeladeiras e no centro uma dorna cheia de manadas de linho, abafadas sob ãa manta.

Estas manadas estiveram ao sol durante o dia e conservam-se abafadas para manterem o calor, o que favorece muito o trabalho das espa-

deladeiras. Estas logo que acabam de espadelar ãa manada, batem com a espadela no espadeladoiro, e os rapazes que estão á roda da dorna, immediatamente lhes levam outra.

Nas espadeladas é costume tambem cantar-se muito, e ás vezes os patrões da casa para tornar a funcção mais animada chamam um *cantador* e uma *cantadeira*, que travam longos e quasi sempre admiraveis desafios.

O espectáculo mais notavel das espadeladas são as *mascaras* (=moços emmascarados, vestidos dum modo estrambotico e fallando de falsete) que vem conversar ás espadeladeiras.

As espedeladas duram até á meia noite, 1 ou 2 horas, conforme a quantidade de linho e o numero das espadeladeiras, e terminam quasi sempre por uma ou duas rodas de dansa.

As espadeladas de noite são agora bastante raras e tendem a desaparecer.

29. *Vendimas*. Na colheita da uva empregam-se homens e mulheres com escadas e cesta. Cada vendimador ao descer da escada despeja a cesta em qualquer dos varios cestos que estão collocados por baixo das arvores.

Ha uma ou mais mulheres encarregadas de levar os cestos á dorna, que está sobre o carro no meio do campo, e de apanhar os bagos que caem aos vendimadores.

30. *Esfolhadas*. E' o trabalho de esfolhar o milho, isto é, abrir as folhas que envolvem a espiga e arrancar esta para fora, deitando-a em cestos. Tem logar nos meses de setembro e outubro quasi simultanea-

mente com a vendima,

Fazem-se ordinariamente de tarde e á noite, porque de manhã segase o milho no campo e acarreta-se para casa. O facto mais notavel duma esfolhada é o apparecimento duma espiga *rainha*, ou espiga de grão vermelho, que dá origem a muita risota e divertimento.

31. A respeito dos ventos costuma dizer-se que o suão traz chuva e que o norte a faz fugir. A descrição mais completa ácerca dos mesmos ouvi-a a um homem da Povoia de Varzim e aqui a transcrevo, embora não pertença a este logar:

Norte escova do ceo
 Noroeste esquadrão
 Oeste gaivoteiro
 Sudoeste chuvoso
 Sul invernos
 Sueste neblinoso
 Nascente prega calotes
 Nordeste frioso.

32. A serração da velha no meio da quaresma parece desconhecida nestas aldeias; o que fazem quasi pelo fim da quaresma é tocar o *ruge-ruge* ou os terrinhos e apurar os que vão ao confesso muito tarde, já depois de cobertos os santos.

33. Em algumas freguesias, mas raras, ha o costume de levar algum rapaz inexperiente ao *piobardo*, ou á caça dum animal raro o que dá muito dinheiro.

E' o que em Tras-os-montes dizem levar aos *gambosinos*.

34. Dos que vivem é costume dizer-se *que estão a contar* ou a

acrescentar, e dos que morrem *que estão a descontar*.

35. Quando no S. Miguel andam pelas portas os mordomos dalgum santo a pedir esmola para a sua festa, ao receberem a esmola, que ordinariamente é em milho, vinho ou linho, costumam dizer: *Ora S. F.* (nome do santo para quem pedem) *lhe acrecente o que fica e lhe dê saúde para grangear outro:* e o que dá a esmola responde: *e a si lhe aceite as passadas.*

36. Os frangos, galliñas, pombos e coelhos, quando se vão vender á feira ou quando se levam de presente, vão sempre atados pelos pés, ficando ordinariamente um par de animais em cada atilho.

Os frangos e galliñas mais estimados são os que tem uma veia muito saliente debaixo da asa.

37. Quando nasce uma nova criança, costumam as mãis dizer aos outros filhos: *que o pai a foi buscar á roda.*

38. As mãis para tapar a curiosidade das crianças, que muitas vezes as ralam e importunam com perguntas, que é isto? que aquillo? que é aquelloutro? respondem-lhes: *é peixe agulha.*

Mais tarde tambem lhes ensinam que, quando lá por fora lhes perguntarem o que se come em casa, respondam: *linguas de preguntadores.*

39. O tratamento dos filhos aos pais é sempre: *senhor pai, senhora mãe* e nunca *meu pai, minha mãe*, embora sejam já grandes, ou tenham até casado.

40. A casa do lavrador neste concelho, como em boa parte do Minho, obedece na sua construcção a um typo geral, que é o seguinte: uma parte principal contendo no andar de cima a cozinha, salas e quartos para as pessoas da familia, e nos baixos a adega, o lagar é ás vezes as cortes do gado. A fachada exterior fica voltada para o caminho, para um terreiro, para um largo etc e a exterior estende-se em varanda voltada ao sol para apanhar o sol. Diante da varanda fica o *quinteiro*, coberto de matto, onde vivem os porcos.

Este quinteiro é cercado dos outros tres lados pelas cortes do gado, barras, cobêrtos, palheiros e ás vezes até só por um muro. A eira, o cubêrto da eira e os espigueiros ficam de ordinario fora ou ao lado desta construcção.

41. Os nomes dos dedos da mão são os seguintes: mendinho, seu visinho, maior de todos, furabolos, mata piolhos.

42. A' pequena depressão na parte posterior da cabeça chama-se cova da raposa. (1)

43. As pessoas que vem da feira, para enganar os rapazes que lhes pedem novidades, dizem-lhes que estavam guardas á ponte, jogando de vocabulo, vistos os dois sentidos da palavra guardas.

(1) Nô Riba-Tejo chama-se cova do ladrão. (Nota da Revisão.)

DITADOS

1. Justiça de Barcellos, fugir della.
2. Deus desavenha, quem nos a nós mantenha (dizem os advogados).
3. Articule quem souber e advogue quem quiser. (Este aforismo ouvi-o a um advogado, que pretendia mostrar-me que a parte mais difícil duma questão era fazer os articulados. Dizia te-lo lido num dos antigos tratadistas de Direito).
4. Quem vence uma demanda fica em camisa; quem a perde fica em leitão.
5. Dos enganos vivem os *escrivões*.
6. Falhe-me quem quiser, e prove-me quem souber (=o encargo mais difícil dum alfaiate é *provar* o fato).
7. Bem ensaboar é meia barba feita (dizem os barbeiros).
8. Janeiro geoso, fevereiro nevoso, março mollinoso, abril chuvoso, maio ventoso; fazem o anno formoso.
9. Vinho de março não vai a cabaço.
10. Lá vem o março corão, quem não tem meadas bota um steirão.
11. Quem em abril não varre a eira e em maio não sacha uma leira, anda todo o anno em canseira.
12. Em abril cada pulga para mil.
13. De maio para abril pouco ha que rir.
14. Em maio lavra-se co'a agna pelo rego.
15. Chovam 30 maíos e não chova um junho.
16. A casca do sobreiro em junho sai ao punho, em agosto ao mascoto.
17. Chuva da Ascenção dá pão.
18. Chuva do S. João tira o vinho e não dá pão.
19. Quem deixa a malhada para agosto, não malha a gosto.
20. Ande o anno por onde andar, o mês de agosto ha de aquentar.
21. Corra o anno por onde correr, o mês de agosto ha de aquecer (variante do anterior).
22. Semea as nabiças no pó e por ellas não deites dó.
23. Quem poda sem collete, vendima sem cesta.
24. Andar, marinheiros, andar, que vos não pilhe S. Simão no mar.
25. Pelo Sant'André, vai o sete-strélo á maré.
26. Para a sementeira do centeio, do cedo não escarmentes, do tarde não avezes.

27. Mal corre a Portugal, se não ha tres cheias antes do Natal.
28. Santa Luzia tira á noite e põe no dia.
29. Vermelho ao nascente, chuva de repente.
30. Lã no ceo, chuva na terra.
31. Tres manhãs de nevoeiro ou dão chuva ou vento.
32. Vento suão, chuva na mão; de inverno sim, que de verão não.
33. Andorinhas a voar ao pé da terra, temos chuva.
34. Anno landreiro, anno fahreiro.
35. Não ha melhor scavão que o dono do turão.
36. Se te derem o porquinho, pega-lhe pelo baracinho.
37. Quem não tem carro nem bois, ou anda antes ou depois.
38. Filho de ruim sair bò... lá vem o neto que sai ao avô.
39. As obras fazem-se das sobras.
40. Limpeza Deus a amou.
41. No tempo da realeza era tu-do uma limpeza.
42. A morte Deus temeu-a.
43. Casamento apartamento.
44. Quem se não sente, não é de boa gente.
45. Quem moe no seu *munho* e coze no seu forno, come o seu pão todo.
46. Quem parte e reparte e pasi não deixa a melhor parte, ou é tolo ou não tem arte (variante: ou merece que o mate).
47. Bocado que sabe não se dá ao frade.
48. Barriga cheia manda a perna.
49. Uvas, figos e melão é sustento de nutrição.
50. Quem vende sardinhas come gallinhas.
51. Muito bem se canta na Sé, mas é quem é.
52. Quem se deita sem ceia, toda a noite rabea.
53. O governo do sacco está na boca.
54. Uma mão lava a outra.
55. Homem pobre, nem quieto nem calado.
56. Mais vale uma hora de obediencia que um anno de penitencia.
57. Língua calada não ganha vareja.
58. Enquanto se capa não se assovia.

59. Bexigas e sarampelo tres vezes vem ao pêlo.

60. Se o liscranço ouvira e a víbora vira, não escapava pessoa viva.

61. Os porcos para serem bons devem ter tantos annos como pernas.

62. Nunca faltou um tolo para a corda do sino.

63. Homem velho e mulher nova, ou c. ou cova.

64. Cara risonha, fracas açções.

65. Chuva do norte não molha capote.

66. Quem cozinha com lenha verde gasta tres lenhas.

67. A lavoira dá-o e leva-o (para a fazer bem feita gasta-se quanto ella produz).

68. A lavoira dá-o cru e leva-o cosido (variante do antecedente).

69. Quem compra sem ter vender sem querer.

70. Quem não gosta do vinho não é amigo de Deus.

71. Cantam as rãs e os raros, temos calor.

72. Para ir ao Brasil não é preciso dar muitos passos, basta ir a Sequiade (ha nesta freguesia um lugar chamado Brazil).

73. Quem com ferros mata com ferros morre.

74. Campo de gramão, campo de pão.

75. Pelo S. João pinga a sardinha no pão.

76. Se estiveres na perdição, vira-te para a criação (um lavrador, quando tiver mal parada a sua vida, deve deitar-se a criar gado, que dá sempre um ganho certo).

77. Um lavrador deve ser pôrco (sujo do trabalho e não *fidalgão*).

Linguagem

PHONOLOGIA

VOGAIS

1. O *e* é aberto em: adéga, co-dégo, séca, tempéra: é fechado em: carrêlo, farêlo, cobêto (subst., porque sendo participio pronunciam cobêto), enxêbre, e tambem antes de palatal: pequerrêlo, percevêlo, zarêlo, pinguêlo, chavêlo, chavêlha, funêlo, gadêlha, ovêlha, monêlha, orêlha; canhêlo, redêlo, ingêlo; pardêlo.

Este *e* quando seguido de nasal em syllabas atonas sôa ás vezes *a*: çanradella, açanar, açano.

2. O *o* é aberto em: empôla, córte (ás vezes côrte): é fechado em: eirôgo, fôna, gôgo, lônas, ôvo, ôlho (mas ôlhos, ôvos no pl.), nos adjectivos ou part. pôsto (com-pôsto, dispôsto etc.), tôrto, formôso (pompôso, odiôso etc), mas é

aberto na forma fem. e no pl. destas tres palavras e seus compostos: pôsta, pôstos, pôstas (compôsta, compôstos, compôstas); tórta, tórtos, (às vezes tambem se ouve dizer tórtos) tórtas; formôsa, formôsos, formôsas (pompôsa, pompôsos, pompôsas).

3. As vogais iniciais atonas abrandam ás vezes em *e* ou *i*: Pergatorio, Demião, Deniel, ghergulho, quingosta, gheloso, incinho.

4. *Prothese*. Os casos de aumento duma syllaba inicial são bastante frequentes: acaijo (quasi), alembrar, ametade, alanterna, arreliquia, arreganhar, arrenegar, apraguntar, aquando, arreceber, arrecordar, assubida, assubir, acypreste.

5. *Suarabacti* ou intervação duma vogal junto ao *r* ou *l*: felores gangarena.

6. Ha um pequeno numero de palavras communs a grande parte do país em que a vogal final *a* ou *o* abranda em *e*: hortalice. loje, cuspe, corje, gorje, chuve (e chuiva).

7. *Assimilação*: vogais assimiladas a consoantes:

a) por influencia das guttaraes *c*, *g* e tambem do *r* a vogal vizinha muda-se em *a*: accupar, accasião, sagredo, brajeiro. labarinto, libardade, misarable, misara, marujar, sarradoiro, sarrar, tarrible etc.

b) por influencia das palataes, *ch*, *j*, *lh*, *nh*, *s*, *z*, a vogal vizinha muda-se em *i*: schar, chigar, gimer, jinella, mihor, sinhor.

c) por influencia das labiais *p*, *b*, *v*, *f*, *m*, *n* a vogal vizinha muda-se em *u*: Purdigão (em vez de Perdigão, nome de logar), supparar, supparação, pundão, buber, gravata, luvar, luvada, alumbrar, sumana, rumendo.

8. *Dissimilação*. Quando uma vogal apparece repetida em syllabas consecutivas duma palavra, nota-se logo a tendencia numa dellas para modificar-se noutra: ministro, Semião.

9. *Nasalamento*. A intervação duma nasal no meio da palavra é bastante vulgar: cantaretos (por cataratas), inducar, inducação, inzame, ingonia (agonia), lûa, lûar.

10. *Desnasalamento* ou perda de nasal: pelitrão (pelintrão), precipal, precepiar.

11. Accentos estranhos: livél ou nivél (por nível), maniáco ou maniéco.

12. Perda de syllaba, sobretudo a inicial: Delaide, Bastião, Zé, Zefa, Tone, gramasso, itriz, letria, temprar.

13. Passagem de palavras graves a esdrúxulas: arnicola (arnica), asylio, Bértulo (por Albértulo de Alberto), Camilia, crucificio, negacias, blusias, lesmias, trévolas (trévas).

14. Passagem de esdruxulos a graves: Antone por Antonio.

15. *Ditongos*.

O ditongo *au* em syllabas atonas sôa ás vezes ô: ôgadoiro, ôguei-

ro. O ditongo *ão* quando final e tónico sôa *ôu* ou *oum*: *sermourm*, *razoum*, *capelloum*; porem nos finais atonos sôa ordinariamente *o*: *orfo*, *orgo*, *Christovo*, *amavo*, *roubaro*.

Na boca do povo *ã* sôa *ão*: *hortelão*, *irmão* (*hortelã*, *irmã*), *mação* (*mações* no pl.)

Os ditongos *ou* e *oi* figuram um ao lado do outro, mas o primeiro é muito menos usado: dizem *ouro*, *outro* (às vezes *oitro*).

O ditongo *oi* é sempre pronunciado *ôi*: *rendôça*, *postôiro*, *seitôira*, *abezôiro*, *sôila*, *tornadôiro*, *lavadôiro*, *varredôiro*, *vassôira*, *zôina*.

16. *Reducção de ditongos*: *Manel*, *Ufemia*, *Ularia*, (*Eulalia*), *munho*, *consante*, *qando*, *qalidade*, *qal*, *qatro*, *qatorze*, *iteiro* (por *outeiro* ou *eiteiro*), *ugal*.

CONSOANTES

17. Aqui, como em todo o norte do país, não existe o *v*, que é substituído em todos os casos pelo *b*: *binho*, *biber*, *bibenda* etc. Um ou outro caso que apparece *v* na boca do povo é uma pretensão ou esforço, para imitar a linguagem da gente instruída e não a pronuncia natural do povo.

18. O *j* substitue muitas vezes o *s*: *Ʒabel*, *quijestes*, *fijestes*, *cruiidade*, *cruiidoso* (*curiosidade*, *curioso*).

19. O *m* final desaparece sempre nos subst. e muitas vezes nos verbos: *home*, *tapage*, *virge*, *onte*, *passage*, *viaje*; *louvo*, *roubo* (*louvam*, *roubam*) *louvaro*, *rouba.o* (*louvaram*, *roubaram*).

20. O *r* é a mais mudavel das letras dentro da palavra: *estrôvo*, *frimeza*, *truvo*, *Crastro*, *triato*, *probe*, *acarditar*, *apraguntar*, *mantraste* (*mentastro*). A's vezes intervalla-se em palavras a que não pertence: *Jacintro*, *brosque*, *esprital*, *grafanhoto*, *lestro*, *juzgar* (*jogar*), *jurgadoiro* (*jogadoiro*).

21. Os é tambem mudavel no prefixo *tres* (por *tras*): *strepassar*, *strefeerir* (*trasferir*), *strelouçar* (*treslouçar*) e tambem em *i*: *stifazer*, *stifeito*, por *satisfazer*, *satisfeito*.

22. O grupo *gn* sôa *n*: *malina*, *indinar*, *inorar*.

23. Em syllabas iniciais *al* sôa *aur*: *caurdo*, *maurga* *aurvoredro*; tambem *parautona* (*peraltona*), *mellreis* (por *mel reis* ou *mil reis*).

24. As finais *avel*, *ivel*, *ario*, *ica* sôam sempre *able*, *ible*, *airo*, *iga*: *agradable*, *incredible*, *vigairo*, *ladairo*: *gramátiga*, *prátiga*, *politiga*.

25. *Methatere fonetica* ou troca entre si das consoantes iniciais de syllabas consecutivas: *Madanela*, *aldigar*, *garibú*, *cefoiras*, *Jeromeno* (*Jeronemo* por *Jeronymo*), *manica*, *tanchão* (por *chantão*, de *plantaginem*), *redadeiro* (*derradeiro*).

26. *Troca de consoantes*, por outra de fora: *alimal*, *arbole*, *almario*, *arcançar*, *pruma*, *combanido*, *gotija*, *gômito*, *gomitar*, *borno*, *belancia*, *marafunda*. *gano*, *lagalhê*, *Guiteria*, *perca*.

Em *Augustio*, *macigueira* (*macieira*) e *indemigo* não ha troca de consoantes: na primeira ha a in-

fluencia da palavra *angustia*, na segunda ha a epenthese dum *g* para evitar o hiato, e na terceira a intervallação dum *d*.

MORPHOLOGIA

1. *Numero e género.*—Os nomes em *ão* fazem raramente *ãos* e ordinariamente em *ões*: christãos, mãos, Pagãos e Pagões (nome de lugar), alviões, tabelliões, capellões, allamões, cidadões.

Attribue-se até a um celebre deputado por Barcellos o haver soltado no parlamento esta ultima palavra. Elle disse muito bem, porque fallou consoante a linguagem do povo que representava, a qual perante, a Glottologia vale tanto ou mais que a dos centros que se dizem civilisados.

Admittindo mesmo que fosse um erro por ser forma dialectal, entendo que será mais facilmente desculpavel do que gastar tempo em apreciações e confrontos com a *Nana* de E. Zola (romance prohibido na Alemanha, na Austria e na Russia como *realista* de mais),—facto que provocou o riso do nosso Camillo Castello Branco: «O' Ferreira Borges, ó Fernandes Thomás, ó Rodrigo da Fonseca, ó Garrett, ó José Estevão! Vejam vossês! A *Nana* no parlamento com escala por Barcellos! Zut!»

[*Cartas de Camillo Castello Branco* por Silva Pinto, Lisboa, 1895, pag. 142 e seguintes).

Pelles ou antes *pel* faz *pelles*.

Pós ou *poses*.

2. Emprega-se o adj. biforme *rudo*, *-a* e não *rudo*.

Fallando das tem as dos animais e tambem ás vezes das mulheres usa-se a palavra *preñha* e não *pre-*

nhe (grávida). Quando se trata das mulheres o mais usual é dizer, *embaraçada*, *embarrada*, *pejada*.

Má em certas frases é uniforme: *má home*, *má mulher*.

3. Ha muitas formas subst. ou adj. que, embora, tenham a apparencia do plural, são verdadeiros singulares: *magricellas*, *mancalatrannas*, *pantalazannas*, *pantannas*, *traquinannas*, *ianas*, *trapólas*, *tabordas*.

4. *Graus.*—Ao lado de *melhor*, *pior*, *maior* e *menor*, tambem dizem *mais melhor*, *mais pior*, *mais maior* (ou *mais grande*), e *mais melhor* (ou *mais pequeno*).

5. *Pronomes.*—Usam *ũa*, *le*, *les*, em vez de *una*, *lhe*, *lhes*.

O pronome *nos* confunde se muitas vezes na pronuncia popular com *mos* desinencia verbal: ex: «é preciso fazernos isto».

Soutro é tambem muito usado em vez de *ess'outro* ou simplesmente *se outro*: «se outro dia (=ha dias) encontrei o reitor na entrada».

6. *Verbos.*

O verbo *ser* faz no indicativo presente:

sêmos

soides (*señdes* ou *soudes*)

e no preterito:

fostes (2.^a do s. e do pl.)

7. Os verbos em *-ar* fazem no indicativo presente:

amamos

amades [ou *amandes*].

e no preterito:

amastes (2.^a do s. e do pl.)

amades

8. Os verbos em *-er* e *-ir* fazem no indicativo presente:

deveides [ou *devendes*].
partides [ou *partindes*].

e no preterito:

devestes (2.^a do s. e do pl.)
partistes »

9. Em todas as tres conjugações a 2.^a pessoa do plural do imperativo termina em *de*: *amaide*, *deveide*, *partide*.

10. O verbo *affligir* faz no indicativo presente:

afflêges
afflege.

11. *Marmorar* faz no indicativo presente:

marmôro
marmôras
marmôra
marmôram.

12. *Trazer*.

No preterito faz:

troufe ou *trouxe*
troufestes etc.

13. *Correr* e *fugir*

Fazem no imperativo:

côrre
fuge ou *fôge*.

14. *Vir*

Faz no preterito:

vêu (3.^a pessoa do s.)

15. *Ouvir*

Participio:

ouvisto.

16. *Thematologia*.

Um dos primeiros factos que notamos logo é mudar os nomes de

logar do concelho de Barcellos é que, ao juntar um novo suffixo a um thema para formar novos derivados, raras vezes se elide a vogal final do thema: *Regainho*, *Fontainha*, *Frescainha* em vez de *Reguinho*, *Fontinha*, *Fresquinha*.

17. Quando uma palavra começa a tomar um sentido colectivo, surge logo um derivado com o suffixo *eiro* para representar o sentido primario: *cabelleiro*, *linheiro*, *milheiro*, *graciro*, *pelleiro*, *matteiro* significam um só cabelo, uma só haste de linho, uma só haste de milho, um só grão, um só pêllo, uma só haste de matto, porque cabelo, linho, milho etc são verdadeiros collectivos.

18. Em *desmanuir* por *diminuir* ha evidentemente uma confusão com o prefixo *desusado* noutros verbos: *des* - fazer, *des* - tacar, *des* - andar.

19. *Particulas*.

*Dês*pois=depois.

Antes que=ainda que.

Aindas que= »

Soment.s=sómente

Intrementes—enquanto que.

Agôra=interj. de admiração.

Eiax=interj. de tanger os os bois.

Ei-lá-ei= »

Ou! ou!—interj. de parar.

FRASES

Ainda has de comer muitas rãs de sal para poderes tanto como F.=ainda hão de passar muitos annos para etc.

Ainda não sabes metade da mis-

sa—ainda tens muito que aprender.

Cair de cangalhas—cair e ficar estatelado no chão. É uma expressão derivada do que succede, quando se tomba um carro bem carregado.

Ir de cangalhas, significa o mesmo.

Estar de cangalhas—estar estirado no chão (fallando de qualquer pessoa).

Cair como um des—cair como um pato.

Comer a dois carrinhos—comer o dobro, comer muito.

Dar conta dum objecto—dar cabo delle.

Deitar-se como um gato a bofes—atirar-se com toda a paixão.

Deixar terra para feijões gallegos—fugir apressadamente sujando tudo por onde passa e deixando a terra como que estrumada para semear feijões gallegos.

Disso não sei patavina—disso nada sei.

Dizer sapos e lagartos de alguém—dizer muito mal de alguém.

Essa é de escacha-pessegueiro—essa é de marca maior, é extraordinaria.

Fazer barulho como a cavallaria de Chaves—fazer um grande barulho.

Fazer barulho como sete pobres em palheiro—fazer muito barulho.

Fazer cruces na boca—ficar a ver navios, perder uma boa occasião.

Fazer uma Africa—praticar um acto extraordinario.

Fazer uma vasa—fazer uma maravilha.

Ficar a vêr navios—não conseguir o que se esperava.

Gaba-te, cestat—não estejas a intrujar, vai mentir lá fóra. (É a resposta que se dá aos que estão a gabar-se de coisas que não podiam fazer).

Homem das Arabias—homem valente, raro, extraordinario.

Ir numa poeira—ir depressa.

Ir num pé só—o mesmo.

Ir numa volantina—o mesmo.

Ir de catrambias—ir de canto em esquina, caindo aqui e levantando-se acolá.

Ir tudo raso—destruir tudo diante de si.

Ir olhar os pitinhos ao vigairo.
—morrer (fallando das creanças).

Luxo fora de villa e termo—luxo desmarcado. (Expressão já usada por Camillo, *Historia de Gabriel Malagrida*, Lisboa, 1875, pag. 71).

Pancadaria car. bicho—

pancadaria de abrir chagas ou pisaduras.

Passar a perna a alguém==passar-lhe a diante, excede-ló, levar-lhe vantagem.

Pegar-lhe com um trapo quente==ser impossivel acudir a um negocio, perder-lhe as esperanças.

Perder a cabeça==ficar fora de si, não fazer senão tolices, irritar-se muito, exasperar-se.

Pintar um burro==ser muito divertido, fazer partes engraçadas.

Pintar a manta==o mesmo.

Pôr peito á bala==expôr-se a um gravissimo perigo.

Sabes tanto disso, como eu de lagares dazeite==nada entendes disso.

Ser um barra==distinguir-se ou assinalar-se em qualquer coisa.

Ser, como o sol==ser franco, ser sincero. No Porto ouvi uma vez dizer: *isto é como o senhor sol*, no mesmo sentido.

Sete cães a um osso==muitos pretendentes a um logar.

Só se perderam as que caíram no chão==ainda merecias muitas (pancadas).

Tu andas a ler==andas abstracto, andas a pensar noutras coisas, d'isto pouco entendes.

Midões—Barcellos—Abril de 1912.

A. Gomes Pereira.



A REVISTA DO MINHO publica-se em 4 tomos em
meses de Abril, Junho, Outubro e Janeiro de cada anno, formando
doos 4 tomos um volume.
No fim de cada anno ha um indice por tomos e por
dos artigos contidos no mesmo, bem como se collocam um
copa para cada tomo.

REVISTA DO MINHO

publicação quinzenal
para o estudo das tradições populares
dirigida por
José da Silva Faria
colaborada por todos os folkloristas
portuguezes e estrangeiros

Essa publicação
tem o intuito de...
Estabelecimento...
Toda a correspondencia deve ser
dirigida á imprensa da Revista do
Minho em seu endereço. Não se
deve enviar dinheiro.

ENSAYOS

ETNOGRAFIA

1. Folclore do Varamundo
por
JOÃO V. A. SILVA
Muito interessante e completa
esta publicação em linguagem popular
para todos os leitores.

2. O folclore das aldeias
Lendas e mitos das aldeias
do Varamundo. Livro de
memórias e estudos de
folclore de uma aldeia
do Varamundo. Livro de
memórias e estudos de
folclore de uma aldeia
do Varamundo.

1932
Livraria...
Livraria...

A REVISTA DO MINHO publica-se em 4 tomos, nos mezes de Abril, Julho, Outubro e Janeiro de cada anno, formando os 4 tomos um volume.

No fim de cada anno levará um indice por letra alphabetica dos artigos contidos no mesmo, bem como será fornecida uma capa para brochura.

REVISTA DO MINHO

publicação quinzenal

para o estudo das tradições populares

dirigida por

José da Silva Vieira

collaborada por todos os folkloristas portuguezes e estrangeiros

Assignatura

Anno, Portugal..... 60

Estrangeiro..... 1:00

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empresa da Revista do Minho ou ao seu director, José da Silva Vieira — ESPOZENDE.

Collecção de Silva Vieira

ENSAIOS

ETNOGRAFICOS

por

J. Leite de Vasconcello

VOL. 1.^o

2.^a EDIÇÃO

Muito melhorada e revista pelo autor, impressa em magnifico papel, com perto de 400 paginas

1500 REIS

A venda nas livrarias de Lisboa, e em casa do autor José da Silva Vieira Livraria Espozendense — remetendo-se pelo correio a quem os requisitor mediante a sua importancia e mais 25 reis para o porte.

Pedidos ao editor — ESPOZENDE

ONYHIA DO

Bouro,

por

de A. GOMES PEREIRA